

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS

Jéssica Estevão Ribeiro

**A RETEXTUALIZAÇÃO DE CRÔNICAS PARA MEMES  
COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS**

BELO HORIZONTE  
2020

JÉSSICA ESTEVÃO RIBEIRO

**A RETEXTUALIZAÇÃO DE CRÔNICAS PARA MEMES  
COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Área de Concentração:** Linguagens e Letramentos

**Linha de Pesquisa:** Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

**Orientador:** Prof. Dr. Evaldo Balbino da Silva

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata CRB/6-2706

R484r Ribeiro, Jéssica Estevão.  
A retextualização de crônicas para memes como estratégia de leitura de textos literários [manuscrito] / Jéssica Estevão Ribeiro. – 2020.  
272 p., enc.: il., grafs, tabs (color)  
Orientador: Evaldo Balbino da Silva.  
Área de concentração: Linguagens e Letramentos.  
Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes.  
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 111-113.  
Apêndices: f. 114-115.  
Anexos: f. 156-272.  
  
1. Gêneros discursivos – Teses. 2. Estratégia textual – Teses. 3. Compreensão na leitura – Teses. 4. Língua portuguesa (Ensino fundamental) – Estudo e ensino – Teses. 5. Leitura – Aprendizagem – Teses. 6. Letramento – Teses. 7. Memes – Teses. I. Balbino, Evaldo, 1976-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 372.4



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO PROFISSIONAL



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### **A retextualização de crônicas para memes como estratégia de leitura de textos literários**

**JÉSSICA ESTEVÃO RIBEIRO**

Trabalho de conclusão submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em LETRAS, área de concentração LINGUAGENS E LETRAMENTOS.

Aprovado em 30 de setembro de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Evaldo Balbino da Silva - Orientador  
UFMG

Profª. Ilca Vieira de Oliveira  
UNIMONTES

Profª. Leni Nobre de Oliveira  
CEFET-MG

Prof. Cristiano Silva de Barros  
UFMG

Belo Horizonte, 30 de setembro de 2020.

Prof. Luiz Francisco Dias  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em LETRAS/MP

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que de alguma forma me apoiaram e contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a Deus em primeiro lugar, meu Mestre, por ter me sustentado nos momentos mais difíceis e me permitido chegar até aqui.

Aos meus pais e aos meus irmãos por me apoiarem e acreditarem em meus sonhos.

Ao meu marido pelo amor e apoio incondicional, pelas horas dirigindo para me buscar toda semana em outra cidade, enfim, por sempre se doar tanto pelos meus sonhos.

A minha filha Beatriz, que mesmo em meu ventre, me dá forças para seguir em frente.

A minha tia Lúcia, que me acolheu em sua casa durante meus estudos, com cama, comida quentinha e principalmente com muito amor e cuidado.

Aos meus colegas de turma, por tornarem a caminhada mais leve.

Em especial aos meus amigos de estrada, Márcia, Lucas e Valdinéia por toda a amizade, companheirismo e por transformarem a experiência do mestrado em algo singular.

Aos meus amigos Neudimar e Lucca, pelo incentivo e parceria durante todo o processo.

Ao apoio da Escola Estadual Regina Pacis, em especial a turma do 9º ano, pela participação e dedicação durante as oficinas do Projeto de Ensino.

Ao meu orientador, Evaldo Balbino, pelas palavras de incentivo, pelo suporte e orientação durante este trabalho.

A banca pelas valiosas contribuições para a realização desta pesquisa.

E a todos os professores do PROFLETRAS, pelas aulas impecáveis e por contribuírem tanto para o meu crescimento humano e profissional.

*A educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida.*

Célestin Freinet

## RESUMO

Com os adventos digitais, faz-se cada vez mais urgente a procura por práticas pedagógicas que busquem atrelar o ensino da língua portuguesa a práticas de letramento digital na perspectiva de despertar o interesse dos alunos pelas aulas de língua portuguesa e ampliar suas habilidades referentes à leitura. Este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de um projeto de ensino desenvolvido através de atividades de retextualização, tendo como foco dois gêneros – a crônica literária e o meme –, com os alunos do 9º ano do ensino fundamental II, na perspectiva de aproximá-los de práticas de letramento literário e ampliar seus conhecimentos relativos à inferência de informações, de forma a contribuir para sua formação de leitor crítico e reflexivo. A pesquisa tem caráter qualitativo, intervencionista e foi aplicada a alunos do ensino fundamental II de uma escola pública da Zona da Mata Mineira e justifica-se por propor reflexões sobre práticas pedagógicas contemporâneas que visem à formação do leitor literário, como também a desenvolver uma habilidade de leitura essencial para a compreensão de todos os gêneros – a inferência. Além disso, busca associar o processo de ensino e aprendizagem a um gênero muito utilizado pelos alunos, o meme, que é aqui associado ao gênero crônica, visto que ambos, de modo ágil, exercem o papel de desenvolver no leitor uma visão de mundo crítica e reflexiva. As informações para a pesquisa foram obtidas através de anotações no diário da professora-pesquisadora, gravações em áudio, além das análises dos questionários e memes produzidos. Para a realização dos estudos, consideraram-se as competências sugeridas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o referencial teórico baseado, principalmente, nas seguintes obras: *Retextualização de gêneros escritos* (2007), de Regina L. Dell’Isola; *Estética da criação verbal* (1997), de Mikail Bakhtin; *O gene egoísta* (2007), de Richard Dawkins; “O direito à literatura”, presente em *Vários escritos* (2004), de Antonio Candido; *Letramento literário: teoria e prática* (2016), de Rildo Cosson; *Gêneros orais e escritos na escola* (2004), de Joaquim Dolz e outros autores. Além disso, recorremos também a trabalhos de Luiz Marcuschi e Jorge Sá, como *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (2001) e *A crônica* (2008), respectivamente. Os resultados da pesquisa apontaram que os processos de retextualização, atrelados aos gêneros propostos, contribuíram para ampliar as habilidades de leitura inferencial relacionadas à ironia, ao humor e ao senso crítico, bem como possibilitaram relacionar o processo de letramento literário a uma prática agradável, contemporânea e capaz de estimular a leitura eficaz dos gêneros textuais trabalhados.

**Palavras-chave:** retextualização, crônica, meme, inferência, leitura.

## ABSTRACT

With the digital advent, the search for pedagogical practices that seek to link the teaching of the Portuguese language to digital literacy practices is becoming more and more urgent in order to awaken students' interest in Portuguese language classes and expand their reading skills. This work aims to present a proposal for a teaching project developed, through textualization activities, focusing on two genres - the literary chronicle and the meme, with the students of the 9th grade of the middle school, in the perspective of bringing them of literary literacy practices and expand their knowledge regarding information inference, in order to contribute to their formation as a critical and reflective reader. The research has a qualitative, interventionist character and was applied to middle school students from a public school in the Zona da Mata Mineira and is justified by proposing reflections on contemporary pedagogical practices aimed at training the literary reader, as well as developing a skill of essential reading for the understanding of all genders - inference. In addition, it seeks to associate the teaching-learning process with a genre widely used by students - the meme, which will be associated with the chronic genre, since both play the role of developing a critical and reflective worldview in the reader. The information for the research was obtained through notes in the diary of the teacher-researcher, audio recordings, in addition to the analysis of the questionnaires and memes produced. To carry out the studies, the competences suggested by the National Common Curricular Base (BNCC in portuguese) are considered, and the theoretical framework is based mainly on the following works: *Retextualização de gêneros escritos* (2007), by Regina L. Dell'Isola ; *Estética da criação verbal* (1997), by Mikail Bakhtin *O gene egoísta* (2007), by Richard Dawkins; “*O direito à literatura*”, published in *Vários escritos* (2004), by Antônio Candido; *Letramento literário: teoria e prática* (2016), by Rildo Cosson; *Gêneros orais e escritos na escola* (2004), by Joaquim Dolz and others authors. In Addition, we also used works by Luiz Marcuschi e Jorge Sá, such as *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (2001) and *A crônica* (2008) respectively. The research results pointed out that the textualization process, linked to the proposed genres, contributed to expand the inferential reading skills related to irony, humor and criticism, as well as to relate the literary literacy process to a pleasant, contemporary practice capable of stimulating effective reading of these textual genres.

**Keywords:** retextualization, chronicle, meme, inference, reading.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> .....	24
<b>Figura 2</b> .....	24
<b>Figura 3</b> .....	24
<b>Figura 4</b> .....	47
<b>Figura 5</b> .....	47
<b>Figura 6</b> .....	48
<b>Figura 7</b> .....	54
<b>Figura 8</b> .....	54
<b>Figura 9</b> .....	55
<b>Figura 10</b> .....	58
<b>Figura 11</b> .....	59
<b>Figura 12</b> .....	61
<b>Figura 13</b> .....	61
<b>Figura 14</b> .....	61
<b>Figura 15</b> .....	61
<b>Figura 16</b> .....	62
<b>Figura 17</b> .....	63
<b>Figura 18</b> .....	64
<b>Figura 19</b> .....	64
<b>Figura 20</b> .....	65
<b>Figura 21</b> .....	67
<b>Figura 22</b> .....	67
<b>Figura 23</b> .....	73
<b>Figura 24</b> .....	73
<b>Figura 25</b> .....	74
<b>Figura 26</b> .....	74
<b>Figura 27</b> .....	75
<b>Figura 28</b> .....	76
<b>Figura 29</b> .....	77
<b>Figura 30</b> .....	77
<b>Figura 31</b> .....	78
<b>Figura 32</b> .....	79

<b>Figura 33</b> .....	80
<b>Figura 34</b> .....	81
<b>Figura 35</b> .....	82
<b>Figura 36</b> .....	83
<b>Figura 37</b> .....	83
<b>Figura 38</b> .....	84
<b>Figura 39</b> .....	84
<b>Figura 40</b> .....	85
<b>Figura 41</b> .....	85
<b>Figura 42</b> .....	86
<b>Figura 43</b> .....	87
<b>Figura 44</b> .....	88
<b>Figura 45</b> .....	88
<b>Figura 46</b> .....	89
<b>Figura 47</b> .....	89
<b>Figura 48</b> .....	90
<b>Figura 49</b> .....	90
<b>Figura 50</b> .....	90
<b>Figura 51</b> .....	91
<b>Figura 52</b> .....	91
<b>Figura 53</b> .....	92
<b>Figura 54</b> .....	92
<b>Figura 55</b> .....	93
<b>Figura 56</b> .....	94
<b>Figura 57</b> .....	94
<b>Figura 58</b> .....	95
<b>Figura 59</b> .....	102
<b>Figura 60</b> .....	103
<b>Figura 61</b> .....	103
<b>Figura 62</b> .....	104
<b>Figura 63</b> .....	104
<b>Figura 64</b> .....	105

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	46
Quadro 2.....	49
Quadro 3.....	56
Quadro 4.....	56
Quadro 5.....	62
Quadro 6.....	70
Quadro 7.....	71

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> .....	38
<b>Gráfico 2</b> .....	38
<b>Gráfico 3</b> .....	39
<b>Gráfico 4</b> .....	40
<b>Gráfico 5</b> .....	40
<b>Gráfico 6</b> .....	41
<b>Gráfico 7</b> .....	41
<b>Gráfico 8</b> .....	42
<b>Gráfico 9</b> .....	42
<b>Gráfico 10</b> .....	43
<b>Gráfico 11</b> .....	43
<b>Gráfico 12</b> .....	96
<b>Gráfico 13</b> .....	97
<b>Gráfico 14</b> .....	98
<b>Gráfico 15</b> .....	98
<b>Gráfico 16</b> .....	99
<b>Gráfico 17</b> .....	99
<b>Gráfico 18</b> .....	100
<b>Gráfico 19</b> .....	101
<b>Gráfico 20</b> .....	101

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	19
2.1 O gênero digital meme .....	19
2.2 O gênero crônica.....	24
2.3 Retextualização e tradução intersemiótica .....	29
2.4 Textualidade .....	32
<b>3 METODOLOGIA E CONTEXTO DE PESQUISA</b> .....	35
3.1 As oficinas .....	44
3.1.1 Oficina 1 – A crônica.....	44
3.1.2 Oficina 2 – O meme.....	57
3.1.3 Oficina 3 – Retextualização.....	65
3.1.4 Oficina 4 – A retextualização das crônicas para memes .....	66
<b>4 OS MEMES RETEXTUALIZADOS</b> .....	69
4.1 Os convidados.....	69
4.2 Análise dos memes .....	72
4.3 Sobre os painéis .....	93
4.4 Questionário final .....	95
4.5 Depoimentos dos alunos.....	102
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	112
<b>APÊNDICES</b> .....	115
<b>ANEXOS</b> .....	157

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a internet se faz cada vez mais presente em diversos âmbitos sociais, o que configura uma nova forma de se comunicar na atual conjuntura. Como consequência, a cultura da leitura também sofreu mudanças significativas, composta em sua maioria por textos curtos acompanhados de imagens, de movimento, entre outros elementos não verbais. Portanto, faz-se necessário incluir esses gêneros nas práticas pedagógicas, assim como orientam os documentos oficiais, na perspectiva de formar cidadãos capazes de inferir criticamente seja no âmbito social, seja no âmbito digital. Além disso, observa-se também que, apesar da quantidade de informações diárias, viabilizadas pelas tecnologias de informação e comunicação, acessíveis às pessoas, estas tendem a ter dificuldades de filtrá-las e construir um posicionamento crítico frente às situações. Nesse sentido cabe aos professores mediar esse conhecimento, através da inclusão de práticas pedagógicas que possibilitem ao aluno vislumbrar a realidade de forma crítica, como também inferir e ser capaz de transformar o meio em que vive.

Através dos textos literários é possível explorar o lúdico, desenvolver a imaginação e vivenciar outras realidades, que senão por meio da ficção, seriam impossíveis, sendo tal experiência essencial para o equilíbrio da mente, como afirma Candido (2004). Contudo, a importância dos textos literários vai além da recreação, tendo-se em vista que estes também são essenciais para o ser humano, na intenção de proporcionar a reflexão sobre o mundo que vivem, sobre a evolução da sociedade, na tentativa ilustrar o mundo e assim tentar evitar que alguns erros sejam novamente cometidos pelo ser humano. Entretanto, desenvolver práticas pedagógicas no âmbito literário tende a ser um desafio na sala de aula, visto que o trabalho com esses tipos de textos ainda é, muitas vezes, feito numa perspectiva que visa ao desenvolvimento de habilidades linguísticas e gramaticais, roubando do aluno o deleite da leitura e a possibilidade de refletir ricamente sobre temas que permeiam o dia a dia, como também tirando-se a possibilidade de refletir sobre o papel de cada um na sociedade.

Os documentos oficiais estão cada vez mais voltados ao direcionamento para práticas pedagógicas que visem à formação de um cidadão ativo e atuante em seu meio, haja vista que o mundo moderno necessita de pessoas protagonistas e transformadoras de sua realidade, com capacidade de inferir criticamente e resolver os problemas da sociedade. Desse modo, tornam-se imprescindíveis atividades que levem o aluno a refletir e a entender o que há de subentendido por trás de cada discurso, seja ele verbal ou não verbal, com o propósito de ampliar seu olhar crítico e fazê-lo entender o papel da linguagem em diferentes contextos.

A vivência em leitura a partir de práticas situadas, envolvendo o contato com gêneros escritos e multimodais variados, de importância para a vida escolar, social e cultural dos estudantes, bem como as perspectivas de análise e problematização a partir dessas leituras, corroboram para o desenvolvimento da leitura crítica e para a construção de um percurso criativo e autônomo de aprendizagem da língua. (BRASIL, 2017, p. 244)

Ainda nesse sentido, Dell’Isola (2007) reitera a necessidade de práticas tracejadas em gêneros com a finalidade de ampliar a capacidade dos alunos de lerem variados textos, “combinando estratégias de decifração com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação” (DELL’ISOLA, 2007, p. 12). Oportunizar atividades que ampliem as habilidades de leitura dos estudantes, a fim de contribuir para a sua formação crítica e reflexiva a respeito da realidade que os cercam, torna-se primordial para inseri-los em uma sociedade letrada, permitindo-lhes a possibilidade de pensar e agir sobre a mesma.

Como professora da Rede Estadual do Ensino do Fundamental II e do Ensino Médio, é sempre desafiador para mim envolver e cativar os alunos a partir do trabalho com textos literários, visto que eles não se sentem cativados pelo assunto devido a este estar atrelado ao ensino normativo da língua portuguesa. Através das aulas de leituras propostas, o principal problema observado está ligado diretamente à falta de incentivo à leitura por parte da família do aluno e do próprio ambiente escolar que, muitas vezes, não contempla propostas que o estimulem a desenvolver tal competência. Sendo assim, essa pesquisa tem por objetivo contribuir com os estudos de práticas contemporâneas de letramento literário com o propósito de promover e estimular a leitura e, assim, assistir outros docentes na busca por metodologias que auxiliem numa mudança do atual cenário da educação.

Dessa forma, a questão norteadora partiu de uma necessidade real, a partir da minha observação e experiência como professora da rede de ensino pública, de buscar estratégias que envolvam os alunos e despertem o interesse pelas aulas de língua portuguesa. Além disso, é relevante o trabalho com os novos gêneros que circulam nos suportes digitais, na tentativa de ilustrar que o mundo se comunica, também, através desses textos e, portanto, até mesmo por meio de gêneros como o meme, aparentemente desprezioso e amplamente utilizado no dia a dia do educando, é possível refletir e se posicionar criticamente a respeito de variados assuntos que permeiam a sociedade.

Assim, esta pesquisa propõe analisar em que medida um projeto de ensino com gêneros que possuem finalidades comunicativas semelhantes, mas estruturas tão diferenciadas, pode se adequar ao propósito de ampliar as habilidades de leitura e produção textual do aluno. Além disso, o presente trabalho busca contribuir com as práticas de ensino e aprendizagem que

envolvem as tecnologias de informação e comunicação - TIC's –, as quais podem, no ensino da Língua Portuguesa, envolver os estudantes, bem como estimulá-los a partir de aulas mais atrativas e de estratégias que utilizam gêneros com que os mesmos se identificam e, assim, tornar o aprendizado uma experiência de deleite. Segundo Cosson (2016), o trabalho literário deve ser significativo e demonstrar a função do texto literário no espaço escolar:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2016, p. 23)

Atualmente, diferentes gêneros textuais podem ser encontrados e utilizados nas mais distintas situações do cotidiano, e em plataformas diversas, seja no âmbito impresso ou digital. Por isso é fundamental levar o educando, por meio de boas práticas de leitura, não só a questionar as informações que recebe, mas a ter um bom domínio desses gêneros e das capacidades linguísticas associadas ao seu uso. Se por um lado o uso dos recursos midiáticos possibilita aos jovens o acesso intenso à informação, por outro lado faz com que a leitura nem sempre seja analisada de forma coerente e aprofundada, criando assim a necessidade dos educadores mostrarem a importância de subentender os discursos e assim levá-los a construir sentido para o que leem, seja em textos verbais ou não verbais, preparando-os para práticas sociais cotidianas.

Posto isso, propomos nesta pesquisa um trabalho de retextualização com a utilização de dois gêneros, crônicas para memes, com a finalidade de contribuir com o estudo de práticas pedagógicas de letramento literário e com o objetivo de que o aluno entenda de forma crítica o tema apresentado em uma crônica, a partir da leitura de textos deste gênero, bem como da retextualização do tema central e da intencionalidade discursiva presentes neles, passando essas informações para um novo gênero, o meme.

A escolha do gênero crônica, nesta pesquisa, deu-se pelo fato de que este aborda temas cotidianos, de maneira crítica, irônica, reflexiva e humorística. Por outro lado, o gênero meme é bastante reconhecido e utilizado entre os adolescentes, como também apresenta temas relacionados com o cotidiano, assim como as crônicas, que retratam o dia a dia da sociedade de maneira ácida, irônica e divertida, além de também abordar temas ligados ao social, sendo possível levar o docente a profundas reflexões sobre assuntos do cotidiano, e assim conduzir seus alunos a inferirem sobre temas de extrema relevância. Além do exposto, o objetivo ao

atrelar estes gêneros foi tornar a atividade de leitura uma atividade divertida e prazerosa. De fato, estratégias pedagógicas envolvendo a utilização de gêneros digitais, tendo como foco o meme, proposto nesta pesquisa, se bem direcionadas, podem possibilitar discussões sobre vários temas que atravessam a sociedade.

Os memes podem expressar tudo; sentimentos, posicionamento político, indignações, desejos, ironias, podem apresentar informes, denúncias, podem estar no formato de outros gêneros textuais, como charges, citações, cartas, entre muitos outros. Há infinitas possibilidades para seu uso. (SANTOS, SOUZA, 2019, p. 80)

Por essa razão, esta pesquisa teve como objetivo geral desenvolver um projeto de ensino com base em práticas de leitura associadas a atividades de retextualização envolvendo os gêneros crônica literária e o gênero digital meme, com a finalidade de ampliar as habilidades inferenciais e incentivar a leitura de textos literários. Para a seleção das crônicas foram escolhidos três autores, Evaldo Balbino da Silva, com sua crônica “Comer o nome, ler a comida”; Luis Fernando Veríssimo, com as crônicas “Página policial” e “A bola”; e, por fim, Fernando Sabino com a crônica “O homem nu”. Os respectivos autores foram escolhidos por abordarem em seus textos assuntos que se encaixavam com os propósitos dessa pesquisa, posto que apresentavam temáticas de cunho social e humorístico. A intenção ao escolher autores clássicos e contemporâneos foi, também, mostrar aos alunos, uma literatura produzida nos dias atuais, pois os mesmos não estão acostumados em consumir esse tipo de conteúdo, visto que a escola e os livros didáticos tendem a priorizar o trabalho com os autores clássicos. Assim, a escolha dos títulos citados objetivou aproximá-los do mundo literário, permitindo não só a reflexão crítica dos temas abordados nas obras, como também a valorização dos autores contemporâneos e de suas criações.

Tenciona-se que esse estudo possa contribuir de maneira efetiva nas aulas de língua portuguesa, principalmente no que diz respeito às práticas de letramento literário contemporâneas, que envolvam os alunos e despertem neles o prazer da leitura, revelando a importância desta em sua construção de visão de mundo e de um cidadão capaz de inferir e agir na sociedade em que vive.

É papel do professor, na função de mediador do conhecimento, proporcionar, mediante boas práticas de letramento literário, o desenvolvimento do gosto pela leitura, a fim de levar o aluno a apurar o olhar sobre o mundo que o cerca e sobre as pessoas que habitam esse mundo. Práticas de leitura, concebidas desse modo, tornam-se essenciais na construção do indivíduo como um cidadão e, assim, contribuem para seu enriquecimento cultural. Por conseguinte, é

fundamental auxiliar os docentes a serem capazes de inferir sobre as obras literárias, a fim de potencializar suas habilidades de criticidade e reflexão, proporcionando que ampliem sua visão de mundo e entendam o poder da literatura em retratar a vida real com seus problemas e contradições, com seus sabores e dissabores, através da mistura do lúdico com o real.

Esta pesquisa estrutura-se em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

Este trabalho demandou o estudo de alguns teóricos que alicerçaram esta pesquisa de mestrado e, estão presentes no capítulo 1. A princípio abordam-se conceitos teóricos a respeito do gênero digital meme e do gênero crônica, direcionada a discussão neste caso principalmente para a crônica literária, atrelando-os ao processo de retextualização de textos escritos proposto por Dell’isola (2007). Além disso, para fundamentar a pesquisa, abordam-se alguns conceitos de tradução intersemiótica e textualidade.

Em seguida, no capítulo dois, apresenta-se a metodologia utilizada, um projeto de ensino elaborado pela professora-pesquisadora, aplicado em uma turma do nono ano de uma escola pública da Zona da Mata, através de oficinas. Neste capítulo descrevem-se os instrumentos utilizados para a geração de dados desta pesquisa, assim como o perfil da instituição de ensino e dos alunos, com os quais a pesquisa foi aplicada. Ainda neste capítulo, relata-se também a realização das oficinas propostas no projeto de ensino e analisa-se como se deu o desenvolvimento dos alunos durante o processo, os pontos positivos e negativos.

Já no capítulo três, analisam-se a produção final dos alunos, os memes retextualizados a partir da leitura das crônicas, como também o impacto dos textos retextualizados na comunidade escolar a partir da exposição dos trabalhos através dos painéis produzidos pelos estudantes. Por fim, apresenta-se a análise do questionário final e dos depoimentos dos alunos.

Encerra-se, através das considerações finais, relatando os pontos positivos e negativos desse processo, com apontamentos do que de fato seria um letramento literário que envolva os alunos, a partir de práticas contextualizadas, pautadas na experiência proporcionada por esta pesquisa, na perspectiva de contribuir para a melhoria do ensino de língua portuguesa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esse capítulo tem por objetivo apresentar o quadro teórico que fundamentou esta pesquisa. Como centro de nossas reflexões, abordaremos alguns estudos a respeito dos gêneros digitais, tendo como eixo principal de estudo o gênero meme. Em seguida, tomaremos como objeto investigação o gênero crônica, com foco no âmbito das crônicas literárias. Discorrer-se-á ainda sobre conceitos de retextualização e tradução intersemiótica. Ademais, refletiremos a respeito de textualidade.

### 2.1. O gênero digital meme

A implementação e principalmente a popularização da *internet* fizeram com que as pessoas buscassem novas formas de agir e pensar no mundo, o que proporcionou o surgimento de novos gêneros provenientes desse meio, os gêneros digitais, como *chats*, infográficos, *blogs*, *e-mail*, hipertextos, memes, entre outros, que surgem a cada dia de acordo com as necessidades da sociedade, que está em constante transformação e evolução. Marcurshi (2010, p.15) compreende como gêneros digitais os “gêneros textuais que estão emergindo no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais”. O surgimento desses gêneros trouxe vários desafios no contexto escolar, fazendo-se necessário que as práticas docentes se modernizem didática e tecnologicamente, tendo em vista que a transmissão do saber tornou-se inviável sem os usos de tais gêneros. Para Marcurshi (2005, p.62), “[...] a escola não pode passar à margem dessas inovações sob pena de não estar situada na nova realidade dos usos linguísticos.” O autor salienta a importância de renovar os métodos educacionais, a fim de transmitir os saberes linguísticos em conformidade com os usos atuais através das inovações propiciadas pelas mídias e gêneros digitais.

Os recursos disponíveis na *internet* mudaram a forma de se comunicar e de transmitir informações. Desta forma, o ensino dos conteúdos deve estar em consonância com a forma em que os textos são inseridos nas mídias digitais. Coscarrelli defende que

A escola, ao repensar o ensino e a possibilidade de empregar esta nova tecnologia nas salas de aula ou como sala de aula, de forma cuidadosamente tecida, empresta conceitos da sociedade do impresso e repensa os impactos da escrita em meio digital. Os computadores oferecem diversidade de tratamento da imagem e do texto na forma de programas concebidos para escrever ou diagramar. Já a Internet constitui-se como novo ambiente de leitura e escrita, de pesquisa e de publicação de textos. (COSCARRELLI, 2007, p. 9)

Neste contexto, a autora reforça a necessidade de repensar os processos de ensino-aprendizagem, por meio de um ensino voltado a práticas reais, além de um olhar diferenciado para o uso das tecnologias, já que a *internet* é cada vez mais o principal espaço de leitura e escrita da sociedade contemporânea.

Os avanços tecnológicos são inevitáveis e modificam a forma como a sociedade se organiza. No âmbito educacional não poderia ser diferente. Não há como ignorar as mudanças linguísticas/estruturais nos gêneros que habitam o meio virtual, visto que os mesmos ganham características próprias de acordo com as plataformas em que circulam. Logo, como aponta Rojo, “as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidos para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas” exigidas há alguns anos atrás (ROJO, 2013, p.8). Segundo a autora, para vencer os desafios que os textos na *internet* trouxeram para o contexto escolar é preciso docentes que busquem transmitir o conteúdo de acordo com as exigências de seu tempo e que se utilizem das ferramentas tecnológicas para ampliar e favorecer suas práticas pedagógicas.

Os documentos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC consideram relevantes os estudos do contexto de produção, circulação e recepção dos gêneros pertencentes a diversas mídias digitais e orientam os estudos de suas estruturas linguísticas que constituem seus discursos, considerando as novas formas nas quais a escrita se organiza nessas plataformas como abreviações, combinações de números, letras, símbolos, entre outras formas semióticas. Ademais, afirma que considera

A leitura “em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL 2017, p. 72)

À medida que a sociedade se integra a uma cultura multiletrada, ela tem acesso a diversos gêneros que circulam em diversos meios. Sendo assim, é de extrema importância que a escola adequar o ensino da linguagem também por meio de tais gêneros, na perspectiva de possibilitar o uso consciente e crítico dos mesmos. Além disso, instigar o processo de ensino por meio de gêneros que façam parte da vida dos discentes pode despertá-los para o poder que a linguagem exerce em diferentes níveis.

O professor, ao considerar o uso das TIC's como parte imprescindível no desenvolvimento dos discentes como cidadãos, que precisam preparar-se para enfrentar os desafios que são exigidos pela sociedade contemporânea, recorrendo a uma didática que reconheça, de fato, as características e as funções dos textos que permeiam não só os veículos impressos, como também as mídias digitais, possibilita que os estudantes construam habilidades comunicativas, no intuito de torná-los capazes de produzir e interpretar a escrita em contextos variados, (re)significando o mundo a sua volta. Ainda nesse sentido, Santos e Campos (2016, p. 13) ressaltam que os educadores têm “nessa nova realidade tecnológica a possibilidade de propiciar aos nossos educandos a velocidade da informação, por meio dos hipertextos disponíveis na *web*”, entretanto, para que isso seja possível, são necessários educadores com o mesmo “dinamismo de tais ferramentas”, o que será bom para ambas as partes.

Com os avanços tecnológicos das últimas décadas, as maneiras de se comunicar vêm sofrendo grandes transformações, principalmente partindo do pressuposto da cibercultura, que através da internet modifica as formas de se proferirem discursos no meio social. Em consonância com isso, a linguagem, sendo viva, transforma-se de acordo com os usos da sociedade, e destes surgem novos gêneros, advindos dos processos comunicativos e da interação social. Atualmente, com o crescente uso de diversos aplicativos em *tablet*, *smartphone*, computadores, e outras tecnologias, e principalmente das redes sociais que permeiam este campo, percebe-se um gradual surgimento de gêneros provenientes das esferas digitais, entre eles, o meme.

Segundo Horta (2015), a originalidade do termo meme surge a partir da teoria do “egoísmo do gene” de Richard Dawkins, baseada na relação da cultura humana. Desse modo, para Horta, o meme é uma unidade de replicação, e, assim como o gene que salta de corpo para corpo carregando informação, o meme circula de cérebro em cérebro por meio de um processo que, de maneira ampla, pode ser chamado de imitação (DAWKINS, 2007, p.330). A significação do termo, ao longo dos anos, sofreu algumas transformações e, nos dias atuais, em termos de discursos, temos como meme vídeos, fotos de personalidades, frases, imagens de animais de estimação, entre outros tipos, que fundem, em alguns casos, a linguagem verbal e a não verbal, e essas viralizam em aplicativos e redes sociais. Os usuários se apropriam das imagens e/ou textos, e lhes atribuem novas significações e ressignificações, com um discurso construído em torno de um humor, algumas vezes, crítico.

Recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) definiu como fundamental o ensino da língua a partir das tecnologias de informação e comunicação, as TCI's, a fim de se

viabilizar um processo de ensino-aprendizagem multimodal, em que o aluno seja capaz de inferir de forma crítica sob o contexto em que está inserido. O documento defende que

[...] compreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um *gif* ou meme. Da mesma forma que fazer uma comunicação oral adequada e saber produzir *gifs* e memes significativos também podem sê-lo. (BRASIL, 2017, p. 67)

À medida que a sociedade se integra a uma cultura multiletrada, ela tem acesso a diversos gêneros que circulam em diversos meios. Sendo assim, é de extrema importância que a escola adeque o ensino da linguagem, também, por meio de tais gêneros, na perspectiva de possibilitar o uso consciente e crítico dos mesmos. Além disso, instigar o processo de ensino por meio de gêneros que façam parte da vida dos discentes pode despertá-los para o poder que a linguagem exerce em diferentes níveis.

A memética é o campo de estudo dos memes, que pode ser abordado a partir de duas linhas, a do meme como uma ideia, como propôs Dawkins, e, dentro do campo de mídias, a dos memes da *internet*, que busca analisar como estes se espalham, evoluem e se multiplicam. Para que seja possível identificar o que seria, de fato, um meme, é preciso atentar-se a algumas características, já que muitos itens digitais acabam recebendo essa nomenclatura de forma equivocada.

De acordo com Shifman (2013), para que um item digital possa ser considerado meme, é necessário que este seja dotado de três características. A primeira está relacionada às particularidades que um grupo de itens compartilha, ou seja, uma imagem, um vídeo ou um gif que não fazem parte de um grupo de itens semelhantes não constituem um meme. A segunda seria o fato de que estes memes precisam ser criados tendo consciência uns dos outros, sendo assim, não é coincidência que vários memes tenham a mesma imagem, bordão e estrutura, pois, ao utilizarem na criação do meme determinada fotografia ou outro tipo de estrutura, os criadores do meme o fazem conscientes de que estão repetindo algo que já existe. Por fim, esses itens digitais precisam ser transformados e compartilhados por um grupo diferente de pessoas.

Hoje as redes midiáticas apresentam diversas formas de manifestações através dos memes. Segundo Passos (2012), seria importante perceber o quanto os memes nas redes sociais constroem formas significativas de ver e agir em sociedade. Passos evidencia ainda que

[...] é relevante também recuperar que a nominalização “meme” se baseia na pressuposição aristotélica ou platônica da representação imitativa a que se supõe no tratado da Poética. Aristóteles, inicialmente, defende que a arte tem uma função puramente mimética, ou seja, imitativa da realidade humana.

Hoje, seria uma espécie de representação para não nos articularmos com o traço pejorativo que “imitar” gera no português brasileiro. (PASSOS, 2012, p. 8)

O gênero meme é estruturado a partir da exploração da linguagem verbal e não verbal, que se fundem em função de um mesmo propósito, tendo como veículo principalmente os meios digitais. Para que o leitor possa fazer inferências sobre o objetivo comunicativo, é necessário que ele reflita sobre a imagem e os discursos que permeiam o gênero, levando em consideração ainda seu conhecimento prévio e sua consciência sobre o uso crítico e criativo da linguagem. Tais discursos permitem ao sujeito questionar o mundo com criticidade, usar a língua de forma criativa e refletir sobre o uso da mesma em seu meio social.

O processo de produção do meme abarca o uso do humor, de forma satírica e crítica, e aborda tópicos do dia a dia, assemelhando-se à charge. Além disso, permite explorar recursos da língua como, por exemplo, efeitos de sentidos pretendidos através do uso de caixa alta – letra maiúscula, e o uso de estruturas, muitas vezes, de forma intencional, contrárias à gramática tradicional, explorando-se a liberdade gramatical presente na internet. Isso de certo modo aproxima certos mecanismos de construção do meme aos procedimentos da criação de crônicas. Em consonância com a linguagem verbal e não verbal utilizada no processo de criação do meme, o leitor mostra-se capaz de retomar contextos históricos, fazer inferências a partir de pistas textuais e ir além do que está explícito na mensagem.

A busca por práticas metodológicas e alternativas que aproximem e despertem no aluno o interesse pelo uso criativo da língua e que transmitam o conhecimento de forma dinâmica é de extrema importância, uma vez que estas induzem os discentes a serem colaboradores ativos na construção do próprio saber. O gênero meme, nesse sentido, torna-se um excelente recurso como exercício pedagógico em diversas áreas do conhecimento, visto que seus enunciados podem ser usados com a finalidade de instigar discussões, memorizar conceitos, compreender temas mais complexos, além de diversas outras potencialidades que podem ser usadas em sala de aula.

A versatilidade do gênero meme pode ser vista no que tange à própria produção textual efetivada na ação concreta da criação e na maneira de captar que os alunos atualmente, vide rede sociais, apresentam para expressar suas opiniões, gostos e reflexões. A turma de letras da UNIP (2017) criou um projeto cujo objetivo seria “suscitar o interesse pelos estudos literários fazendo uso de memes que contribuam para a compreensão das principais características do movimento Barroco” (UNIP Letras, 2017). A proposta seria explorar gêneros digitais, como o meme, para conhecer e entender as principais características do movimento literário barroco.

Figura 1, 2 e 3 – o uso de memes no ensino da literatura



Fonte: <https://letrasunip2017.blogspot.com/2018/05/o-uso-de-memes-no-ensino-da-literatura.html>).

Tal demonstração de aplicabilidade confirma a possibilidade de aprofundar-se nessa nova realidade que são os memes, já que estes possibilitam uma profunda interação e disseminação do conhecimento em massa através das diversas mídias existentes, dentro e fora do contexto escolar. Inserir os estudos literários dentro de um contexto que seja familiar ao educando, torna a busca pelo conhecimento mais prazerosa e atrativa aos olhos do mesmo.

Tendo em vista que hoje os professores lidam com alunos pertencentes à geração digital, usar práticas de ensino-aprendizagem que privilegiem e valorizem as diversidades da linguagem, reconhecendo-os como consumidores das novas mídias, permite que estes alunos tenham uma visão diferenciada a respeito dos discursos que o cercam e atuem como cidadãos protagonistas. A produção textual deve privilegiar práticas que mostrem a função social dos gêneros e não somente reproduções direcionadas somente aos professores e que não ultrapassam os limites do ambiente escolar. Em pleno século XXI, é relevante estimular práticas docentes que veiculem a produção textual e a leitura a estratégias multimodais.

A efemeridade desse gênero advindo da internet é de fato relativa. O meme, se conseguir cumprir seu papel no que tange ao humor e à crítica, irá evoluir, transformar-se e propagar-se, já que, ao ser alçado aos suportes digitais, estará sujeito a comentários, críticas e reflexões, sendo repassado e recriado por diversas pessoas, com variados propósitos.

## 2.2 O gênero crônica

A crônica brasileira é um gênero textual que surgiu a partir dos folhetins publicados nos

grandes jornais da segunda metade do século XIX. O público desses jornais buscava conhecer o mundo e suas facetas através do trabalho do cronista que observava o mundo de forma subjetiva, recriando o real.

A carta escrita por Pero Vaz de Caminha é considerada, além da certidão de “nascimento do Brasil”, uma crônica histórica, pois retrata as primeiras impressões dos portugueses ao desembarcarem no Brasil. Tudo nela é descrito de forma minuciosa e contribui para entendermos o contexto histórico e os interesses políticos da época. Este tipo de crônica preocupava-se em registrar o circunstancial, pois tinha como caráter informar a respeito dos descobrimentos de novas terras, ocorridos a partir das grandes navegações do século XVI, seja pela observação do autor-testemunha ou construída a partir de um relato.

A etimologia da palavra “crônica” vem de “Cronos”, que significa tempo cronológico e físico. Na mitologia grega é a personificação do tempo. O tempo é o senhor “Cronos”, e, a partir dessa definição, é cunhado o termo grego *chronikós*, o termo em latim *chronicus* e o português crônica (BENDER; LAURITO, 1993).

A crônica tem como característica registrar fatos decorridos em determinado tempo, e suas produções permanecem com estas características ao longo da história. Assim como na carta de Caminha, as crônicas do século XVI tinham relação com as descrições dos cenários e descobertas promovidos pelas grandes navegações, e o cronista assumia o papel de observador da cena histórica, conforme afirma Jorge de Sá:

A observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é criada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial. (SÁ, 2008, p. 6)

A partir do século XIX, a crônica assume características diferentes das conhecidas até então, o relato histórico das conquistas da corte, e passa a desempenhar novos propósitos comunicativos. Ao entrar em contato com a cultura do Brasil, a mesma ganha nova semântica: a jornalística. A princípio publicada como nota de rodapé de folhetins, tinha como objetivo o entretenimento. Segundo Meyer, sob a influência dos folhetins franceses, autores brasileiros redigiam a crônica à brasileira, publicando-a no rodapé do folhetim. “Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento. E já se pode dizer tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira” (MEYER, 1992, p. 96). Neste período

a crônica retratava os hábitos e os costumes dos brasileiros, além das mudanças ocorridas em todos os níveis sociais.

O autor João do Rio foi responsável por dar à crônica um tom mais literário, em que a escrita não mais ficasse presa somente aos comentários relativos ao mundo real, mas também se rendesse ao subjetivo, ao imaginário do cronista. Nessa perspectiva, a crônica assemelha-se ao conto, diferenciando-se dele em termos de densidade na construção de personagens, espaços e tempos:

A linha divisória entre a crônica e o conto é a densidade. O Contista mergulha de ponta cabeça na construção da personagem, espaço e tempo. Já o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários, não tem a preocupação de se colocar na pele do narrador. Quem narra é o autor e os fatos parecem ter acontecido de veras. (Sá 1997, p.6)

A estabilidade do gênero deu-se a partir das publicações de José de Alencar, que imprime uma linguagem mais intimista para dar voz ao seu texto. Segundo Santos, “foi a partir de 1854, quando José de Alencar publicou o primeiro folhetim da série “Ao correr da pena”, no Correio Mercantil, que o gênero começou a ficar com o jeitão atual” (SANTOS 2005, p.16). José de Alencar, ao construir sua narrativa com um diálogo direto entre autor e leitor, compõe elementos que fundamentariam um novo modelo do gênero.

Contudo, mesmo com tantas inovações e adesão de diversos escritores, de época ou contemporâneos, a crônica ainda é reconhecida como um “gênero menor” em relação aos grandes romances publicados; entretanto, esta particularidade não é algo que a prejudique; ao contrário, preserva sua essência maior, sua despretensão em ser, tornando-a um gênero ainda mais particular, capaz de extrair a beleza do simples, de poetizar o banal, e é neste ponto que se encontra sua grandiosidade. Conforme Antonio Candido,

A crônica não é um gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (CANDIDO, 1992, p.13)

Não é à toa que diversos escritores brasileiros se consagraram como escritores-jornalistas através das décadas, a partir da segunda metade do século XIX, até a contemporaneidade, como Machado de Assis, Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo,

Fernando Sabino, Martha Medeiros, entre tantos outros cronistas que deixaram sua marca na literatura brasileira, mediante um olhar atento sobre os detalhes do cotidiano, capaz de humanizar, de forma despretensiosa, até mesmo os assuntos mais sérios. Agora, não somente nos jornais impressos, como também em diversos veículos audiovisuais, como *blogs*, jornais eletrônicos, entre outros.

No que concerne ao ambiente da sala de aula, o uso do gênero crônica tem contribuído amplamente no processo de ensino-aprendizagem. O uso desse gênero, devido às características que o compõem, pode mostrar ao aluno que a literatura está mais próxima do que ele imagina, nos pequenos detalhes de um olhar atento e diferenciado por parte do autor – através das informações que este subentende em relação aos pequenos detalhes de situações corriqueiras e cotidianas – e também por parte do leitor que, ao ler a obra, realiza o processo de inferência sobre a mesma e a ressignifica.

As instituições de ensino têm buscado diversas metodologias que estimulem as práticas de leitura do aluno. A crônica, nesse sentido, por se tratar de um texto curto, leve e com uma temática próxima da realidade do educando, é um recurso que pode estimular o interesse pela análise dos discursos e até mesmo incentivar o aluno a leituras mais aprofundadas que possibilitem que ele desenvolva habilidades leitoras e escritoras. Dessa maneira, a escola, um dos principais ambientes em que o educando tem acesso a textos desses tipos e que lhe possibilita desenvolver práticas de letramento literário, deve atentar-se às atividades e metodologias inovadoras que promovam nos discentes habilidades para entender, analisar e resolver problemas.

Nesse sentido, o gênero crônica tem como característica promover reflexões sobre grandes questões e, portanto, exerce a função de formar não somente cidadãos críticos, mas de sensibilizá-los, tornando-os humanos. Fomentar a leitura de textos dessa natureza, visto que costumam ter grande receptividade pelos alunos, pode despertar no discente o interesse por leituras mais profundas e aproximá-los dos cânones literários. Além disso, o estilo composicional que abarca uma obra de característica breve e a diversidade de veículos de comunicação aos quais a crônica se encontra vinculada são características que possibilitam o acesso ao gênero e, até mesmo, que o professor crie sua própria coletânea.

As práticas metodológicas a fim de desenvolver a escrita e a leitura dos alunos devem ser um exercício prazeroso ao educando e devem ser realizadas através da seleção de textos que estimulem o uso criativo da linguagem e que aprimorem as habilidades referentes à escrita, criação, recriação, interpretação e compreensão. Ao aprofundar os estudos sobre um gênero textual, o educador possibilita ao aluno não só conhecê-lo como também amplificar sua

capacidade comunicacional, com o intuito de que este recrie e aplique esse conhecimento não somente no ambiente escolar como também fora dele.

A crônica, por se tratar de um texto literário que retrata situações corriqueiras de maneira peculiar, tem como característica promover no aluno uma consciência sócio reflexiva sobre as situações que o cercam, visto que se trata de um gênero literário, e um dos aspectos da literatura é fazer o sujeito refletir sobre a sociedade e os conceitos que a permeiam. Candido, ao defender a literatura como um direito humano, afirma que não há ser humano capaz de viver, um dia sequer, sem algum tipo de fabulação, sendo o sonho o responsável por assegurar através do sono, mesmo involuntariamente, o contato com esse universo e, portanto, se ninguém consegue ficar sequer um dia longe desse universo de ficção e poesia, esta seria uma necessidade universal, constituindo, assim, um direito do ser humano. Segundo ele, a literatura seria “o sonho acordado das civilizações” e “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2004, p. 175). Ademais, afirma que a literatura é um instrumento poderoso de instrução e educação que possibilita vivermos dialeticamente com os problemas da sociedade e que tem o poder de humanizar no sentido mais amplo e profundo.

Ao explorar a crônica no ambiente escolar, o docente irá incentivar o aluno a práticas de leitura e escrita que promovam o senso crítico e reflexivo por meio de uma leitura descontraída sobre as diversas temáticas sociais e culturais que o cercam. Nesse sentido, Magda Soares (2008) afirma que “ler é um verbo transitivo”, portanto exige “complemento”, que será mediado através do contato que os alunos têm com diversos tipos de gêneros no contexto escolar, não só para conhecimento de suas estruturas e funções sociais, mas também para fomentar o gosto pela leitura. Mesmo que as práticas de letramento literário na escola sejam institucionalizadas por natureza, este processo pode ser feito de forma leve e descompromissada.

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real. (SOARES, 2008, p. 127)

Dessa forma, "a crônica se presta muito bem ao uso de oficinas de leitura e produção de textos e, se o professor fizer uma boa seleção de crônicas, ela poderá despertar no aluno o tão desejado prazer no texto" (SILVEIRA, 2009, p. 238). Desse modo, ler textos desta natureza contribui para a formação da criticidade do aluno – mediada por suas experiências prévias – e possibilita um olhar diferenciado não só para o outro, mas para as situações cotidianas.

### 2.3 Retextualização e tradução intersemiótica

Tendo-se em vista o papel social da escola e das aulas de língua materna em ampliar a capacidade de comunicação do aluno, é preciso buscar estratégias bem como exercícios de análise ativa de textos variados, levando-se em conta a demanda existente no ensino fundamental e médio no que concerne à interpretação de texto e, mais especificamente, à compreensão de informações implícitas. Travaglia (2003), aponta que, no exercício da tradução – assim como no da retextualização – alguns critérios estão envolvidos, como, entre outros, conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, informatividade, inferência, relevância, situacionalidade e intertextualidade. Esses aspectos do processo tradutório, participando, necessariamente, do exercício de retextualizar, cooperam para com o desenvolvimento de habilidades ligadas a uma visão mais crítica dos textos e a uma análise mais profunda dos conteúdos apresentados.

Dessa forma, a retextualização não se resume à mera transposição ou transliteração de um conteúdo entre gêneros diferentes, não se trata, como aponta Marcuschi (2001, p. 46), de “um processo mecânico, mas demanda conhecimento de gênero, suporte, tornando-se uma operação complexa que interfere tanto no código quanto no sentido”, apresentando um imenso potencial, como ferramenta didática, no que se refere a dinâmicas que tenham por objetivo estimular a leitura e promover atividades que colaboram para a formação de um senso crítico mais apurado. Concordando com essas observações, ainda sobre a retextualização, Dell'Isola (2007), salienta que

As atividades de retextualização englobam várias operações que favorecem o trabalho com a produção de texto. Dentre elas, ressalta-se um aspecto de imensa importância que é a compreensão do que foi dito ou escrito para que se produza outro texto. Para retextualizar, ou seja, para transpor de uma modalidade para outra ou de um gênero para outro, é preciso, inevitavelmente, que seja entendido o que se disse ou se quis dizer, o que se escreveu e os efeitos de sentido gerados pelo texto escrito (DELL'ISOLA, 2007, p. 14).

De acordo com a autora, as operações envolvidas no processo de retextualização de gêneros textuais contribuem para que o aluno desenvolva habilidades na escrita e na leitura, visto que o dinamismo das atividades envolve observações de ordem “linguística, cognitiva, interacional [...]” (Dell'isola, 2007, p.8). Além disso, ela conclui que os gêneros devem ser vistos como instrumentos de interação, pois “através deles, os indivíduos produzem,

reproduzem ou desafiam práticas sociais” (2007, p 22). Ainda nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) recomenda uma prática tracejada pela noção de “gênero”, a partir dos postulados de Bakhtin, Bronckart e Schneuwly, ou seja, considerando “gênero” como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 280) oriundos de diferentes campos de utilização da língua. Por isso, propor atividades que permeiem o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita a partir do processo de retextualização de gênero pode ser um bom recurso, uma vez que as etapas que contemplam o processo de retextualizar permitem uma reflexão acerca de como os gêneros são consumidos pela sociedade.

Segundo Benfica (2018), as atividades de produção textual a partir de retextualização permitem uma reflexão a respeito das regularidades e unidades linguísticas, não só nas estruturas de vocabulário, mas nos mecanismos de coesão e nos recursos morfossintáticos, além dos aspectos discursivos. É cada vez mais desafiador para o educador buscar estratégias que despertem o interesse do educando em aprender mais sobre a língua, e que demonstrem a utilização dos gêneros da maneira significativa, através de práticas que conduzam o aluno a explorá-los a partir de uma perspectiva mais dinâmica, que os permita observar a utilização dos textos, preparando-os para práticas reais da sociedade contemporânea. Para Dell’isola (2007), as atividades de retextualização são produtivas, já que estimulam a leitura em diferentes esferas e em contextos variados, como também se propõem a provocar o aprendiz a transmutar sentidos em múltiplas ações.

O que torna a tarefa de retextualização interessante? É o desafio que a sustenta. Esse desafio leva a leitura e compreensão da linguagem veiculada pelo texto origem observada em função da necessidade de transformá-la em um outro texto de outro gênero. (DELL’ISOLA, 2007, p. 80)

Cada vez mais, os textos que norteiam as práticas sociais da sociedade moderna utilizam-se de recursos multimodais para transmitir informações. A linguagem, hoje, requer a mobilização de vários sentidos, criando uma interação envolvente, que modifica o homem e sua maneira de ver o mundo. Nesse sentido, é relevante o trabalho para além do texto, no que diz respeito a induzir os estudantes a subentender discursos através de análises que não valorizem somente o verbal, mas os leve a ampliar as habilidades de realizar inferências em textos não verbais. O exercício da tradução, principalmente no que diz respeito à tradução intersemiótica<sup>1</sup>, pode ser uma boa ferramenta como objeto didático, tendo em vista a complexidade do processo

---

<sup>1</sup> “Tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação de signos verbais por meio de sinais de sistemas de signos não verbais” (JAKOBSON, 1972, p.65).

que envolve vários fatores como recriação, criatividade, releitura, intertextualidade, entre outras competências.

De acordo com Albres (2015, p. 08), desde os anos de 1990 o campo da análise do discurso passou a abarcar também, como objeto de estudo, a tradução de signos com o intuito de mostrar que as pessoas traduzem muito além das palavras. A autora afirma que as imagens transmitem informações que se fundem às acepções do leitor, que poderá atribuir à imagem um sentido próprio, e ressalta ainda a importância da leitura dos elementos visuais, uma vez que esses elementos são primordiais para o efetivo entendimento dos textos multimodais

[...] os tradutores devem ser capazes de ler as múltiplas linguagens com que convivem, principalmente no estudo via gêneros, com exemplares de textos autênticos, permeados por imagens, amplamente usados em nossa sociedade, em diferentes mídias como, por exemplo: *internet*, revistas, jornais e televisão; em textos publicitários, informativos e literários. (ALBRES, 2015, p. 9)

De fato, a tecnologia tem mudado as formas como as pessoas leem os textos, o que não torna a tarefa menos complexa, ao contrário, exige do leitor a capacidade de interpretar elementos distintos que constituem o discurso multimodal dos textos que circulam nas mídias digitais, como imagens, sons, cores, entre outras coisas mais. Portanto, são primordiais práticas de ensino-aprendizagem que visem estar em harmonia com os avanços tecnológicos e com as novas formas de comunicação para além do texto propriamente dito. No exercício da tradução, o aluno precisa fazer as adaptações necessárias para que o texto faça parte dos elementos que o constituem. Nesse ponto de vista, Clüver (2006, p. 113) evidencia que “para que o texto alvo seja considerado bem sucedido, é preciso que contenha equivalentes para todos os aspectos e características do texto original (ou ‘texto-fonte’)”, ademais o tradutor carece levar em consideração quais são os componentes do texto original que deverão pesar na construção do texto traduzido, a fim de causar o impacto planejado e atingir o público para o qual o gênero textual destina-se, considerando sua função, prática social, estrutura, entre outras características

Qualquer tradução oferecerá, inevitavelmente, mais do que o texto original oferece, e também menos. O sucesso de um tradutor não dependerá somente de sua habilidade e criatividade, mas também de decisões sobre o que será eliminado e sobre o equivalente que precisa ser encontrado. Essas decisões serão determinadas pela função à qual a tradução se presta e pelo contexto no qual ela aparece – considerações igualmente envolvidas na transposição intersemiótica. (CLÜVER 2006, p. 117)

O mecanismo da tradução envolve muitas peculiaridades que devem ser observadas no trabalho de mediação entre professor e aluno, como por exemplo a capacidade de análise de imagens, fazendo-os, segundo Souza (2007), decifrar as várias “camadas de significados” que “possam emergir no discurso em forma de texto”. De acordo com o autor, “compreender uma imagem é poder percorrer, no sentido inverso, o caminho de seu processo de recriação” (SOUZA, 2007, p.79). Outrossim, seria o fato de o texto traduzido e o produto que originou essa tradução serem duas obras distintas e originais, não sendo, portanto, possível compará-las, visto que cada uma delas tem objetivos diferentes, estruturas diferentes, e irão atingir seu público alvo de maneira distinta.

Dessa forma, tendo em vista o papel do professor de Língua Portuguesa como mediador do saber, utilizar-se de práticas pedagógicas que envolvam o processo de tradução e retextualização é uma estratégia relevante, já que visa desenvolver nos jovens um olhar mais atento e crítico em relação ao uso dos textos que circulam na sociedade, em meios impressos e digitais, preparando-os para diferentes práticas sociais, a fim de fazê-los compreender as funções que a linguagem exerce em diferentes suportes, veículos e plataformas, a partir da análise de signos verbais e não verbais, na perspectiva de aumentar a criticidade do aluno, tornando-os proativos, criativos, a partir do exercício de reinventar.

## **2.4 Textualidade**

Avaliar a compreensão leitora dos alunos, assim como ampliar suas habilidades referentes à produção e à compreensão dos textos que os rodeiam, é uma tarefa desafiadora, que envolve múltiplos processamentos cognitivos, como memória, raciocínio, reconhecimento de palavras, inferência, entre outros. Para que seja possível compreender os fenômenos de produção e compreensão de um texto, deve-se antes entender o que o caracteriza como tal. De acordo com Costa Val (2004), um texto é “uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa” (COSTA VAL, 2004, p. 04), sendo que essa função cumpre diferentes papéis que serão condicionados, não só de acordo com as intenções do produtor, como também de seu interlocutor, na medida em que o receptor atribuir sentido aos discursos presentes na obra, levando em conta o contexto social, bem como seus conhecimentos prévios. Um texto pode causar nos leitores diferentes impactos, que irá significá-lo de acordo com suas experiências já que

[...] O texto não significa exclusivamente por si mesmo. Seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interpretação. O produtor do discurso não ignora essa participação do interlocutor e conta com ela. É fácil verificar que grande parte dos conhecimentos necessários à compreensão dos textos vem explícita, mas fica dependente da capacidade de pressuposição e inferência do receptor. (COSTA VAL, 2004, p. 6)

Ademais, a autora enfatiza que a relação lógica do enunciado, ou seja, a coerência, que será estabelecida por quem processa o discurso, é ligada a fatores diversos como conceitos textuais, compreensão e visão de mundo, e acrescenta que, se a intenção pretendida não vier clara, o leitor poderá atribuir um sentido diferente do que era pretendido pelo autor. Além disso, destaca como fator pragmático principal do ato de comunicação: a intencionalidade e a aceitabilidade. A intencionalidade estaria ligada à capacidade de o autor construir um discurso coerente e coeso que atenda às expectativas do seu leitor em determinada situação comunicacional, sendo também o que irá orientar a estrutura e a confecção do texto. Já a aceitabilidade refere-se à relevância do texto para o receptor, no que concerne à obtenção de conhecimentos, bem como atender às expectativas e objetivos que o autor idealizou ao produzi-lo. Outro fator pragmático é a situacionalidade que compete à “adequação do texto de acordo com a situação sociocomunicativa”; o que é pertinente em determinado contexto, pode não ser pertinente em outros:

O contexto pode, realmente, definir o sentido do discurso e, normalmente, orienta tanto a produção quanto a recepção. Em determinadas circunstâncias, um texto menos coeso e aparentemente menos claro pode funcionar melhor, ser mais adequado do que outro de configuração mais completa. Servem de exemplo as inscrições lacônicas das placas de trânsito, mais apropriadas à situação específica em que são usadas do que um longo texto explicativo ou persuasivo que os motoristas sequer tivessem tempo de ler. (COSTA VAL, 2004, p. 12 e 13).

Ao produzir um texto, deve-se levar em consideração a carga de conhecimento que o leitor terá sobre o assunto, a fim de que ele tenha condições de interpretar os discursos que estão subentendidos; “esses conhecimentos podem advir do contexto imediato ou podem preexistir ao ato comunicativo” (COSTA VAL, 2004, p. 13). O conhecimento prévio acerca do tema textual favorece a compreensão leitora, sendo que o indivíduo que não dispõe de tal saber executará a leitura, mas não conseguirá ler com a mesma qualidade. Já em relação à produção textual “é relevante o fato de o produtor contar com os conhecimentos prévios do receptor e com sua capacidade de pressuposição e inferência” (COSTA VAL, 2004, p. 29). Outro fator de textualidade a ser observado é a intertextualidade, que concerne à necessidade de se conhecer

um determinado texto para que outro possa ser compreendido. Nesse sentido, considera-se o texto como o contexto. A autora complementa ainda que “o discurso anônimo do senso comum” também se caracteriza como fator relevante de compreensão.

Portanto, para ler e produzir textos de diferentes naturezas é necessário estar atento aos diversos fatores que constituem sua unidade, tendo em vista que cada discurso irá envolver elementos distintos de textualidade, de acordo com o seu objetivo comunicacional. Assim, é preciso que o professor, na função de mediador do conhecimento, auxilie o docente a tecer em suas produções textuais elementos que constituam uma textualidade coerente em relação ao seu contexto de produção e recepção, fazendo-o perceber o que é ou não relevante, ampliando seu conhecimento de mundo, na perspectiva de que as informações sejam compreendidas e repassadas com eficiência. Por conseguinte, é essencial que as práticas pedagógicas, que contemplem o trabalho de produção e interpretação, visem a aprimorar o olhar do aluno para além do texto, para que ele domine a palavra e use-a efetivamente, fazendo-o refletir sobre o uso de determinadas sentenças e quais são os impactos de suas escolhas linguísticas, não só do ponto de vista estrutural, bem como semântico.

No capítulo seguinte, discutimos a metodologia utilizada para a geração de dados durante a realização da pesquisa. Abordamos também o perfil da instituição escolar, na qual o projeto de ensino foi aplicado, assim como o perfil dos alunos participantes, apresentado através da aplicação e análise de questionários. Por fim, tecemos algumas reflexões a respeito do processo do projeto de ensino e da participação dos estudantes durante a aplicação das oficinas.

### 3 METODOLOGIA E CONTEXTO DE PESQUISA

O propósito desta pesquisa foi desenvolver atividades de letramento literário, através de um projeto de ensino, com o objetivo de estimular a leitura de textos literários, assim como ampliar as habilidades de leitura dos alunos, a partir de atividades de retextualização de crônicas para memes. Tais gêneros foram escolhidos, pois retratam situações da vida cotidiana, com um olhar peculiar, de forma humorística e irônica, sobretudo o meme. Além disso, o gênero meme é reconhecido e usado no cotidiano do aluno para retratar e ironizar diversas situações utilizando-se de signos verbais e não verbais, assim como a crônica, que exerce também a mesma função, entretanto na linguagem verbal. Assim, esta pesquisa tem por objetivo perceber se atrelar a leitura e análise de crônicas a atividades de retextualização para o gênero meme pode despertar no discente o gosto literário, assim como desenvolver suas habilidades de leitura, visto que, para a produção do meme, o aluno tem que analisar e entender os sentidos da crônica, para que, assim, retextualize-a de forma satisfatória, bem como o fato de este ser um gênero digital amplamente utilizado pelos discentes.

Regina Lúcia Peret Dell'Isola, em *Textualização de gêneros escritos*, defende que

[...] “ensinar” português é preparar nossos alunos para lidar com as diversas linguagens, para renovar o prazer de utilizar o idioma que falam, recuperando sua historicidade e sua função social. Como a língua é usada por meio de textos que se realizam por meio de tipos de gêneros, “aprender” português é aprimorar a capacidade de expressão nessa língua; é saber manusear cada vez melhor as habilidades de ler, escrever, ouvir e falar, utilizando a linguagem falada ou escrita para produzir novos textos. (DELL'ISOLA, 2007, p. 10-11)

Desta forma, é de extrema importância que o processo de ensino e aprendizagem da língua aconteça, considerando-se os gêneros como instrumentos transformadores, de modo a oportunizar aos discentes exercerem diversas práticas sociais e transposições de ideias, uma vez que as atividades de retextualização possibilitam ampliar as capacidades discursivas.

Portanto, sendo a escola o principal ambiente que irá mediar o letramento literário do aluno, são fundamentais práticas de ensino contextualizadas que despertem nele a percepção da realidade e de como esta é retratada e busquem aproximá-lo do universo da literatura. É importante que o professor, no papel de mediador dessas práticas, proporcione metodologias que busquem suprir as necessidades e os interesses dos alunos, na perspectiva de que o sujeito se sinta motivado e atribua sentido àquilo que lê. Segundo Cosson,

na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2016, p.17)

Para a realização dessa pesquisa foi adotada uma metodologia de caráter qualitativa uma vez que, nesse processo, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 41), os pesquisadores “estão mais interessados no processo do que no produto”. A autora afirma que o professor pesquisador busca refletir sobre suas próprias práticas, na perspectiva de compreender seus aspectos positivos e negativos, e supera a si mesmo.

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-33)

Sendo assim, a pesquisa qualitativa tem como objetivo “entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” a partir da observação das ações dos sujeitos de pesquisa (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Portanto, o professor deixa de exercer um papel passivo diante das deficiências e passa a buscar por novas soluções e metodologias para melhorar seu ambiente de trabalho.

O Projeto de ensino foi realizado na Escola Estadual Regina Pacis, situada na Zona da Mata, em Raul Soares, Minas Gerais, onde leciono como professora de Língua Portuguesa há quatro anos. A escola funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, com 822 alunos do ensino regular e na educação integral e integrada, sendo a única escola da cidade que atende ao ensino médio. A escola conta com laboratório de informática, laboratório de ciências, biblioteca e sala de reuniões e apresentações. Além disso, oferece cursos técnicos em parceria com as empresas do município de administração, cooperativismo e informática no turno noturno com 60 alunos matriculados, sendo que as turmas são compostas não só por alunos que estudam no ensino regular – no contra turno, como também por outros membros da comunidade que já se formaram no ensino médio e desejam cursar somente o ensino técnico.

Ademais é a única instituição de ensino pública da cidade com funcionamento no ensino médio. Há outras duas redes de ensino públicas que contemplam o ensino médio, porém ficam em distritos distantes. Assim a escola recebe os alunos que residem na própria cidade, em alguns distritos e nas cidades vizinhas. No que diz respeito ao ensino fundamental, a distribuição dos alunos na cidade acontece levando em consideração o local em que eles residem. Sendo assim, pelo fato de a escola estar próxima aos bairros periféricos da cidade, as turmas são compostas, em sua maior parte, por estudantes de baixa renda e com famílias com um baixo índice de escolaridade, o que torna o processo de ensino e aprendizagem ainda mais desafiador. Segundo o relato dos próprios estudantes, são poucos os responsáveis que incentivam a leitura no contexto familiar, sendo a escola o principal local em que os alunos têm acesso a esses tipos de textos. Isso se confirma nas reuniões bimestrais em que uma parcela pouco significativa de pais marca presença na escola.

Esta pesquisa foi realizada com os alunos do 9º ano do ensino fundamental II. A turma possuía a princípio 32 alunos, cuja faixa etária varia entre 14 e 17 anos. Entretanto, após algumas desistências e evasões, a pesquisa pôde ser realizada com o total de 25 alunos matriculados e frequentes, que residem na zona urbana e rural da cidade, como também em cidades vizinhas. O trabalho efetuou uma abordagem de caráter qualitativo, com o objetivo de desenvolver o gosto pela leitura de textos literários. Foram propostas atividades que envolveram a leitura de crônicas com temas humorísticos e de cunho social, a fim de analisar os discursos subentendidos dentro de cada texto, além de serem feitas discussões e reflexões sobre a relação dos discursos lidos com a realidade do educando. Por último, foi proposta a retextualização para o gênero meme, adequando-se o discurso à linguagem verbal e não verbal em consonância com o objetivo comunicativo do texto original e do texto retextualizado. Como recursos midiáticos foram utilizados o computador para a construção dos memes e um grupo da turma no *WhatsApp* para compartilhar os trabalhos desenvolvidos.

Para que a pesquisa fosse realizada, foram adotados os procedimentos éticos recomendados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme o parecer (Cf. Apêndice). Uma vez aprovado o projeto, a escola foi informada sobre a pesquisa e recebeu a Carta de Anuência, em anexo, para que a diretora pudesse autorizar a realização da pesquisa desenvolvida. Antes de os módulos serem iniciados, promoveu-se uma reunião de pais para que os adolescentes, assim como os seus responsáveis, fossem orientados sobre a participação no projeto. Para a execução dessa pesquisa utilizou-se os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), ambos em anexo. Neles, os pais/responsáveis e também os próprios alunos ficaram cientes das propostas

apresentadas. Os pais/responsáveis concordaram e autorizaram a participação dos estudantes, aceitando a divulgação anônima dos textos.

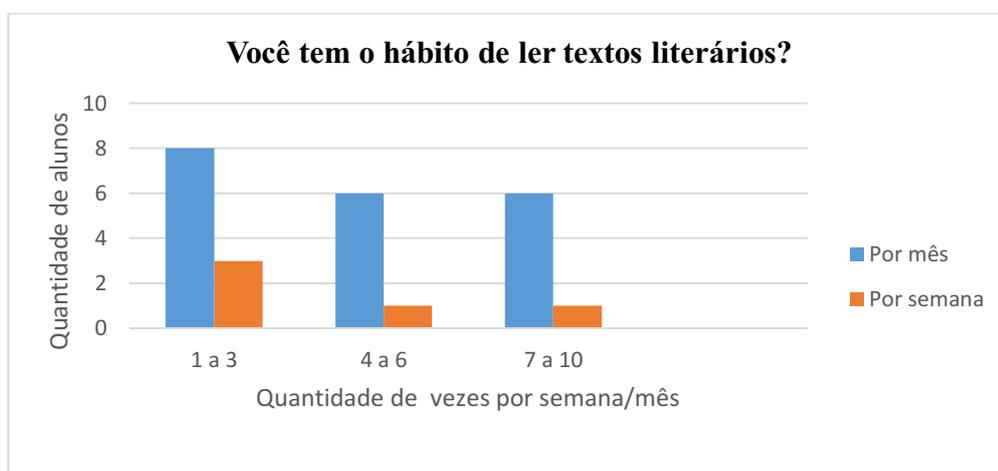
Os dados gerados nessa pesquisa foram registrados através de gravações em áudio, fotos e anotações no diário de campo da professora-pesquisadora, usado durante todo o processo para anotar as observações, comentários e reações dos sujeitos de pesquisa durante a aplicação do projeto de ensino aplicado de junho a julho de 2019.

A pesquisa foi realizada através de um projeto de ensino, elaborado pela professora pesquisadora e organizado através de quatro oficinas, que transcorreram da seguinte maneira.

Primeiramente, os alunos foram convidados a responder a um questionário, conforme o apêndice III na perspectiva de conhecer melhor o perfil da turma e seus hábitos relativos à leitura.

### - Hábitos de leitura

**Gráfico 1**



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

**Gráfico 2**



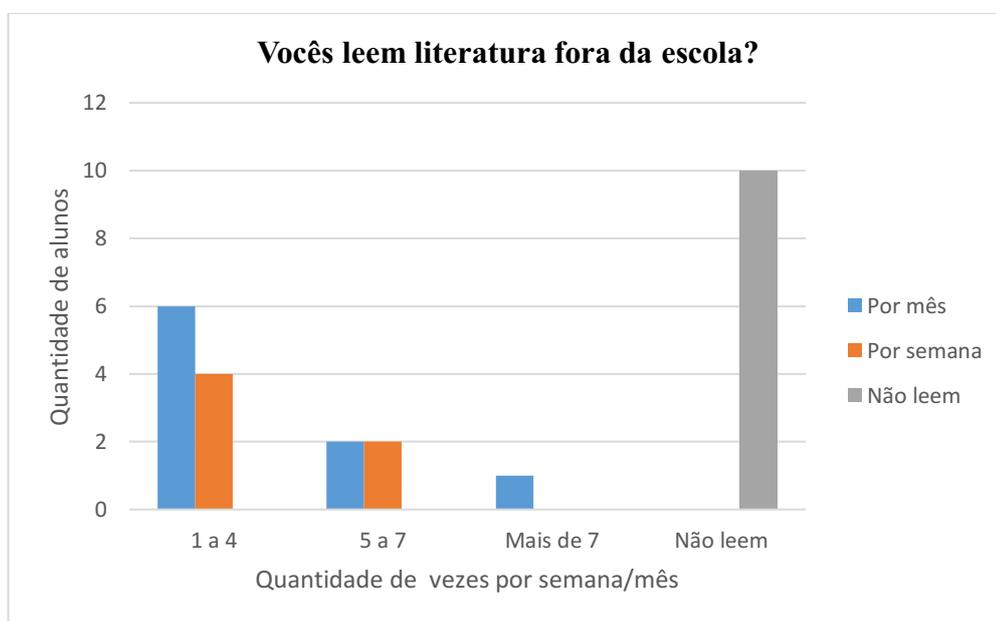
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Para responder à questão referente ao gráfico 01, os alunos levaram em consideração os textos literários presentes, também, nos livros didáticos. Mesmo considerando esse fator, o número de leitores mostra-se baixo, tendo-se em vista que a cor azul do gráfico, que representa a quantidade média mensal a qual eles se propõem a ler, é superior à quantidade de leitura semanal, representada pela cor laranja do gráfico. No momento do preenchimento, alguns deles relataram que, mesmo no livro didático, não costumam ler os textos que consideram grandes, e pulam direto para as perguntas. O segundo gráfico reforça ainda que a maior parte das leituras é motivada pela obrigação e não pelo prazer de ler.

### - Leituras literárias

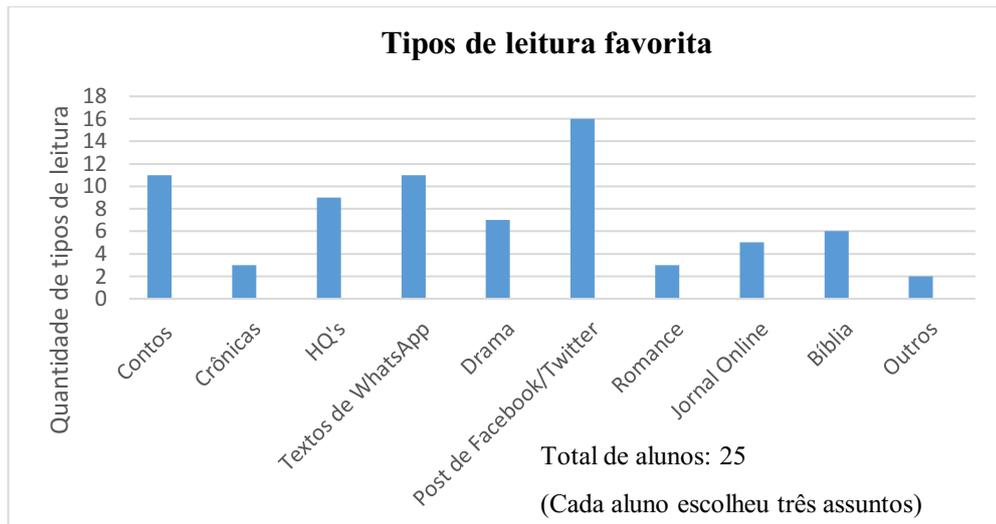
Os próximos gráficos estão relacionados aos hábitos de leitura fora do contexto escolar, levando em consideração quais são os assuntos e os tipos de leituras que os estudantes consomem. Cada aluno escolheu três suportes textuais e três assuntos favoritos. Pode-se perceber a partir da análise do primeiro gráfico o número considerável de alunos que não leem nenhum tipo de literatura, como também a quantidade de leituras esporádicas representada pela cor azul do gráfico. Esses dados reforçam ainda mais a necessidade de estratégias pedagógicas, a fim de fomentar nos estudantes o gosto pela leitura.

**Gráfico 3**



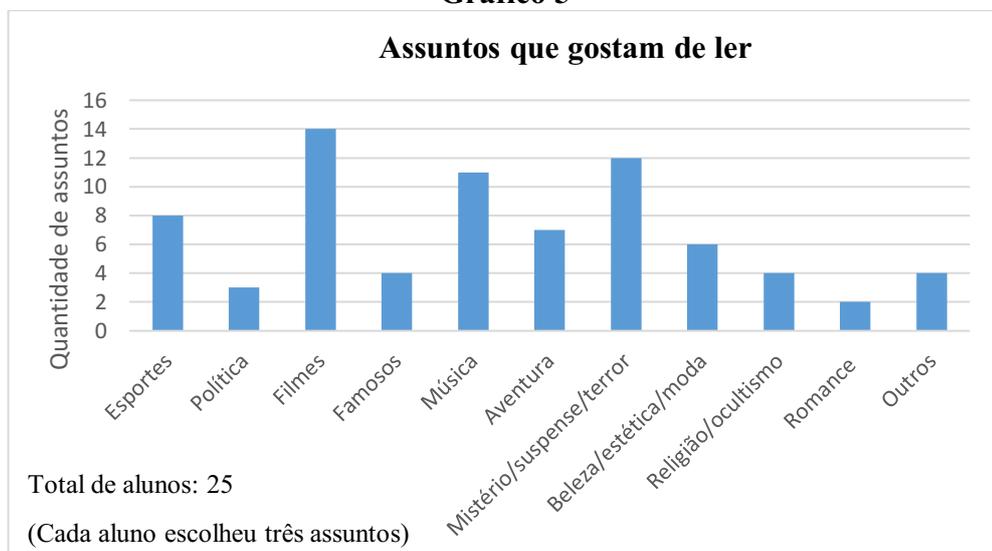
**3- Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

**Gráfico 4**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

**Gráfico 5**

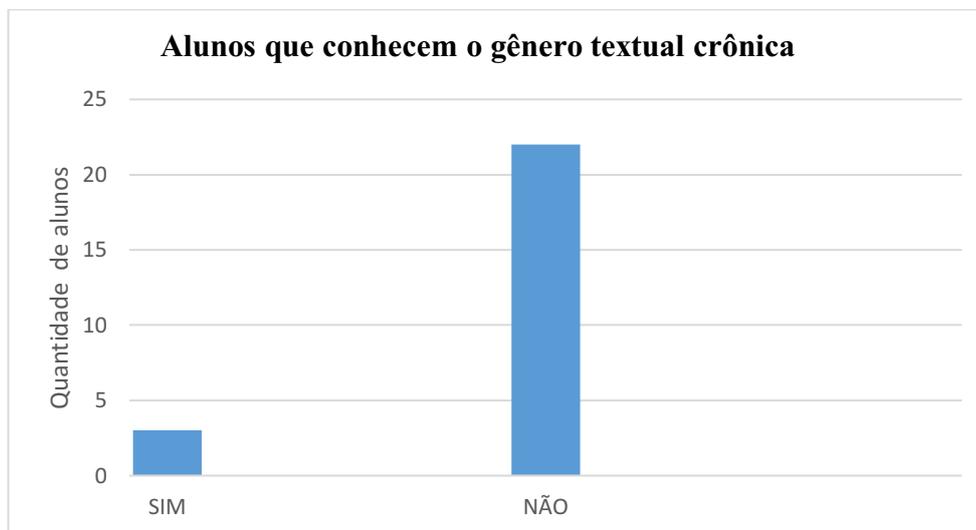


**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

Os alunos manifestaram gostos por assuntos variados. Além das opções do questionário, surgiram interesses em outros assuntos como investigação, ação, notícias, jogos e mangá.

### - Conhecem o gênero textual crônica

**Gráfico 6**

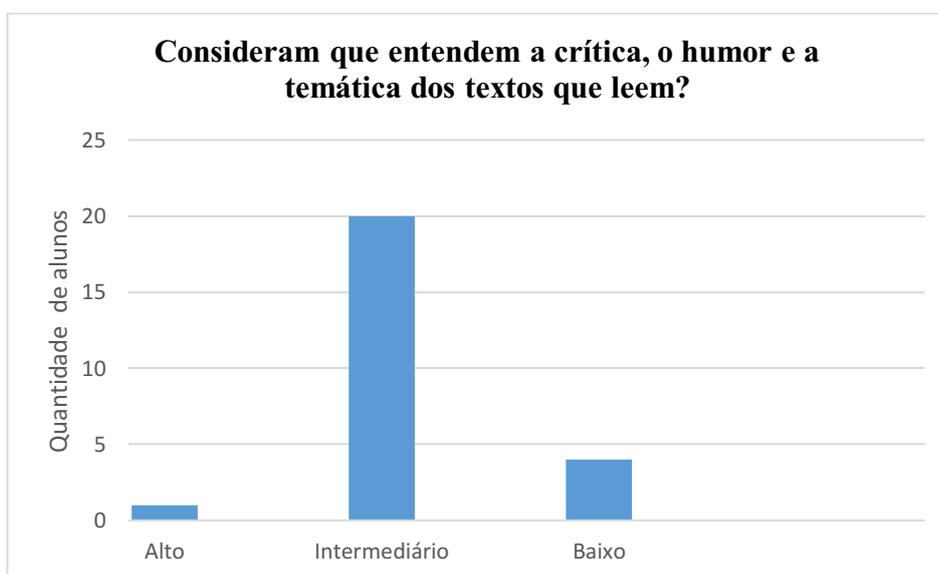


**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

Pode-se contemplar no gráfico acima que a maior parte da turma relatou não conhecer o gênero textual crônica, mesmo sendo um texto amplamente utilizado no ensino regular, principalmente nos livros didáticos. Isso demonstra que as leituras desses textos não foram suficientemente significativas para despertar o interesse pela leitura literária, ou até mesmo para que eles se lembrassem delas ou para que as identificassem pelo gênero.

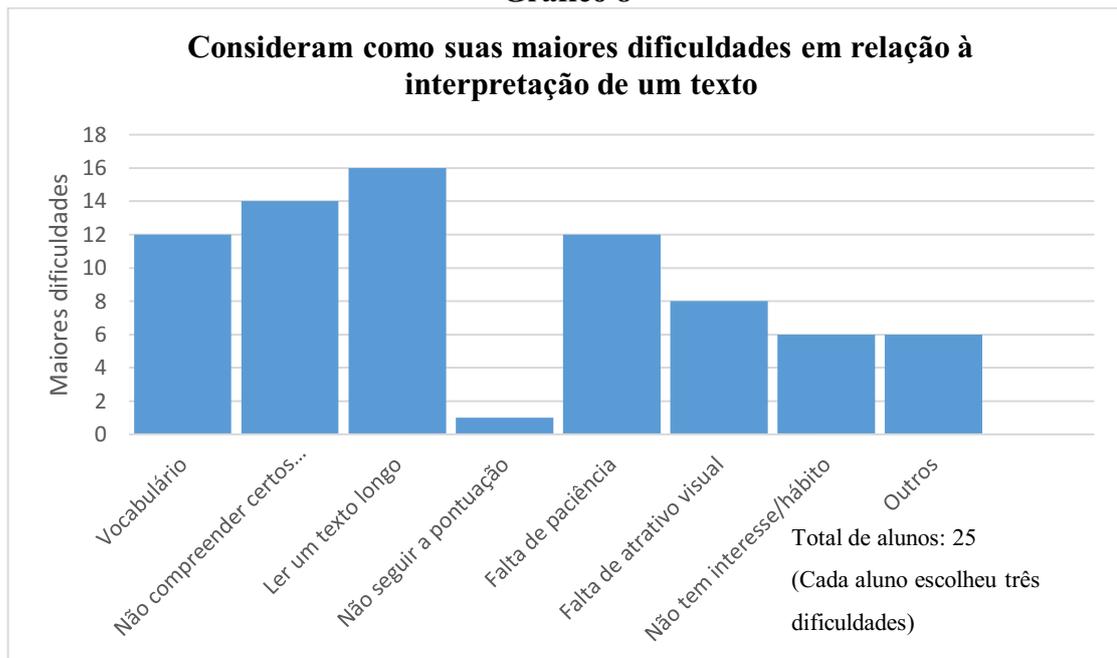
### - Habilidades de leitura

**Gráfico 7**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

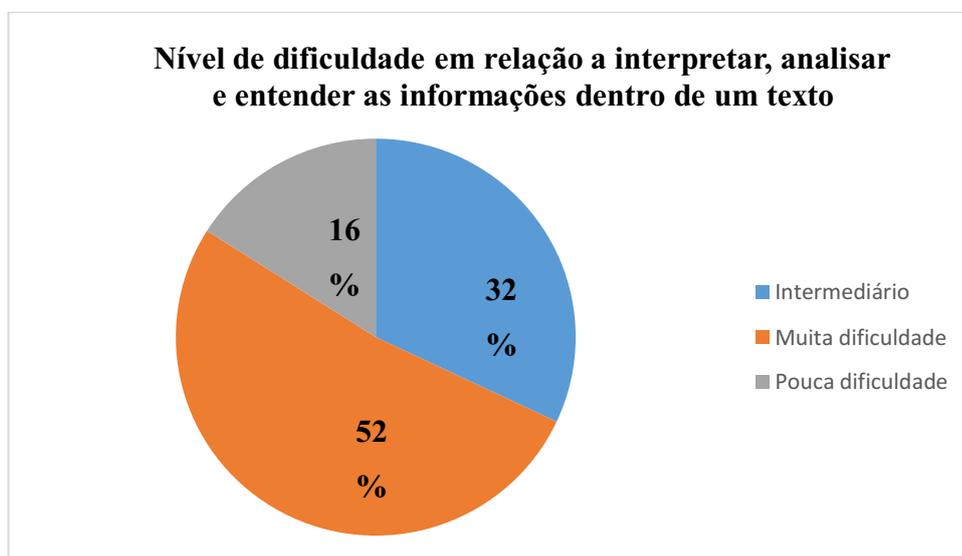
**Gráfico 8**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

Já os gráficos 07 e 08 são relativos ao nível de dificuldade dos alunos em relação à compreensão e interpretação de texto, assim como os motivos dessas dificuldades. Conforme já mencionado, ler um texto longo é uma das maiores dificuldades relatadas pela turma. Desse modo, a escolha do gênero textual crônica, como ferramenta de letramento literário, torna-se positiva, tendo-se em vista o tamanho curto dos textos. Arelado a esse impasse, relataram também outras questões relacionadas ao vocabulário, compreensão de conceitos, e falta de paciência.

**Gráfico 9**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

O gráfico 09 mostra que grande parte da turma se considera com deficiências em relação à compreensão e interpretação de textos, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas que desenvolvam tais habilidades, na perspectiva de reduzir a demanda existente no ensino fundamental e médio de alunos com déficit de leitura.

#### - Interesse em leituras literárias

**Gráfico 10**

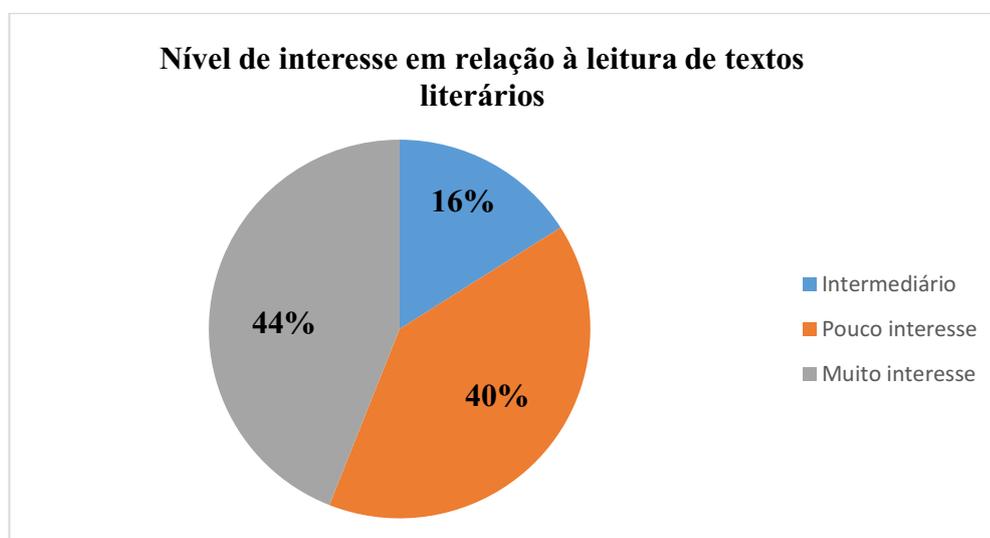


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim, pedi aos alunos que apontassem de 1 a 10 o nível de interesse em ler textos literários. A partir disso, elaborou-se o gráfico seguinte:

**Gráfico 11**

#### Nível percentual de alunos



Fonte: elaborado pela pesquisadora<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Os parâmetros considerados para analisar e calcular a porcentagem do gráfico foram: 1 a 4, pouco; 5 e 6, intermediário; 7 a 10, muito interesse.

Os dados apresentados apontam que o letramento literário no contexto escolar precisa de novas abordagens, a fim de atingir e despertar o interesse do seu público alvo. A escola ainda é um dos principais ambientes mediadores da leitura, e por isso as abordagens do professor, como mediador dessas práticas, poderá afastá-los ou aproximá-los do mundo da literatura. Estimular a leitura através de textos como crônicas, devido à estrutura desse gênero, pode ser uma estratégia viável para mudar o olhar do aluno sobre a leitura literária, preparando-o para leituras mais profundas.

### **3.1 As oficinas**

Foi desenvolvido, para esta pesquisa, um caderno de atividades para cada aluno, conforme o apêndice composto por quatro oficinas. As duas primeiras tiveram como objetivo trabalhar o contexto de produção, circulação e recepção do gênero crônica literária, e do gênero digital meme, já a terceira vislumbrou algumas técnicas de retextualização e, por fim, a culminância da pesquisa, através da produção dos memes.

#### **3.1.1 Oficina 1 – A crônica**

##### **Etapa 01**

Inicialmente, comuniquei à turma que nessa oficina leríamos alguns textos literários para conhecer melhor o gênero textual crônica. Também, os instiguei a fim de descobrir o que sabiam a respeito desse gênero. E, ao serem questionados se conheciam o tipo textual crônica, obtive as seguintes respostas:

- “Nunca vi uma crônica na vida!”
- “Texto de *WhatsApp* é literário?”

Expliquei que na verdade o livro didático está repleto desses textos, por isso, mesmo que não se lembrassem, já tiveram contato com esse gênero. A respeito do *WhatsApp*, após algumas discussões, a própria turma chegou ao consenso de que o aplicativo não é um gênero, mas sim um veículo/suporte que permite a circulação de textos variados, inclusive do texto literário.

Primeiro, foi pedido aos alunos que fizessem uma pequena produção textual, descrevendo suas impressões a respeito de algum fato que os tivesse marcado, sendo que tal acontecimento poderia ter sido presenciado ou protagonizado por eles. Nessa produção pedi

que eles se lembrassem de como encararam esse fato, das sensações que sentiram, dos seus medos, das ansiedades, entre outros sentimentos. Essa atividade não objetivou ensinar a produzir crônica, mas aproximá-los das temáticas que compõem o gênero, permitindo que eles entendessem seu contexto de produção.

Em seguida os alunos sentaram-se em dupla e tiveram a oportunidade de compartilhar seus textos com o colega. Além disso, três alunas quiseram compartilhar a leitura de seus textos com toda a turma. Duas delas escreveram sobre a notícia da morte de seus entes queridos. A aluna A descreveu a perda do pai e como se sentia culpada por nunca ter dito que o amava; já a aluna B relatou sobre o falecimento da avó e da vontade que sentia de ser uma pessoa melhor para ela; por fim, a aluna C falou sobre a amputação de uma perna que seu pai, vítima de câncer, realizou, e descreveu suas sensações e o medo que sentiu por tê-lo visto pela primeira vez sem a perna. Esse momento foi especial, pois a turma sensibilizou-se com as histórias lidas e alguns alunos, inclusive, se emocionaram. Este momento oportunizou conhecer um pouco mais da história de cada um, pois, apesar de nós professores procuramos conhecer parte do contexto familiar de nossos discentes, alguns fatos acabam passando despercebidos. Entretanto, justamente muitos desses fatos explicam determinados comportamentos perante as aulas.

A partir do processo de produção descrito acima, foi possível discutir com os alunos como a literatura e a vida estão entranhadas, posto que o autor arranca de si mesmo e materializa em forma de texto seus sentimentos, seus anseios, suas fabulações e que, através desses textos, podemos refletir e repensar sobre a própria realidade. Nesse sentido, Candido (2004, p.249) defende que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Um texto irá re(significar) de acordo com seu leitor, como nos textos compartilhados pelos colegas. Mesmo dizendo da realidade de outro, aquilo sensibiliza-me e desentranha quem eu sou.

## **Etapa 02**

O objetivo desta etapa foi refletir sobre o estilo composicional do gênero crônica literária, a partir da comparação com outros gêneros de relato e memória, como conto e notícia. Os alunos foram novamente questionados se conheciam e já tinham lido o gênero textual crônica, quais eram as características desse tipo de texto, e se sabiam o que diferenciava esse tipo de texto, de outros de memória e relato. Em um primeiro momento, eles responderam que não. Mas, após alguma insistência, um aluno perguntou se o texto “Felicidade Clandestina” era

uma crônica, e três alunas lembraram-se de que o professor de Português do ano anterior levou crônicas que abordavam histórias de racismo.

As carteiras da sala foram organizadas em círculo, para que pudéssemos analisar os textos e debater as atividades propostas. Efetuamos a leitura de três textos, uma crônica, uma notícia e um conto conforme o caderno de atividades no apêndice. Os três textos tinham uma temática parecida, a respeito de tragédia. Discutimos a respeito das características e diferenças de cada texto. Uma aluna observou que “Na maioria das vezes, as crônicas caracterizam pessoas, mas não falam o nome delas.” Após fazermos as leituras dos textos, e discutirmos as características quem compõem cada um deles, os alunos responderam a algumas perguntas.

### Quadro 1

- Em que os textos se assemelham e se diferenciam?
- Em quais dos textos a temática é abordada sob um ponto de vista pessoal? <input type="checkbox"/> crônica <input type="checkbox"/> notícia <input type="checkbox"/> conto
- Qual dos textos apresenta fatos e linguagem impessoal? <input type="checkbox"/> crônica <input type="checkbox"/> notícia <input type="checkbox"/> conto
- Discuta com seus colegas e professores quais são as características de uma crônica.
- Em quais veículos podemos encontrar uma crônica?

Fonte: arquivo professora-pesquisadora.

O objetivo foi analisar o estilo composicional, a linguagem predominante e temática do gênero. Discutimos as características do gênero, mas não nos aprofundamos, visto que o objetivo foi fazê-los ler e não escrever crônicas.

### Etapa 03

Essa etapa foi realizada através de um café com prosa. A escola tem um espaço conhecido como “sala de leitura”, onde acontecem as palestras, reuniões, exibição de vídeos, apresentações culturais, entre outras atividades. A turma foi recebida com uma deliciosa mesa de café preparada pela professora pesquisadora e ficaram surpresos com a recepção. A partir das expressões e comentários feitos durante e depois da atividade, percebeu-se que eles se sentiram valorizados com essa recepção. A ideia era tornar tudo um ambiente leve, descontraído, que se distanciasse do ambiente da sala de aula, onde pudéssemos ter uma manhã

de bate-papo agradável sobre literatura. Esta manhã contou com a presença de dois convidados especiais: Neudimar Moreira Miranda – professor de Língua Portuguesa nos anos anteriores – e Lucca de Resende Nogueira Tartaglia – doutorando em Literatura pela UFRJ.

**Figura 4**



Fonte: arquivo professora – pesquisadora

**Figura 5**



Fonte: arquivo professora – pesquisadora

Após servir o café aos alunos, que ficou disponível durante todo o processo, a vice-diretora da escola fez um discurso a fim de reforçar a importância da participação dos estudantes em uma pesquisa de Mestrado, visto que muitos alunos saem do ensino regular sem vislumbrar essa experiência.

Posteriormente, o Convidado Lucca pediu que eles se sentassem em semicírculos para que pudessem iniciar a conversa, e contou-lhes de forma descontraída sobre sua história e trajetória acadêmica. Lucca foi aluno do Professor Neudimar, e relatou a sua experiência de um estudante com “necessidades especiais”, já que gostava de ler, escutar música, mas apresentava dificuldades em relação à gramática e suas médias bimestrais eram baixas. De acordo com Lucca, os professores o consideravam como um aluno com necessidades especiais, devido às suas dificuldades de aprendizado, que resultavam em notas baixas, “isso fez com que eu também me tornasse um professor com “necessidades especiais”, com a necessidade de olhar para o aluno e para o processo de ensino de uma forma diferente.” A turma mostrou-se extremamente empolgada em ouvir um relato de um ex-aluno e quis saber o que o Neudimar falava para ele quando era seu professor.

**Figura 6**



Arquivo professora-pesquisadora

Logo depois foi a vez dos alunos. Foi sugerido que eles se apresentassem através de pseudônimos e respondessem se gostavam ou não de ler, não só textos literários como outros textos também. No início os alunos ficaram receosos em falar outro nome que não o seu, mas depois se soltaram, e divertiram-se muito com a dinâmica. Alguns optaram por nomes comuns,

já outros de artistas famosos. Surgiram até mesmo nomes de personagens de ficção como “Barry Allen”, nome da personagem Flash em sua série. A dinâmica foi uma introdução para a leitura da crônica “Comer o nome, ler a comida” (de Evaldo Balbino), que seria lida adiante, além de ser também utilizada como estratégia para falar a respeito da linguagem literária, e o que a diferencia de uma linguagem jornalística, como também da estranheza ao ler algumas palavras no contexto literário. Posteriormente, ele perguntou o que eles consideravam ser um bom leitor. Uma aluna respondeu que “é uma pessoa que pratica muito”, e ele explicou que mais importante que a quantidade de leituras é a qualidade da leitura, não no sentido de autores e temas, mas no sentido de ler, absorver e entender de forma crítica o jogo das palavras e expressões dentro texto. Perguntou também se alguém sabia o significado de ortografia e ortodoxo. Um aluno respondeu que “grafia tinha haver com escrita”, e a partir dessa observação ele explicou sobre o valor semântico dos morfemas:

- orto —————> correta
- grafia —————> escrita
- doxo —————> opinião
- hetero —————> diferente

Tendo como base os significados dos termos acima, foi possível debater a respeito das diferentes funções da linguagem de acordo com o tipo de texto. O convidado Lucca explicou que a linguagem jornalística é mais objetiva, tem a pretensão de passar uma opinião correta, utilizando-se de uma grafia de acordo com a norma padrão da língua e, por isso, quando se leem textos desse tipo, tende-se a escrever corretamente de acordo com certas normas-padrão. Por outro lado, na linguagem literária a escrita se comporta de maneira diferente, a linguagem tende a ser subjetiva e há certa liberdade em lidar com as palavras, e por isso o que é “correto ou não” na escrita torna-se relativo, pois a palavra serve aos propósitos do autor. Tendo como objetivo exemplificar o poder que a literatura tem de brincar com as palavras e de dizer muito, foram feitas juntamente com os alunos algumas reflexões referentes aos seguintes minicontos:

**Quadro 2**

<b>Minicontos</b>	<b>Considerações levantadas sobre as obras a partir das discussões do grupo.</b>
-------------------	--

<p>“SÉU paraíso possessivo”</p> <p style="text-align: right;"><i>Lucca Tartaglia</i></p> <p><i>Disponível em: Apneia - revista de poesia livre e crua, 6ª edição, p. 21-22.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Em relação à ortografia há duas possibilidades de trocas (o s pelo c - céu), e o acento agudo ficando (seu);</li> <li>• O conceito de certo e errado é relativo no texto;</li> <li>• Simbolismo gráfico da letra “s” que faz alusão a uma escada;</li> <li>• Que tipo de ideia temos de paraíso?;</li> <li>• As coisas boas, são boas igualmente para todo mundo?</li> <li>• Se a ideia de posse pode ser negativa, então paraíso nesse contexto pode significar o inferno;</li> <li>• A literatura possibilita um trabalho criativo com as palavras.</li> </ul>
<p>“ATENSÃO quando subir /a maré.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Lucca Tartaglia</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Um risco de quando a maré subir alguém morrer afogado;</li> <li>• União de dois sentidos em uma única palavra “atenção” no sentido de prestar atenção e, “tensão” no sentido de estar tenso em relação a algo;</li> <li>• Conhecimento prévio, pois o autor é carioca e refere-se ao complexo da Maré.</li> <li>• Risco de subir a favela, ficar tenso, prestar atenção;</li> <li>• Risco de morrer afogado na desigualdade social;</li> <li>• Risco de levar um tiro.</li> </ul>

<p><i>Disponível em: Apneia - revista de poesia livre e crua, 6ª edição, p. 21-22.</i></p>	
<p>“OFFSINA</p> <p>Trabalhar a pedra no meio do caminho”</p> <p style="text-align: right;"><i>Lucca Tartaglia</i></p> <p><i>Disponível em: Apneia - revista de poesia livre e crua, 6ª edição, p. 21-22.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Faz referência ao poema de Carlos Drummond de Andrade “No meio do caminho”;</li> <li>• Alude à palavra “oficina” no sentido de lugar para construir algo;</li> <li>• “Off” no sentido de desligar;</li> <li>• Sina significa destino;</li> <li>• Desligar a ideia de que você tem um destino pré-determinado;</li> <li>• Liga o poema de Drummond com a ideia de transformar as pedras que estão no meio do caminho, usando-as a seu favor.</li> </ul>
<p>“- Fui me confessar ao mar</p> <p>- O que ele me disse</p> <p>- nada.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Lygia Fagundes Telles.</i></p> <p>In: Freire, M. (org.) <i>Os cem menores contos brasileiros do século</i>. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duplo sentido;</li> <li>• Nada, no sentido de nadar;</li> <li>• Nada, no sentido de lutar, encarar os desafios;</li> <li>• Nada, no sentido de ficar calado.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela professora-pesquisadora.

A partir de toda essa discussão, os discentes assistiram a vários exemplos de como a literatura subverte a linguagem, em alguns autores de forma mais acentuada que em outros, e entenderam melhor as diferentes funções da linguagem, que tende a ser mais subjetiva na literatura. Entenderam também que a literatura pode ampliar a capacidade de escrita, visto o

trabalho criativo que a linguagem literária possibilita, e entenderam que ler bem não está associado à quantidade de textos, mas sim à qualidade dessa leitura.

Além disso, foi explicado que leríamos algumas crônicas literárias e que nesse gênero textual os autores aproveitam-se de um objeto real ou fictício e colocam suas impressões a respeito desse fato. Explanou-se também que a crônica se aproveita de um evento real a partir de uma ótica subjetiva, e que isso se dá em diferentes níveis. Foi dito que tanto uma coisa que aconteceu ontem pode aparecer no jornal hoje como uma crônica, como também uma memória pessoal, que aconteceu de fato em determinado momento da vida do autor e que ele traz para o presente fazendo uma interpretação daquele momento. Por isso a crônica ora vai se aproximar mais do texto literário, ora do texto jornalístico.

Em seguida, foram projetados os autores das crônicas que seriam lidas durante a oficina: Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo e Evaldo Balbino. Uma aluna reconheceu o autor Luís Fernando Veríssimo, mas não se lembrou de suas obras. O convidado Lucca explicou brevemente a biografia e ainda mostrou algumas obras desses autores *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino; *Em algum lugar do paraíso*, de Luís Fernando Verissimo; *Móviles de areia*, de Evaldo Balbino. Os alunos ficaram encantados e assustados ao saber que a professora-pesquisadora tem contato com um dos autores, pois a ideia que eles têm de um autor ainda é a de um “ser inalcançável” e muito distante da realidade deles e das pessoas que os cercam.

Na sequência, foi realizada coletivamente a leitura da crônica “Comer o nome, ler a comida” (de Evaldo Balbino), e, seguindo a temática do texto, pediu-se que compartilhassem alguns nomes que eles achavam que também lhes causavam estranheza. Alguns dos comentários dos alunos foram “quebra-queixo”; “lua de mel”; “quando eu era criança, eu achava muito estranho chá de bebê. Ficava horrorizado de pensar em um bebê sendo cozido dentro da panela”; “minha mãe comprava maria mole na padaria e eu achava que a moça que vendia o doce era Maria mole, porque era mole!”; “Toda vez que escuto quiabo eu penso em gato, não sei o porquê. Aí penso em um quiabo andando!”. Esse processo fez com que os alunos se divertissem enquanto refletiam sobre os aspectos criativos da língua, uma vez que, segundo Candido,

“[...] aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.”  
(CANDIDO, 1992, p. 19)

Ao serem questionados sobre qual era o teor humorístico da crônica, obtiveram-se as seguintes respostas “Achei engraçada, pois quando lemos nos lembramos do outro sentido da palavra”; “Expectativa do uso das palavras de quem criou a crônica”. Assim, foi possível refletir que a base do humor é explorar os diversos sentidos das palavras, e que isso acontece não só em textos, como também em outras plataformas. Discorreu-se também sobre o poder da literatura em tomar o que é banal e fazer-nos ver naquilo algo antes invisível aos nossos olhos. Nesse sentido, Sá afirma que o cronista capta pequenos acontecimentos do dia a dia, considerados insignificantes, “transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias” (SÁ, 2008, p. 11). Por fim, foi discutido que a literatura não está somente ligada aos clássicos como Machado de Assis e, assim, sempre haverá uma literatura relacionada às coisas com que eles, alunos, se identificam, inclusive, de autores contemporâneos. Portanto é necessário recorrer primeiramente às obras literárias de temas que lhes agradem para deixar florescer neles o gosto pela leitura.

Após todo esse momento de conversa, leitura e reflexão acerca das particularidades que envolvem a literatura, sucederam-se as leituras das outras crônicas. Cada aluno recebeu um cartão com uma cor diferente (vermelho, verde, azul) que definiu os integrantes de cada grupo. Cada professor ficou responsável por uma equipe e teve vinte minutos para ler a crônica e discutir as questões lúdicas e críticas do texto. Os grupos realizaram as leituras em diferentes ambientes da escola (jardim, biblioteca e sala de leitura), e depois retornaram à sala de leitura para compartilhar a crônica com o restante da turma através de uma leitura dramatizada. O envolvimento dos alunos, que geralmente não participam das atividades propostas em sala de aula, foi surpreendente, dado que, ao ser cogitado quais seriam as pessoas que iriam à frente fazer a leitura dramatizada, estes foram os primeiros a se manifestarem e mostraram-se extremamente empolgados.

Na crônica “A bola”, do autor Luis Fernando Veríssimo, os alunos optaram por interpretar os personagens, o cenário foi improvisado de acordo com os recursos de que os estudantes dispunham no momento. O narrador lia o texto e os alunos faziam a cena. Um fato que chamou a atenção da professora-pesquisadora foi a forma impecável com que um aluno que interpretou o pai o fez, já que era um aluno que até então não se interessava pelas atividades escolares. Na parte em que se descreve que o personagem cheirava a bola tentando recuperar o cheiro do couro de quando era criança, a emoção que ele colocou na interpretação dava a sensação de que, naquele momento, ele realmente era o “outro”. Houve também momentos de risada e descontração que, posteriormente, viraram memes do grupo.

**Figura 7**



Fonte: arquivo professora-pesquisadora

O segundo grupo dramatizou a crônica “Página policial”, também do autor Luis Fernando Veríssimo. Eles também optaram por encenar o texto. O diferencial do grupo foi que, além de se organizarem entre o papel do narrador e dos personagens, houve também o grupo dos efeitos especiais. Fizeram o barulho do telefone, da sirene do carro de polícia. Neste grupo também houve a interação por parte dos que não gostam de participar dos trabalhos propostos nas aulas.

**Figura 8**



Fonte: arquivo professora-pesquisadora

Já o terceiro e último grupo da crônica “O homem nu” (de Fernando Sabino) optou por compartilhar seu texto através da escolha de duas integrantes para fazerem uma leitura com entonação. Apesar de não ser uma dramatização, a postura de voz das alunas fez com que os alunos também prestassem atenção e se envolvessem com os textos lidos.

**Figura 9**



Fonte: arquivo professora-pesquisadora

Por meio das leituras compartilhadas, os alunos tomaram conhecimento de todas as crônicas. O momento oportunizou uma experiência de leitura descontraída, de interação e inclusão dos membros do grupo, como também dos ouvintes. Por fim, através de uma roda de conversa, discutiram-se todos os temas das crônicas relacionando-os criticamente com as atividades cotidianas dos alunos. Isso reforça os conceitos de Candido sobre as crônicas, quando o autor ressalva a maneira com que “elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando de coisas sem maior consequência e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (CANDIDO, 1992, p. 9). É importante observar que a maioria da turma relatou não gostar de ler; entretanto, ao final daquela manhã, todos leram quatro textos. E, levando em consideração os comentários feitos por eles, foram experiências positivas de leitura. Toda a turma participou das discussões, levantando questões relacionadas às críticas presentes nos textos, às normas e convenções sociais. A leitura das crônicas fez com que os alunos refletissem sobre situações diversas

presentes na sociedade, como mostram os comentários feitos por eles durante a roda de conversa:

### Quadro 3

**Comer o nome, ler a comida:** “Nosso olhar está tão acostumado com as coisas, precisamos ver além do que está ali na nossa cara, ir além e não ter medo de arriscar”.

**Página policial:** “A ineficiência da segurança pública”.

“Lá no meu bairro, quando chama a polícia demora uma hora, aí nem precisa mais”.

“A casa do comandante tem mais valor que a nossa!”.

**A bola:** “Atualmente a gente tá vivendo em uma sociedade em que a tecnologia vem em primeiro lugar, hoje em dia ninguém quer uma bola... quer um celular novo”.

“É um choque de duas gerações”

“Estamos na era das redes sociais e nunca fomos tão insociáveis”.

**O homem nu:** “Fala dos padrões da sociedade... do que é considerado um constrangimento. Primeiro, porque o homem está nu e também está devendo e não quer ser cobrado”.

“Tem gente que nem fica constrangido de ser cobrado, acha normal.”

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora, transcrevendo-se as palavras dos alunos.

Ao serem questionados se a partir de agora procurariam outras crônicas para ler, alguns alunos responderam que sim, que procurariam, e outros foram sinceros e relataram que não procurariam, mas que gostariam e leriam se o professor as levasse para eles.

### Quadro 4

#### Comentários dos alunos sobre o “café com prosa”

“Interessante”, “produtivo”, “prazeroso”, “mais interativo”, “a gente põe em prática o que aprende”, “se interessa mais”, “foi muito gostoso”, “podia fazer todo dia!”, “a gente se interessa mais do lado de fora”, “Foi muito bom, pois assim a gente reflete e troca opinião”.

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora, transcrevendo-se as palavras dos alunos.

## **Etapa 04**

No outro dia, os discentes se organizaram em duplas e responderam a algumas perguntas de interpretação, a fim de reforçar todas as discussões feitas anteriormente. Os alunos não apresentaram dificuldades em responder às questões propostas, e essa etapa foi importante para registrar e consolidar as discussões a respeito dos textos.

### **3.1.2 Oficina 2 – O meme**

Inicialmente, perguntei à turma o que eles consideravam ser um meme. As respostas obtidas foram:

Aluno A: “é uma imagem com um negócio tipo umas letras brancas.”  
Aluno B: “uma foto qualquer com humor”,  
Aluno C: “imagens com edições”,  
Aluno D: “alguma coisa engraçada”,  
Aluno E: “quando você pega algo que não tem graça e faz ficar com graça”.

(Diário professora-pesquisadora, 2019)

As conclusões levantadas demonstram que eles não conseguiram, em um primeiro momento, associar memes a textos verbais, imagens com movimento, vídeos, entre outros. Além disso, não consideravam as especificidades do gênero, que segundo Shifman (2013) precisa ser dotado de três características: fazer parte de um grupo, ser uma réplica consciente de outra e ser transformado e compartilhado por diferentes pessoas. Por essa razão, entendiam que uma imagem aleatória com algumas letras brancas era um meme, assim como também não tinham pensado em seu aspecto crítico e nos tipos de discurso que constituíam os diferentes signos que o compõem.

Em seguida, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos a respeito do gênero, entender os conceitos, as definições e a origem do gênero digital meme, eles assistiram a um vídeo no canal do Youtube “mimimídias”

**Figura 10**



Fonte: Arquivo professora-pesquisadora

A linguagem despojada do vídeo chamou a atenção dos alunos e os ajudou a compreender melhor o que de fato é um meme. A partir daí eles foram questionados novamente sobre o conceito do que seria um meme, e surgiram respostas como “é uma mesma ideia compartilhada por pessoas diferentes”, “algo que viralizou”. Percebi, então, que o vídeo fez com que os alunos começassem a mudar a visão que tinham até então sobre o gênero, como também os fez observar a importância do conhecimento prévio para entendê-lo, pois os exemplos do vídeo eram, em sua maioria, de memes que se tornaram virais em outro país. Portanto, eles não conheciam o contexto que inspiraram sua criação e não conseguiram interpretá-lo. Acrescentaram ainda que, de acordo com o vídeo, nem sempre o gênero está atrelado ao humor, já que algumas vezes é só algo que se espalhou.

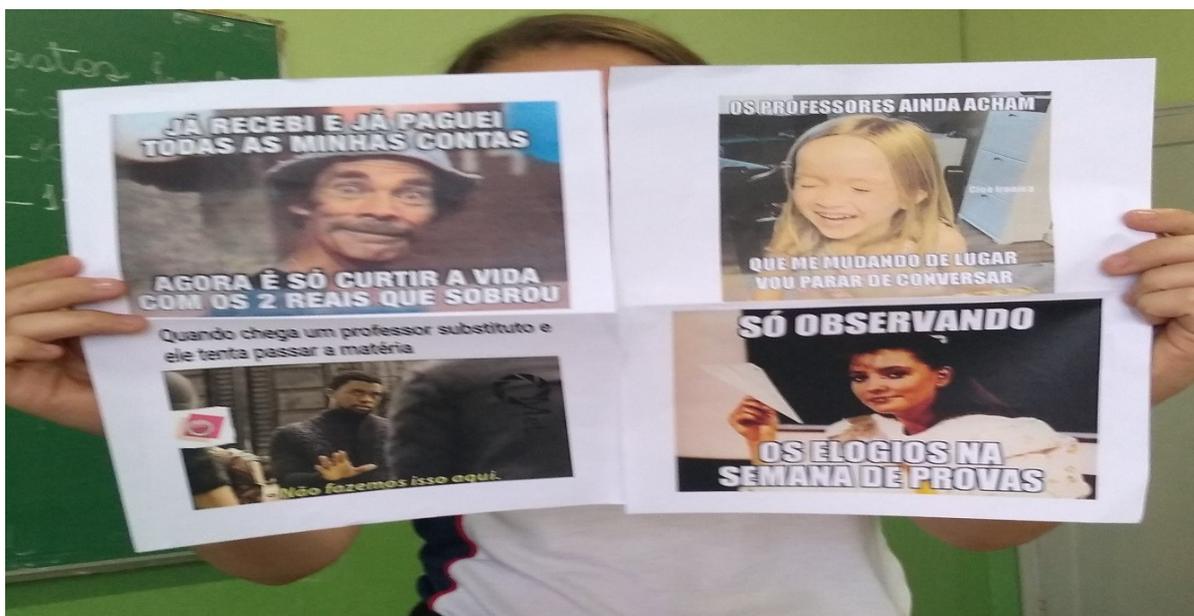
No dia seguinte, os alunos foram levados ao laboratório de informática da escola com o intuito de promover uma visita virtual ao museu de memes. O museu é um projeto da Universidade Federal Fluminense com o objetivo de criar um acervo de pesquisa aos interessados no assunto. Eles riram muito ao relembrar os memes que fizeram sucesso na rede e ainda acessaram outros inéditos. Na visita virtual foi possível analisar as origens dos memes e os tipos de discursos presentes em cada um deles. Dessa forma, eles entenderam melhor a relação entre a linguagem verbal e a não verbal, como também a intencionalidade presente nos

discursos do gênero. Eles disseram que até então só tinham atrelado o gênero meme ao humor, e nunca tinham pensado que o gênero poderia exercer outra função além dessa.

Os memes podem mostra-se por meio de uma reprodução caricaturada, positiva ou negativa, do nosso cotidiano, costumes, cultura, crenças, política, sociedade e demais reproduções simbólicas. Portanto, eles podem servir para uma análise de formatação representativa, que determina noções de comportamentos e moralidade a partir de um referencial. (CAVALCANTI; LEPRE, 2018, p. 12)

Ao final da visita, foi pedido aos alunos que pesquisassem pelo menos três memes que descrevessem sobre suas personalidades e gostos, e trouxessem para a próxima aula. Na aula seguinte, foi oportunizado um momento para que eles pudessem compartilhar esses memes com a classe, a fim de aproximá-los ainda mais do gênero. O curioso foi perceber que as mesmas pessoas que não tiveram vergonha em participar da leitura dramatizada durante a oficina de crônica, ficaram constrangidas em partilhar os seus memes. Neste momento, percebe-se a dificuldade de alguns alunos em lidar com a exposição, posto que assumir uma máscara de determinado personagem é diferente de dizer de si mesmo através de um discurso humorístico, principalmente quando este aluno tem um histórico de introspecção e menos participação em sala de aula.

**Figura 11**



Fonte: arquivo professora-pesquisadora

A próxima etapa teve como objetivo trabalhar o estilo composicional do meme, considerando os signos verbais e não verbais que compõem a estrutura deste gênero digital. A

primeira atividade era a análise de um meme conhecido como “bode gaiato”. Apesar de ser este um personagem famoso nas redes sociais, somente quatro alunos conseguiram compreender a mensagem do meme sem dificuldades. Como o meme só faz sentido dentro de determinado contexto, foi necessário pesquisar a respeito dos elementos que o constituem para que ele fosse compreendido. Sobre isso, Val (2004) declara que “o texto não significa exclusivamente por si mesmo. Seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter conhecimentos necessários à sua interpretação”. (COSTA VAL, 2004 p.06). Logo, se os alunos não sabem o que é um bode, o que ele representa na cultura nordestina e ainda que o meme utiliza-se de algumas expressões desse contexto cultural para produzir humor, dificilmente será possível que entendam o meme. A turma questionou o significado da palavra “gaiato” e a professora-pesquisadora disse que se tratava de uma expressão que significa “travesso, vadio, faceto e alegre”. Depois de compreenderem a semântica dos elementos, foi que conseguiram interpretar o meme. Reafirmo aqui a importância do professor na função de mediador do conhecimento.

O mesmo não aconteceu com os memes conhecidos como “Chapolin sincero”. Nesta fase o olhar deles sob o gênero já não era o mesmo, e começaram a entender melhor a relação lógica entre a linguagem verbal e a não verbal. De acordo com Souza, “A imagem técnica deve ser decifrada para que as diversas camadas de significados nela contidas possam emergir no discurso em forma de texto” (SOUZA, 2007, p. 79). Todos conheciam o personagem Chapolin e atrelaram a ele características como “astuto”, “engraçado”, “atrapalhado”, “debochado” e “irônico”, também conseguiram perceber alguns dos discursos associados a esse meme, como críticas ao país, aos comportamentos da sociedade, e às pessoas que cuidam da vida alheia.

Na aula seguinte, os alunos realizaram uma atividade que tinha o objetivo de fazê-los analisar algumas imagens virais de memes famosos e descreveram os discursos que geralmente circulam nesses memes. A maioria deles conseguiu realizar a atividade sem dificuldade. O importante aqui era perceber se eles tinham entendido os tipos de discursos que permeiam cada signo não verbal, seja ideológico, político, social, humor pelo humor e até mesmo preconceituoso, tendo-se em vista que a ideologia vinculada ao gênero é variável e depende de quem o produz.

**Figura 12**



Simulação, identificação, designação de papéis,  
pedidos, bulas, cartas, pedidos de paci-  
ência, simulação, situações de avaliação

Fonte: arquivo professora pesquisadora

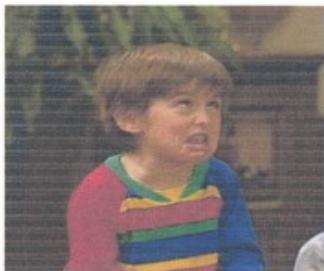
**Figura 13**



lançar de coisas; fingir que  
não é como você

Fonte: arquivo professora pesquisadora

**Figura 14**



Debate, ironia, redomações das  
penseira, imitando a fala de uma  
criança

Fonte: arquivo professora pesquisadora

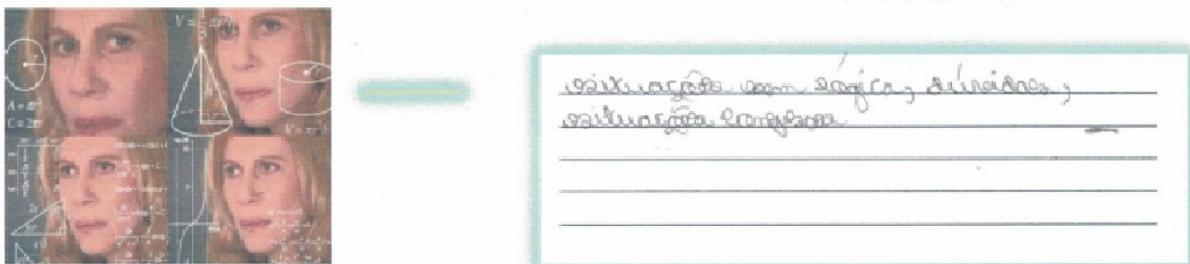
**Figura 15**



Brincos com grãos, situações de  
causas

Fonte: arquivo professora pesquisadora

**Figura 16**



Fonte: arquivo professora pesquisadora

Conferimos as respostas, com um debate e também pesquisando através de projeção, no museu de memes, se as conclusões deles estavam corretas. Após as conferências, eram lidos alguns dos memes do acervo do museu vinculados àquela imagem e percebeu-se que a leitura já era feita de forma mais crítica, de acordo com os comentários dos estudantes organizados no quadro abaixo.

**Quadro 5**

Nome dos memes:	A personagem representa um estereótipo de pessoas:	Termos e assuntos que circulam nos discursos do meme:
Barbie e Ken – cidadãos de bem.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ricas;</li> <li>• Patricinhas;</li> <li>• Brancas;</li> <li>• Padrão;</li> <li>• A população privilegiada.</li> </ul>	Militante, burguesinha, fascista, censura, homofobia, feminismo, políticas públicas, desigualdade social.
Por que você não amadurece?	Pessoas que ficam reclamando de tudo, “cuidam” da sua vida e dão opinião sem você pedir.	Deboche, ironia, frescura.
Nazaré confusa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pessoas que falam coisas sem lógica, discursos políticos “nada a ver”;</li> <li>• Coisas difíceis de entender.</li> </ul>	Ironia, crítica, humor.

Bird box	Pessoas ignorando algo ou alguém.	Humor
Gato piadista	Piadas sem graça.	Humor, crítica, ironia.

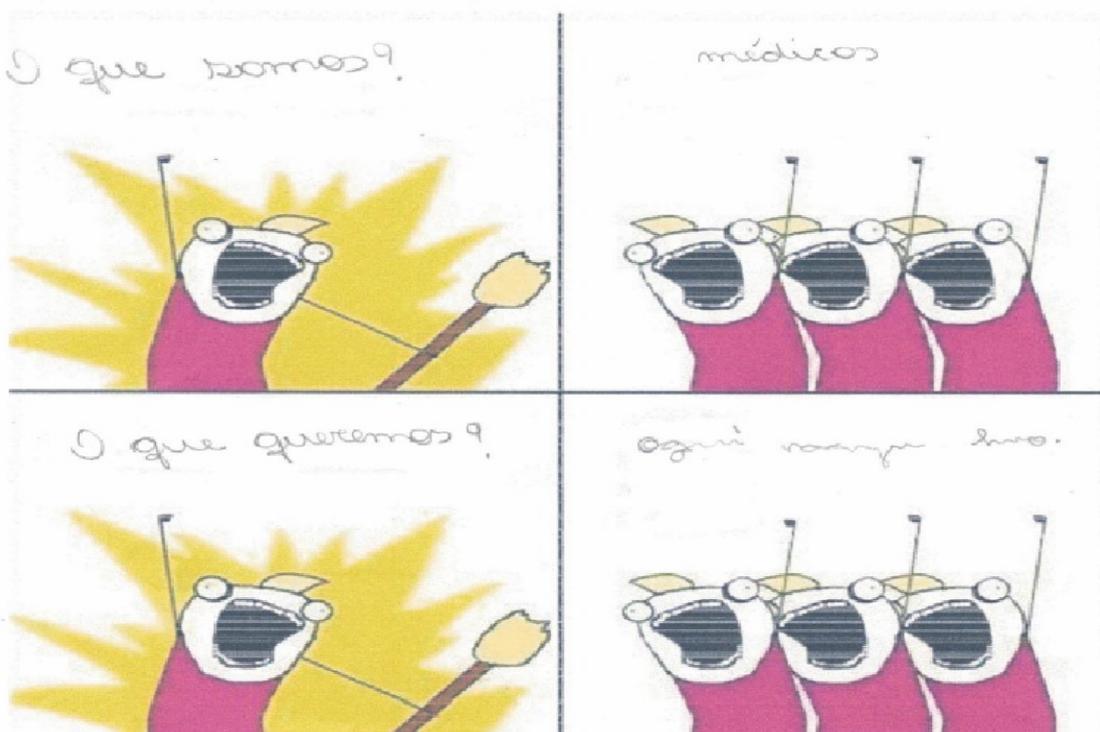
Fonte: produzido pela professora-pesquisadora, transcrevendo-se as palavras dos alunos.

Através dessas atividades os alunos se divertiram, aprenderam e fizeram reflexões sobre a sociedade e problemas sérios que a envolvem de forma descontraída, já que o meme proporciona esse tipo de prática. Todos participaram das atividades que chamaram a atenção dos discentes e que nos permitiram falar sobre vários assuntos.

Como culminância dessa oficina, pedi que eles completassem a imagem do meme conhecido por “O que queremos/Quando queremos”. De acordo com o museu virtual, esses memes apresentam críticas sociais, políticas, principalmente ao “jeitinho brasileiro” e à procrastinação. Percebeu-se a partir dos textos produzidos que as atividades ampliaram a visão crítica dos alunos.

**Figura 17**

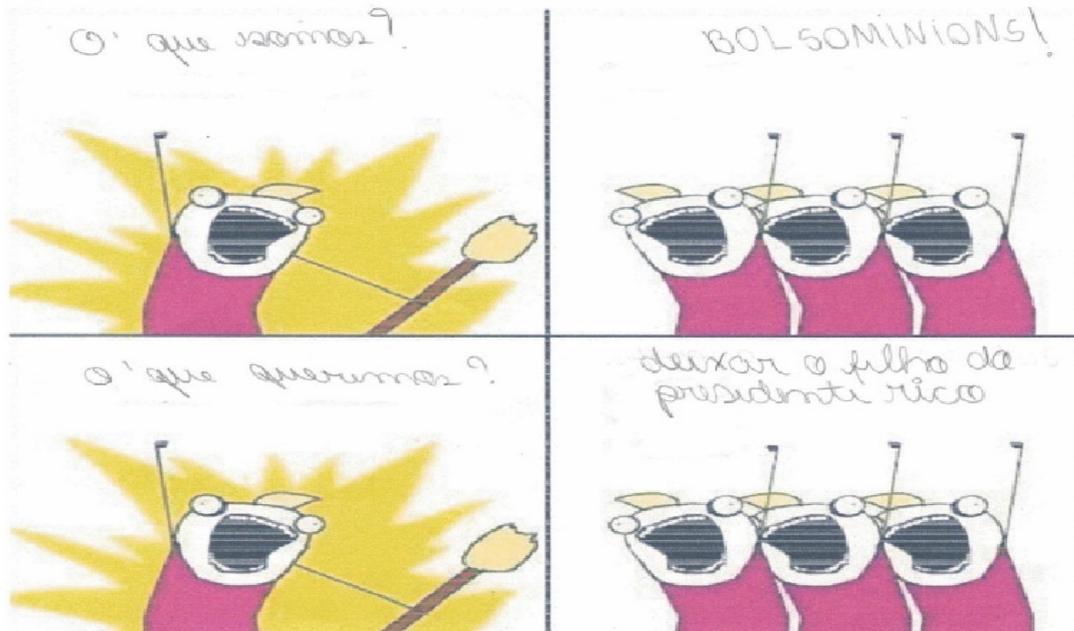
➤ Reflita e complete o meme “O que queremos/Quando queremos”. Pense em fatos que acontecem a sua volta, seus hábitos, suas vontades. Use sua criatividade.



Fonte: arquivo professora-pesquisadora

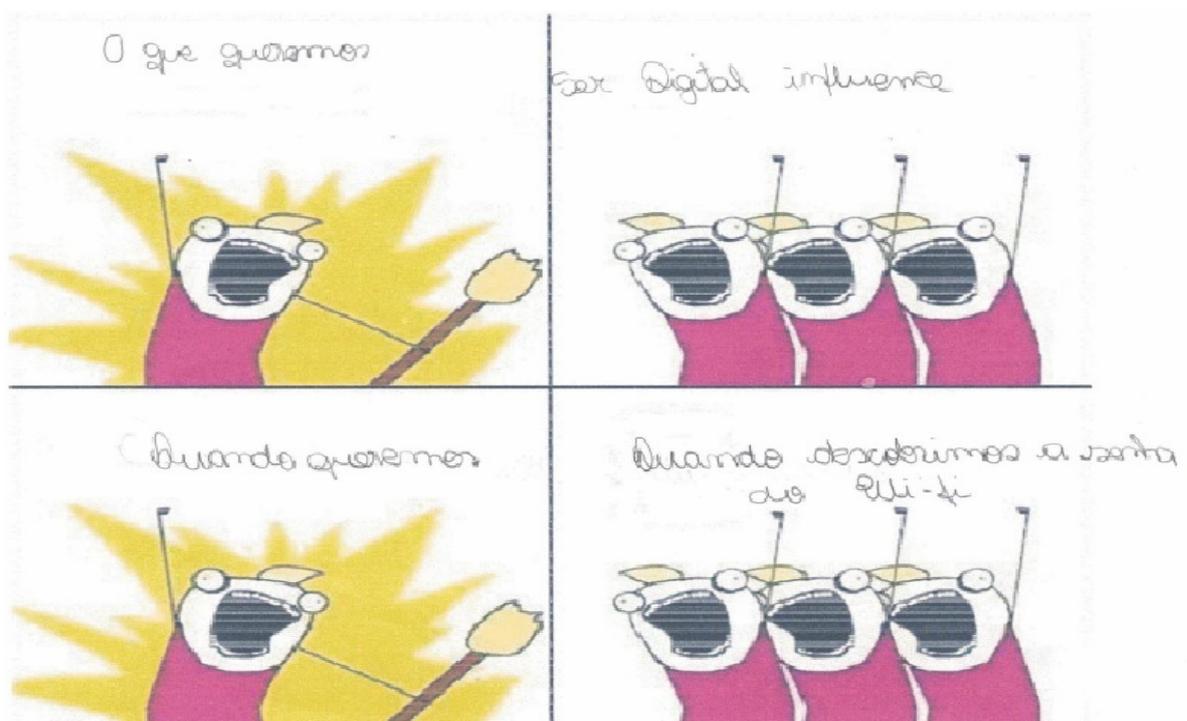
**Figura 18**

➤ Reflita e complete o meme “O que queremos/Quando queremos”. Pense em fatos que acontecem a sua volta, seus hábitos, suas vontades. Use sua criatividade.



Fonte: arquivo professora-pesquisadora

**Figura 19**



Fonte: arquivo professora-pesquisadora

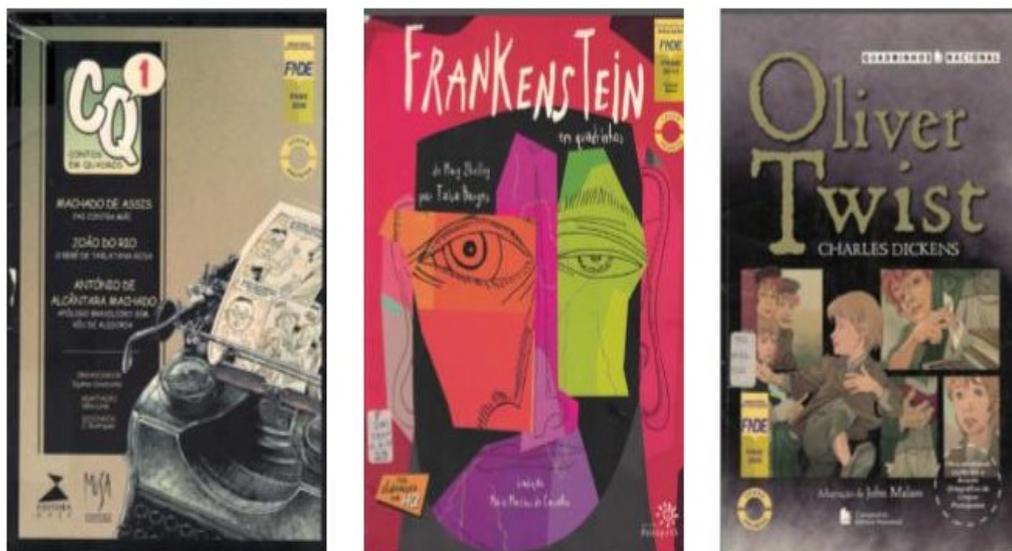
O trabalho realizado nessa oficina contribuiu para o letramento crítico dos discentes, pois possibilitou que eles se expressam de diversas formas, seja através de um humor ou até mesmo a partir de críticas mais profundas a respeito das políticas do nosso país. Isso reafirma que através de atividades à primeira vista “despretensiosas”, é possível adentrar em assuntos variados e desenvolver a criticidade do educando.

### Oficina 3 – Retextualização

A professora-pesquisadora perguntou à turma se eles sabiam o que era retextualização. Caso a resposta fosse sim, se já tiveram acesso a alguma obra retextualizada. Uma aluna perguntou se teria relação com “refazer ou reescrever um texto”, e que nesse sentido conheciam paródias de músicas.

Então, foi ministrada uma aula expositiva a fim de explicar os conceitos que envolvem o processo de retextualização. Para esclarecer um pouco mais sobre o assunto, os alunos assistiram a um vídeo de animação que abordava como se dá o processo de retextualização de uma entrevista oral para uma entrevista escrita, e quais eram os elementos que deveriam ser levados em consideração nesse processo. Além do vídeo, foram mostrados outros exemplos de retextualizações: romances que foram adaptados para histórias em quadrinhos (ou o contrário), filmes.

Figura 20



Fonte: arquivo professora-pesquisadora

Apresentei também o exemplo do livro *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Para isso expus o contexto da história, e depois mostrei os memes que os alunos da professora chilena Jacqueline Bustamante fizeram sobre a obra. Analisamos os aspectos dos personagens, os elementos de composição dos memes, e os efeitos de sentido por expressões como, por exemplo, “censurado”, e assim eles conseguiram entender a crítica, a ironia, e o humor dos mesmos.

Durante a aula expositiva, eles observaram que não são todos os elementos que serão preservados durante o processo de retextualização/tradução – somente o que for importante para atingir o objetivo do público alvo do gênero. Esse recurso revela que “qualquer tradução oferecerá, inevitavelmente, mais do que o texto original oferece, e também menos” (CLÜVER 2006, p. 117), e reforça que o sucesso da tradução dependerá das escolhas dos elementos que o tradutor optará na construção do seu texto. Observou-se também qual era a importância das imagens e da relação lógica que há por trás dessa escolha. Por último refletimos sobre as diferentes formas de se ler um texto, tendo-se em vista que as pessoas não leem um quadrinho da mesma forma que leem um romance, um poema, uma pintura, entre outros gêneros. Uma aluna comentou que “é por isso que quando a gente lê um livro e depois assiste ao filme, na maioria das vezes, ficamos decepcionados. É muito diferente e a gente cria a expectativa de ver todos os detalhes... agora eu entendi melhor o motivo”. A partir do comentário da aluna, percebeu-se que eles entenderam o conceito.

Para concluir essa oficina, expliquei que iríamos produzir memes, partindo dos discursos das crônicas trabalhadas na oficina 01, e que a esse processo dá-se o nome de retextualização. Após toda discussão, os alunos responderam a algumas perguntas, objetivando consolidar todos os aspectos analisados e porventura sanar alguma dúvida que eles ainda pudessem ter. Entretanto, eles não apresentaram dificuldades em responder às questões propostas.

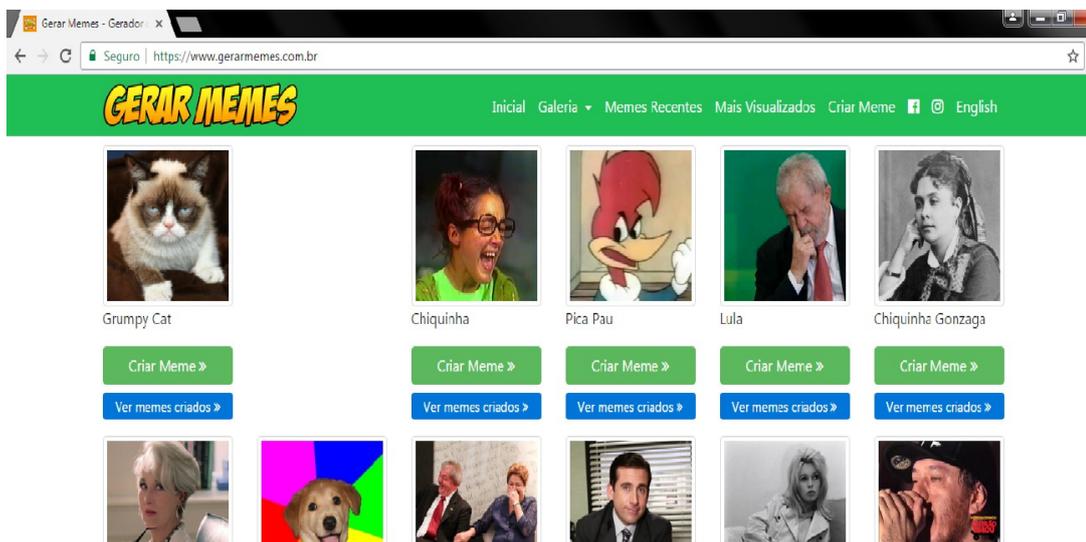
#### **Oficina 4 – A retextualização das crônicas para memes**

Nesta etapa os alunos se organizaram novamente, conforme os grupos formados na oficina 01, direcionada ao estudo do gênero crônica. O intuito foi fazê-los pensar e elaborar os protótipos, levando em consideração os signos verbais e não verbais que usariam para criar os memes. As produções ocorreram de acordo com as divisões da oficina de crônicas; entretanto, todos os grupos produziram memes da crônica “Comer o nome, ler a comida”, visto que a leitura, a reflexão e a discussão nesse caso se deram de forma coletiva.

Em parceria com a professora de Artes, foi desenvolvida uma aula interdisciplinar para que os alunos, que optassem por produzir os memes através de desenhos, pudessem estudar algumas estratégias. O trabalho de retextualização envolveu outros profissionais da escola.

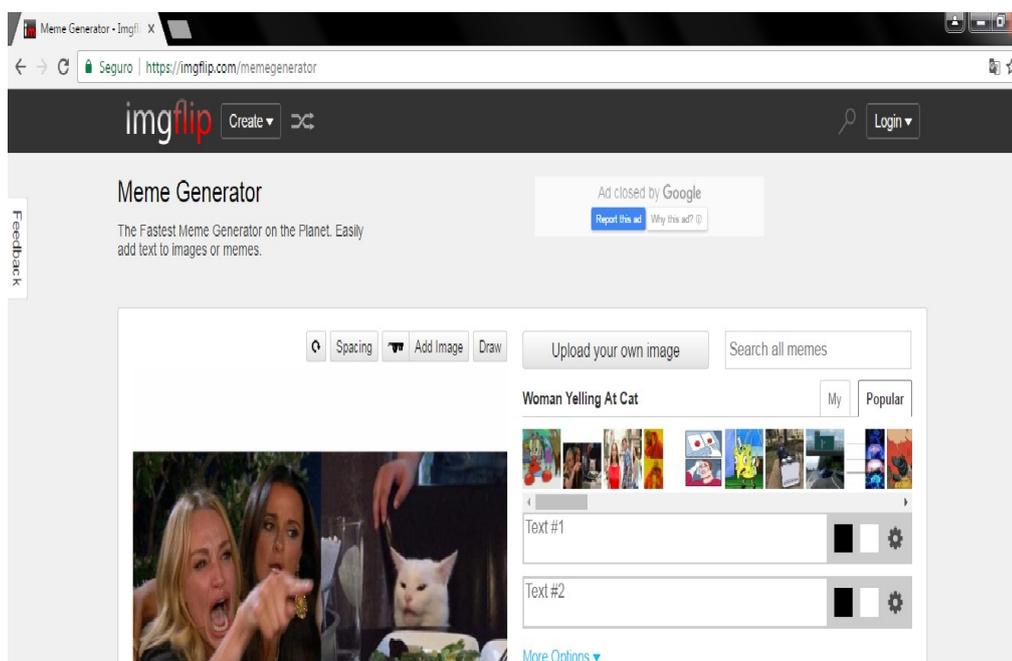
Na aula seguinte, os estudantes foram levados ao laboratório de informática para elaborarem os memes através dos sites Gerar Memes e Meme Generator.

**Figura 21**



Fonte: gerarmemes.com

**Figura 22**



Fonte: memegenerator.com

A professora-pesquisadora explicou o funcionamento dos sites. Todavia muitos integrantes dos grupos tiveram dificuldades em lidar com os mecanismos da página, o que foi uma surpresa, já que pertencem a uma geração em que a maioria das pessoas tem acesso e utiliza as tecnologias digitais como instrumento de trabalho, estudo, pesquisa, lazer, entre outras funções. Por isso esperava-se que soubessem manipular com facilidade tais ferramentas. Ao serem questionados a respeito dessa dificuldade, os estudantes disseram que usam o aparelho de celular, sendo que muitos não têm acesso a computadores e não costumam usá-los para algo que não esteja associado a jogos e a redes sociais.

Apesar das dificuldades manifestas por alguns, os alunos se ajudaram e o trabalho em equipe possibilitou que todos conseguissem produzir com êxito os memes. Eles se mostraram extremamente empolgados durante a produção, o que é positivo, já que atrelaram a leitura a uma atividade prazerosa. Outrossim, seria o fato de usarem o laboratório de informática como ferramenta para a produção dos textos digitais, pois, além de se sentirem motivados pelo uso da tecnologia, o computador mostrou-se relevante para despertar o interesse pela aprendizagem e pelo trabalho em grupo. Além disso, o uso das tecnologias colabora para ampliar suas habilidades digitais e prepará-los para o mercado de trabalho, já que estamos imersos numa sociedade cada vez mais digitalizada. Concordando com essas afirmações, Coscarelli e Ribeiro (2005) alegam que

[...] o computador não vai, por si só, modificar a concepção de aprendizagem das escolas, uma vez que ele pode ser usado para lidar com diversas situações. E é aí que está uma das vantagens de se usar o computador em sala de aula. Cada momento da situação de aprendizagem requer uma estratégia diferente, e o computador pode ser útil em várias ocasiões, bastando para isso que o professor planeje atividades, mais dirigidas, ou menos, conforme o momento. (COSCARELLI e RIBEIRO, 2005, p. 27)

Vale ressaltar que, durante o processo de retextualização das crônicas para os memes, os alunos voltavam aos textos e às atividades de reflexão a fim de buscarem inferências para seus textos. De acordo com Dell'isola (2017), para retextualizar ou “transpor de uma modalidade para outra”, é preciso compreender o que foi dito e os efeitos provocados por esse discurso. Isso confirma que usar esse tipo de atividade é uma boa estratégia para ampliar o olhar do aluno para além do texto, desenvolvendo-se, assim, habilidades de inferência, pois tal atividade reforça a criticidade a partir de um processo criativo. Os memes criados foram salvos no computador e compartilhados (via *WhatsApp web*) pela turma para o grupo de *WhatsApp* da turma, criado para esse fim.

Como culminância, os discentes pediram à professora-pesquisadora que convidasse novamente os professores Neudimar e Lucca, para eles apresentarem os memes que foram criados. Devido à experiência positiva do café com prosa, pediram para fazer-se uma partilha<sup>3</sup>, numa tentativa de reproduzir aquela manhã agradável. Os grupos apresentaram suas produções e explicaram brevemente sobre cada uma delas. O momento oportunizou mais uma reflexão a respeito dos assuntos que permeavam as crônicas, fazendo-os vislumbrar as situações que os cercam em uma perspectiva crítica revelada pelos gêneros textuais trabalhados.

Ademais, foram produzidos quatro painéis, compostos por um banner 40x80 com a impressão da crônica, os memes impressos, uma foto e uma breve biografia dos autores, com o objetivo de que toda a comunidade escolar tivesse acesso às produções dos alunos e às crônicas trabalhadas.

No capítulo seguinte, analisamos a participação dos professores durante as oficinas de retextualização, além de algumas das produções do gênero meme feita pelos alunos. Por questão de tempo e espaço foram selecionadas apenas algumas das produções, entretanto todas se encontram anexas ao final dessa pesquisa. Também se discutiu a respeito das considerações finais dos alunos acerca da participação no projeto de ensino e sobre o questionário final preenchido por eles ao final da pesquisa.

## **4 OS MEMES RETEXTUALIZADOS**

### **4.1 Os convidados**

Como citado no capítulo anterior, o projeto de pesquisa contou com a participação de dois convidados especiais. Neudimar (professor da turma nos anos anteriores) e Lucca (Doutorando em Literatura e, também, ex-aluno do professor Neudimar). A parceria com esses profissionais contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, principalmente das oficinas de crônica, não só pela prosa agradável daquela manhã literária, mas também pelo fato de Lucca relatar suas experiências como ex-aluno. Os olhares de curiosidade da turma, os ouvidos atentos, a representatividade por perceberem o quanto a literatura mudou a vida de alguém, um alguém que naquele momento não estava tão distante deles assim – quem sabe seriam eles os próximos a estarem ali, relatando suas experiências!? O reencontro de gerações com a presença afetiva do antigo professor, do aluno “problemático”

---

<sup>33</sup> Consistiu em dividir os alimentos que cada pessoa ficou responsável por levar no dia do evento.

e da professora-pesquisadora-aluna, possibilitou que, naquela manhã, a literatura se tornasse algo próximo, palpável e quase familiar.

Esse sentimento se confirmou ao longo dos dias, através dos comentários que continuaram a surgir sobre o nosso café com prosa

“Professora, foi muito bom, né. Que dia faremos novamente?”; “Passei hoje na biblioteca para pegar os livros daqueles autores. Quero ler, fiquei muito interessada”;

“Vamos convidar o Lucca e o Neudimar novamente para apresentar os memes”;

“A gente pode organizar outro café com prosa?”.

Arquivo professora-pesquisadora

#### **Quadro 6 – Depoimento do professor Neudimar Miranda**

“Após dois anos de trabalho com a turma, voltar a encontrá-los numa sala de aula era um momento de grande alegria – porque a turma era-me bem estimada -, mas também um desafio, uma vez que o trabalho era diferenciado, com uma responsabilidade maior de despertar, mais uma vez, o gosto pela leitura.

A chegada dos alunos foi uma emoção ímpar: abraços de reencontros e surpresa com uma mesa de café carinhosamente preparada pela professora. Isso já foi suficiente para perceberem que naquelas aulas algo de muito especial estaria acontecendo.

Após o café, das falas iniciais da vice-diretora e da professora, ouvimos um convidado falando sobre leitura e leitores. Diferenciando crônica e reportagem.

No próximo momento, dividimos a turma em três grupos, sendo cada um sob as orientações da professora, do convidado e da minha. Cada grupo trabalhou com uma crônica diferente, fazendo a interpretação da mesma, caracterizando crônica e preparando uma apresentação da crônica através de uma leitura dramatizada.

Os alunos, em sua maioria, ficaram empolgados com o trabalho, esforçaram-se demais e fizeram belíssimas apresentações. Pude constatar um grande aprendizado dos alunos. Uma turma muito boa de trabalhar. Já vinha realizando um trabalho de incentivo à leitura nos anos anteriores, entretanto por ser apresentado de forma diferente do usual, com certeza o interesse e o aprendizado foram visivelmente melhores.

Agradeço à professora pelo convite e aos alunos pelo grande carinho.”

### Quadro 7 - Trecho<sup>4</sup> do depoimento do convidado Lucca Tartaglia

“Era um nome outro, colocando em paralelo a rama de sons que, até naquele momento, reunia cada um de nós, agrupando, por trás de cada sílaba, as histórias e os medos, o mito das origens, o chamado antigo dos pais ou de um vizinho já esquecido, substituindo as letras que serviam de base para um mundo de referências ainda maior, para a palavra herdada, posta, a preto e branco, sobre o nome, o nome da família, um termo ancestral – como a carga de Atlas – um lugar cheio de vultos e sombras e rostos mais ou menos conhecidos.

Estávamos todos ali, experimentando, a goles lentos, o sabor estranho daquele renascimento provisório, os olhares passeando de um rosto para o outro, em busca de uma curva que acomodasse a dessemelhança, que melhor vestisse a palavra nova no território já banal e cotidiano das coisas alheias, nas feições do colega, daquele que, sendo outro, era o mesmo estranho familiar. Entre gargalhadas, palmas e cochichos, cada um encontrou, no íntimo, a razão por trás da escolha. Agora, éramos muitos [...]”

O trabalho interdisciplinar e o envolvimento de outros profissionais na escola pode ser uma experiência enriquecedora, devido às trocas feitas a partir de diferentes óticas e percepções de mundo. Nesse trabalho não foi diferente, tanto as participações dos professores convidados, quanto o envolvimento de outras áreas de conhecimento, como a aula interdisciplinar com a professora de Artes, agregou muito no desenvolvimento da pesquisa e possibilitou uma valiosa troca cultural entre docentes e discentes, todos com o mesmo propósito – viver a literatura.

Através das leituras das crônicas, engajou-se numa prosa agradável, na qual foi possível abordar diversos assuntos que atravessam nossa sociedade e que muitas vezes são invisíveis aos nossos olhos, por sermos, algumas ou muitas vezes, desatentos. De repente a literatura e a realidade eram uma só e, entre um café e outro, entre algumas risadas, entre olhares atentos, a experiência da leitura tornou-se agradável, prazerosa, um momento para enxergar a si e ao outro de uma maneira diferente. Para alguns foi descoberta, até mesmo para a professora-pesquisadora que viu e ouviu pela primeira vez algumas vozes se posicionando, vozes estas presas dentro de alguns corpos, até então escondidos em si, sentados em cadeiras dentro de quatro paredes, agora entusiasmados, rompendo seus limites, com disposição para participarem das atividades propostas. Nesse sentido, Candido afirma que

na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos

---

<sup>4</sup> O convidado optou por relatar sua experiência ao participar do projeto de pesquisa através de uma crônica, que se encontra anexa no final da dissertação.

da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (CANDIDO, 1992, p. 19)

## 4.2 Análise dos memes

Conforme descrito no capítulo dois, a professora-pesquisadora dividiu a turma em três grupos de acordo com a oficina 01 (um), relativa ao estudo da crônica, para as produções das retextualizações das crônicas literárias para os memes. As produções dos memes foram realizadas em dois sites *Free meme generator* e *gerarmemes.com*; além disso, algumas produções foram feitas a mão, em parceria com a professora de Artes da escola. Por questão de tempo e espaço, serão analisadas apenas algumas das produções dos alunos; entretanto, todos os memes produzidos encontram-se anexados ao final desta dissertação.

- **Memes relativos à crônica “A bola” do Autor Luis Fernando Veríssimo**

A crônica “A bola” permite que o leitor reflita acerca das mudanças de comportamentos e interesses de gerações, representadas pela figura do pai e sua lembrança nostálgica e saudosista da bola como instrumento de diversão em sua infância; e do filho, que representa uma geração interessada em brincadeiras relacionadas à tecnologia, como por exemplo o vídeo game. Alguns alunos atentaram-se a essa crítica presente no texto-fonte para suas produções. Apesar de o meme ser um gênero em que as ideias se apresentam de forma breve, pode-se observar que os alunos conseguiram dialogar de maneira satisfatória com a crítica apresentada na crônica, através das escolhas dos signos verbais e não verbais escolhidas para as produções.

**Figura 23**



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Ao escolher a imagem de um homem olhando para outra mulher para representar tal crítica, o aluno conseguiu exprimir bem a ideia contida no texto motivador. A escolha da imagem que reflete um comportamento, como também as expressões das personagens no meme, possibilitaram representar não só o interesse pela brincadeira tecnológica, mas o menosprezo em relação ao brinquedo comum, a bola.

**Figura 24**



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Nessa outra produção o meme conseguiu expressar o sentimento do aluno a respeito das expectativas do pai ao dar a bola de presente para seu filho e como o menino reagiu a isso. Já algumas das produções abarcaram também um posicionamento pessoal em relação ao tema. Nestes memes, os autores deixaram evidente não só uma associação com a crítica presente na crônica, como também trouxeram a crítica para o próprio contexto, a partir do posicionamento a respeito dos seus gostos pessoais acerca do tema.

Figura 25



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Figura 26



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

A produção acima representa a mudança de gostos e comportamentos das gerações. O meme leva a refletir sobre o impacto de alguns brinquedos ou brincadeiras e quais deles são mais relevantes e causam êxtase nas crianças e adolescentes. O signo não verbal representado pelo cérebro e como este se manifesta nos diferentes quadrinhos, em relação a tamanho, brilho e zonas de estímulos, deve ser considerado em nossa análise. No texto motivador o jogo de vídeo game envolve a criança de tal maneira que ela mal consegue prestar atenção em seu pai. O meme acima configura as reações cerebrais da criança relativas às brincadeiras, sendo o vídeo game a que mais causa estímulos e, portanto, a mais interessante.

Figura 27



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Neste meme, além de construir uma crítica coerente com o tema da crônica, o autor demonstrou aplicar os conhecimentos adquiridos na oficina de meme, relacionados aos tipos de discursos vinculados ao gênero digital. De acordo com o museu virtual de memes, uma das características do meme “o que somos, o que queremos” é fazer críticas aos comportamentos da sociedade. Sendo assim, foi apropriada a escolha da imagem e da linguagem verbal nela vinculada, visto que faz alusão ao comportamento de uma geração. Percebe-se, assim, que o aluno conseguiu vislumbrar os objetivos comunicativos do texto.

Figura 28



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Além da crítica à tecnologia, a construção do meme revela um lado humorístico do tema. A escolha da personagem Batman e sua reação ao ouvir que “a bola não tem wi-fi” dialogam com as críticas presentes na crônica e também expressam um humor irônico e revelam quais foram as impressões do autor do meme a respeito do texto e sua temática.

Observou-se também que o trabalho com o gênero digital conduziu alguns alunos a construir seu discurso de maneira inovadora em suas produções. A utilização do meme no processo de retextualização mostrou-se eficaz, para estimular o processo criativo com a linguagem e aperfeiçoar suas habilidades de leitura e compreensão.

No texto abaixo, os signos verbais e não verbais escolhidos dialogam com a crônica e ainda fazem um trocadilho com a palavra ponto, revelando um trabalho fértil com a língua ao atrelar a palavra à imagem, a fim de gerar humor em sua produção.

Figura 29

**AÍ VOCÊ GANHA UMA BOLA EM PLENO SÉCULO XXI**



**A QUE PONTO CHEGAMOS**

imgflip.com

Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Figura 30



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Este meme retrata não só uma das falas da personagem da crônica, como também um momento de descontração que virou meme dentro do próprio grupo. Na oficina 01 os alunos fizeram uma leitura dramatizada do texto e, ao desenvolverem um breve ensaio, um dos alunos teve dificuldades em um primeiro momento de pronunciar a expressão “legal” em um tom de desânimo, assim como a personagem do texto motivador e por isso teve que repetir o discurso diversas vezes, isso acabou gerando um momento de entretenimento entre o grupo e por fim virou um meme.

É possível perceber essa associação com o contexto referente ao desenvolvimento de todo o projeto em vários memes. Durante as produções os discentes relacionaram não só as informações presentes no texto, mas todo o contexto relacionado à pesquisa.

- Memes relativos à crônica “Página policial” do autor Luis Fernando Veríssimo.

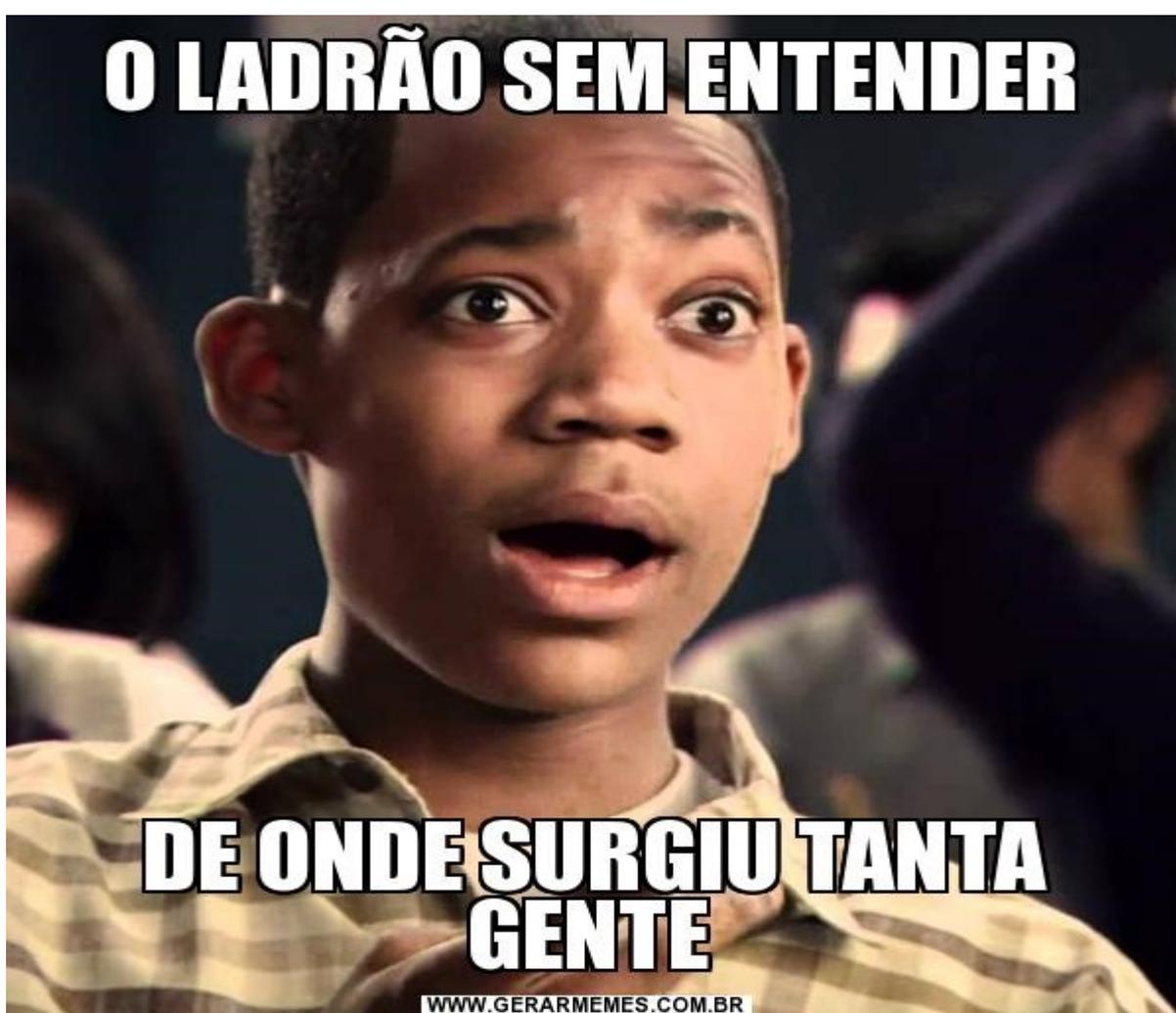
Figura 31



Fonte: arquivo professora-pesquisadora.

Através da análise do meme, é possível perceber, a partir das escolhas dos signos verbais e não verbais que compõem o gênero meme, que o autor conseguiu construir sentidos coerentes em relação à denúncia presente no texto-fonte que ironiza a respeito do comportamento e descaso da segurança pública frente a algumas situações. A escolha da personagem Pica-pau, que apresenta, entre outras características, um humor irônico e sarcástico, como também a expressão da personagem, são estratégias que conseguiram dialogar com a ideia contida na crônica.

Figura 32



Fonte: arquivo professora-pesquisadora.

Mais uma vez os alunos conseguiram entender o propósito da retextualização que é dialogar com o texto principal, no qual o ladrão se assusta ao perceber a quantidade de polícia que aparece na casa da vítima, visto que o texto-fonte aborda não ser esse um comportamento normal da polícia brasileira, principalmente tratando-se de cidadãos comuns da sociedade. O

meme conseguiu expressar essa sensação de impunidade através da expressão da personagem, visto que até o ladrão fica surpreso com toda a ação policial.

Figura 33



Fonte: arquivo professora-pesquisadora.

Através das escolhas dos signos verbais e não verbais – a caveira –, o aluno conseguiu no meme representar a crítica presente na crônica referente ao descaso, à demora, à impunidade, e ao sentimento do cidadão brasileiro frente à forma com que a justiça funciona nesse país.

A professora-pesquisadora percebeu que os alunos não tiveram dificuldades em relacionar imagens que dialogassem com os temas contidos nas crônicas trabalhadas. Ao se analisarem as produções, percebe-se que os alunos se atentaram aos detalhes das personagens, às expressões, e ao que havia de subentendido em cada imagem. O fato de os alunos conseguirem fazer essas relações com facilidade deu-se em razão de como os temas foram bem discutidos em cada etapa da pesquisa, pois, apesar de consultarem algumas vezes seu material

e relerem suas anotações e interpretações, os mesmos não se sentiram inseguros na produção final.

Figura 34



Fonte: arquivo professora-pesquisadora.

A partir da análise da construção deste meme, observa-se que o aluno conseguiu absorver bem o sentido crítico presente não só na crônica, mas também no gênero meme. Durante a oficina destinada ao estudo desse gênero digital, a turma teve a oportunidade de compreender acerca da construção do gênero, das escolhas das imagens, do discurso que cada grupo de signos carrega, concluindo que as escolhas dos signos não são aleatórias. Sendo assim, a escolha das personagens Barbie e Ken, que representam a parcela da sociedade “padrão” e resistente em enxergar a realidade de uma sociedade menos privilegiada, foi coerente com a expressão da crítica presente no texto-fonte. Os discursos atrelados aos memes “cidadãos de

bem” são de cunho político, ideológico e social; portanto, o discurso crítico da crônica a respeito da segurança pública ser tratada de maneira desigual foi bem executado a partir das escolhas da linguagem verbal e não verbal no meme.

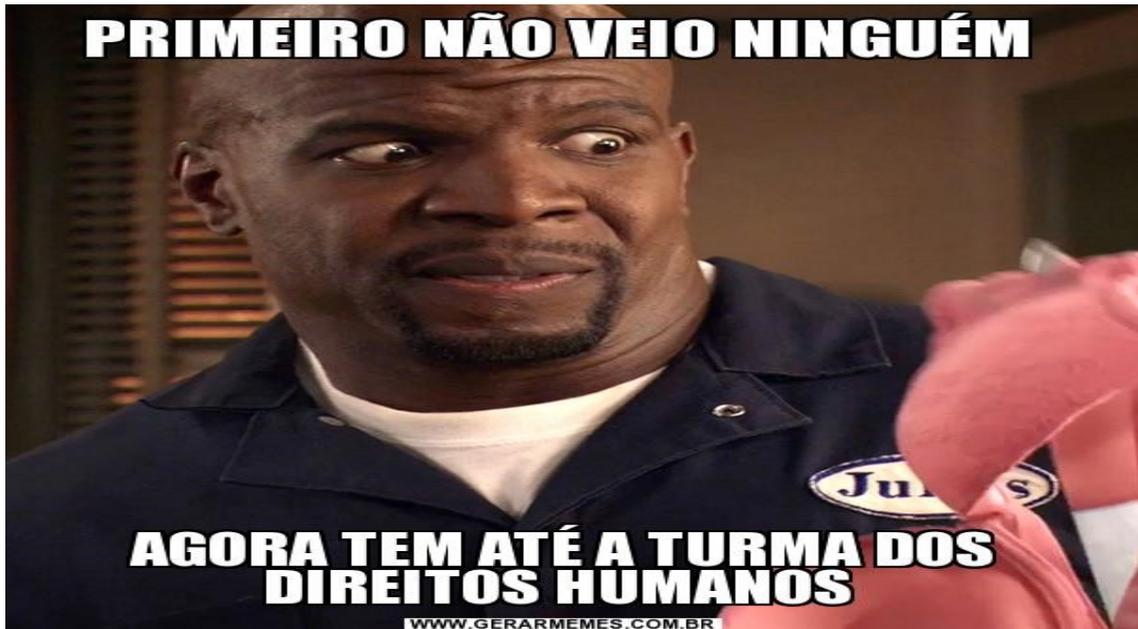
**Figura 35**



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Nesse meme, o autor conseguiu traduzir a indignação das personagens pela mentira contada por ambas as partes, através das expressões faciais das personagens. O humor e a crítica, também presentes no texto motivador, são transmitidos na retextualização do meme por meio da ironia presente na conversa entre os personagens. Vale ressaltar o uso da caixa alta para enfatizar a indignação a respeito de o policial ter dito que não havia ninguém disponível, o que confirma que, mesmo em práticas pedagógicas que envolvam gêneros digitais em que existe uma liberdade gramatical viabilizada pela internet, é possível explorar recursos de linguagem e efeitos de sentidos pretendidos.

Figura 36



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

A crítica feita a partir da retextualização dialoga com a crônica já que induz a reflexão a respeito dos direitos de vida e segurança que envolvem vítima e agressor, tema este abordado no texto-fonte. A indignação na expressão da personagem colabora com a linguagem não verbal do texto para gerar a crítica pretendida pelo autor do meme.

- Memes relativos à crônica “O homem Nu” do autor Fernando Sabino.

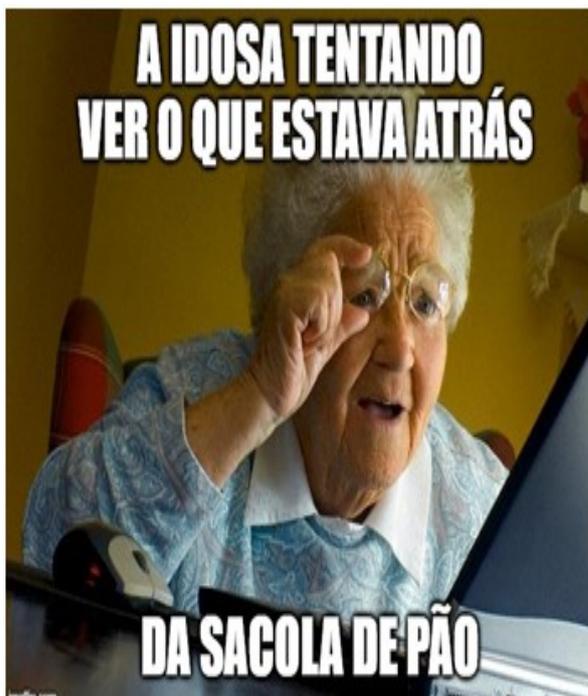
Figura 37



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Durante as atividades e os debates que envolveram a crônica “O homem nu”, um dos assuntos que surgiram através da leitura do texto foi o constrangimento. O tema foi abordado pelos alunos durante as discussões e as atividades desenvolvidas durante a oficina de crônicas. A escolha da imagem, com o gato protegendo suas partes íntimas, reflete, de forma divertida e bem humorada, o constrangimento do personagem principal do texto-fonte, ao ter ficado preso do lado de fora de seu apartamento.

**Figura 38**



**Figura 39**



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Além das informações que estavam explícitas no texto, os alunos brincaram com as palavras e com a imaginação. Isso fica evidente a partir da análise dos memes acima, em que os alunos subentenderam as reações e os pensamentos das personagens da crônica, mesmo que o texto motivador não contenha tais informações. Tais memes demonstram como as atividades de retextualização estimularam a criatividade e o pensar além do texto, ademais foi um indício de que a leitura foi prazerosa e divertida.

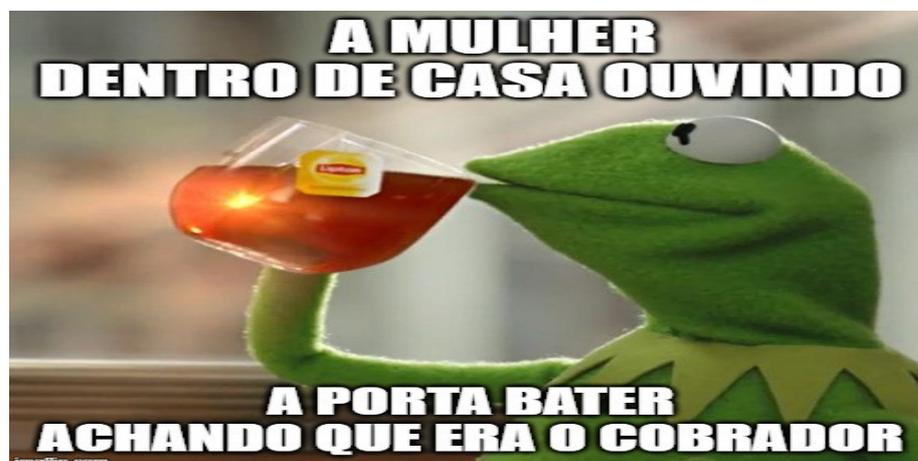
**Figura 40**



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Aqui também o aluno optou por usar informações não explícitas na crônica para construir o humor no meme. O autor usou de seus conhecimentos de mundo, ao relacionar o fato de o homem estar nu com um protesto.

**Figura 41**



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Mais uma vez a retextualização para o meme foi construída de forma satisfatória. A escolha dos elementos que compõem o gênero digital, tanto verbal como não verbal, é coerente e dialoga com a crônica de forma divertida e bem humorada. A escolha do sapo com a expressão tranquila ao tomar seu chá, transmite o comportamento da esposa ao ouvir as batidas na porta, sem imaginar que seria seu marido e não o cobrador. O autor do meme conseguiu dialogar com o texto-fonte de maneira criativa e divertida, assim como é característico desse tipo de gênero digital.

Figura 42

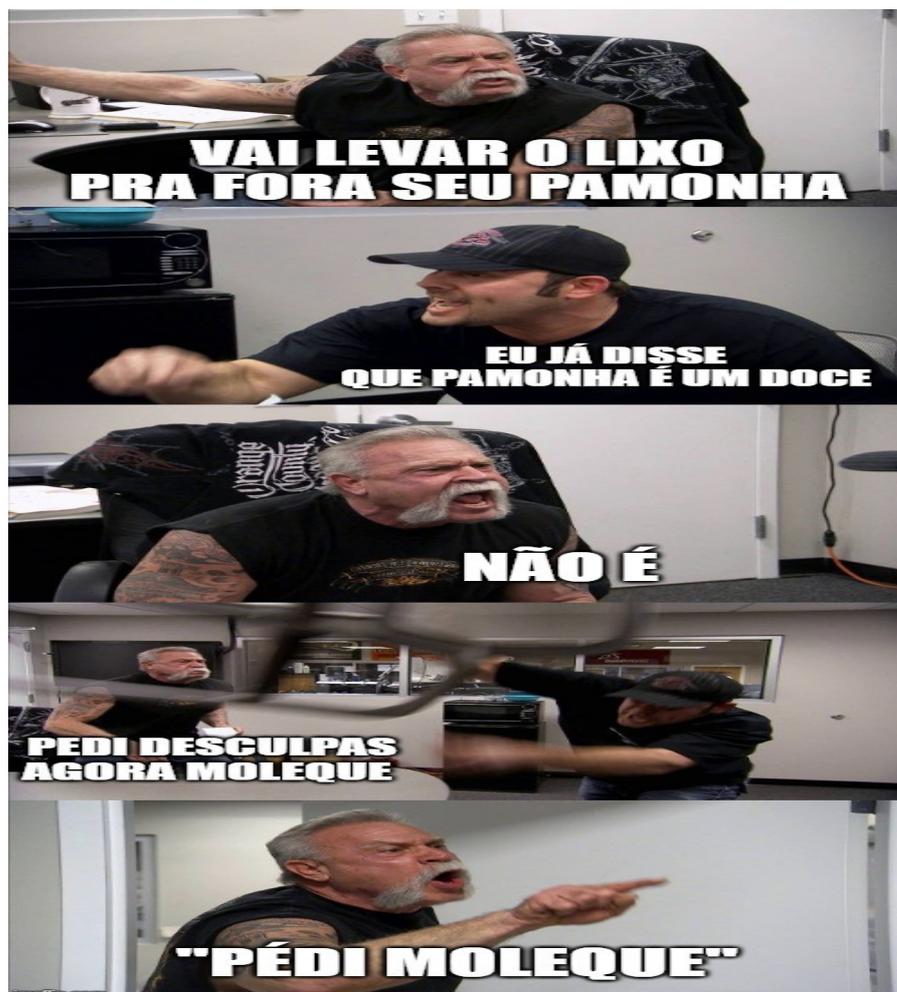


Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

A produção tem uma relação de humor com o tema central da crônica. O meme conseguiu transmitir, de forma humorada, o sentimento da personagem principal do texto motivador a respeito de não ter em mãos o dinheiro para cumprir sua dívida no dia em que o cobrador passaria para receber. A escolha da personagem com uma expressão de desespero, a mão na cabeça puxando os cabelos, juntamente com o a linguagem verbal – tudo isso foi capaz de transmitir o sentimento sistemático do protagonista do texto-fonte.

- Memes relativos à crônica “Comer o nome, ler a comida” do autor Evaldo Balbino

Figura 43



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Ainda que o meme seja um gênero digital em que predomina o uso informal da língua portuguesa, este pode ser um instrumento valioso para estimular o processo criativo com a língua, tendo em vista a liberdade que o gênero e o veículo em que o mesmo circula, a internet, permitem ao aluno no sentido de brincar com as palavras sem se preocupar com as convenções formais exigidas por outros gêneros textuais, e assim se expressarem de maneira criativa. Na construção do meme acima, é possível perceber que o aluno conseguiu manifestar essa criatividade ao brincar com o duplo sentido das palavras “pamonha” e “pé-de-moleque” para produzir o humor do meme.

Figura 44



quando  
você escuta  
mané pelado



quando  
você experimenta  
mané pelado

Figura 45



imgflip.com

JAKE-CLARK.TUMBLR

Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Os alunos se divertiram muito com a leitura da crônica “Comer o nome, ler a comida”. Através dos debates que surgiram a partir da leitura do texto, eles refletiram sobre a semântica das palavras, e os diferentes sentidos que elas carregam. A turma relatou que nunca havia pensado sobre como uma palavra pode se ressignificar em diferentes contextos; desse modo, a leitura do texto motivador e as respectivas produções retextualizadas, a partir dele, permitiram que os estudantes meditassem sobre o assunto e expressassem sua criatividade representada pelas escolhas dos signos verbais e não verbais na construção do meme. Ao relacionar o texto com suas próprias memórias, os alunos conseguiram se divertir e se identificar com o tema da crônica.

Figura 46



Figura 47



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Dentre os nomes de comidas estranhas, um deles foi recorrente – o mané pelado –, e por isso o nome apareceu em várias das produções. Trata-se de um bolo de mandioca de tabuleiro com queijo e coco fresco. A maioria dos alunos conhecia o doce e relataram que o achavam delicioso, mas que o nome lhes causava estranhamento até hoje. Além disso, alguns disseram terem resistido a provar o mesmo devido ao nome, mas depois se renderam e amaram o quitute.

As imagens escolhidas para a produção dos memes de fato relataram o sentimento dos alunos em relação à comida, não só em consonância com a crônica, como também com os relatos dos próprios alunos, que conseguiram traduzir o tema do texto-fonte através das expressões e atitudes das personagens, juntamente com a linguagem verbal escolhida.

Figura 48



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

Além de todas as discussões em torno da temática do texto, alguns alunos atentaram-se para o título do texto alegando que este também lhes causou um estranhamento, por isso o título do texto-fonte também foi tema das produções da turma.

Figura 49

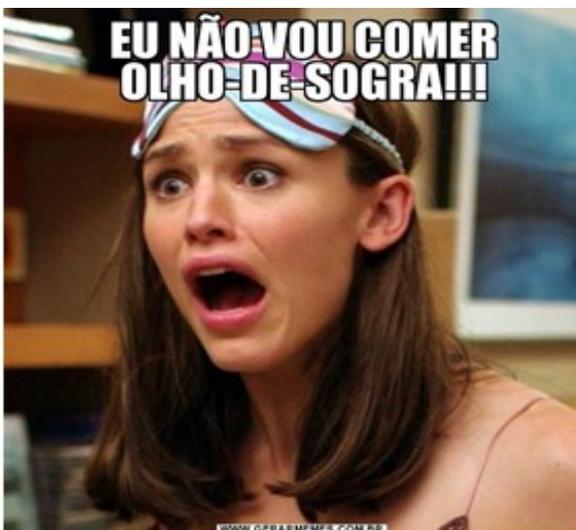
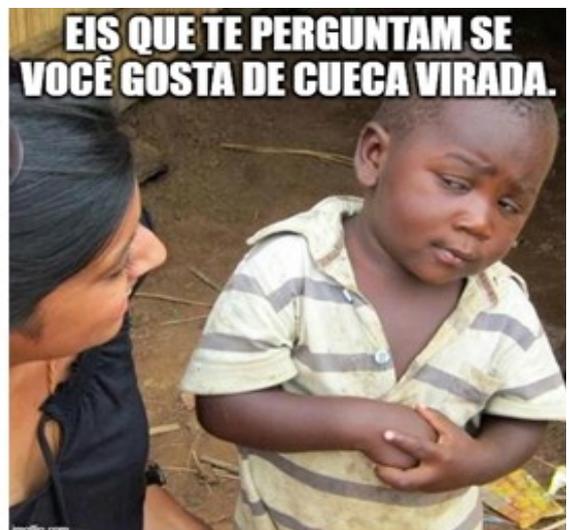


Figura 50



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

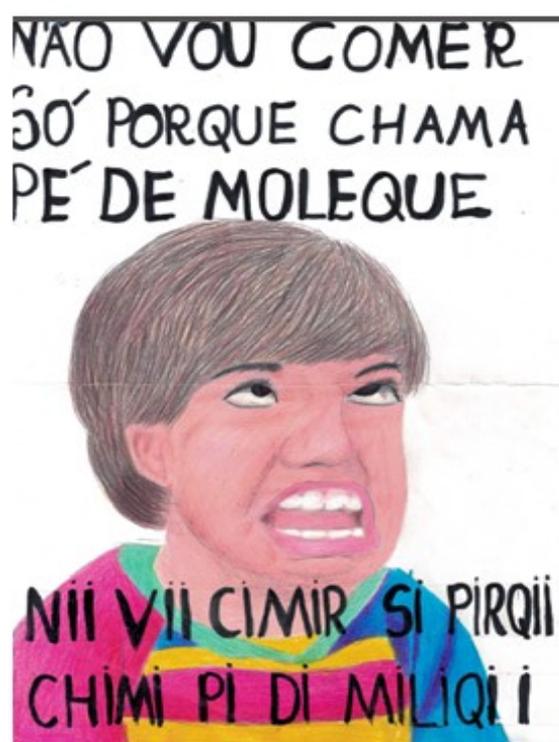
A partir das análises dos memes acima, percebe-se que os alunos escolheram imagens que buscavam traduzir bem a mensagem da crônica, já que dialogam com a reação do personagem principal ao escutar os nomes das comidas que julgava ser estranhos. O melhor foi perceber o quanto os alunos se identificaram com a temática do texto-fonte a cada etapa do projeto, tanto nas etapas de discussão verbal a respeito do tema, quanto, principalmente, na produção dos memes no laboratório de informática.

Como dito anteriormente, além dos memes produzidos nos sites Gerar.Memes e Memegenerator, os alunos, através da aula interdisciplinar com a professora de artes, também realizaram algumas produções por meio de desenhos.

**Figura 51**



**Figura 52**



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

]

**Figura 53**



**Figura 54**



Fonte: meme produzido no site memegeneration.com (Arquivo professora-pesquisadora).

A experiência de produzir os memes através de desenho proporcionou aos alunos expressarem sua opinião crítica a respeito do assunto, através de um processo de atividade prazeroso para eles, pois os que optaram por fazê-los assim são alunos que amam a arte de desenhar. Pode-se perceber, conforme as análises dessas produções, que eles conseguiram expressar uma crítica coerente com o texto-fonte. Na primeira imagem (fig. 29), o meme critica o posicionamento da polícia perante as ocorrências relacionadas quanto aos cidadãos comuns, e deixa claro que eles não têm prioridade de atendimento. Já a segunda (fig. 30) refere-se a um meme muito famoso, conhecido por imitar a fala de uma criança ironicamente, com o objetivo de zombar do assunto, na qual o autor ironiza o fato de o personagem não querer comer pé-de-moleque devido ao nome do doce.

No terceiro meme (fig. 31), a expressão do personagem, representado por um sapo, mostra o descontentamento do garoto ao receber a bola do pai. Por fim, a quarta produção (fig. 32) refere-se a um meme, geralmente vinculado a fatos políticos, que surgiu a partir de uma *fake News*, em que a revista *Time* teria publicado uma charge, na qual o presidente Jair Messias Bolsonaro aparece como soldado protegendo o Brasil. A imagem tornou-se viral e passou a ser vinculada com diversos discursos, mantendo principalmente um teor político. Na situação acima o aluno resolveu usar a imagem do meme para representar o humor da crônica “O homem nu”, em que o soldado representa o pacote de pão que permitiu que o homem protegesse suas partes íntimas dos olhares assustados de seus vizinhos.

A professora-pesquisadora percebeu que tanto nos memes produzidos digitalmente, como nos produzidos a mão, os estudantes conseguiram retextualizar as críticas e o humor contidos nas crônicas lidas. Além disso, percebe-se que eles também associaram o conceito viral do gênero digital e realizaram as atividades com êxito.

### 4.3 Sobre os painéis

Os memes nascem, viralizam e se reproduzem em ambiente virtual. Entretanto, foram criados quatro painéis com as produções da turma impressas, assim como um banner com a crônica escrita de tamanho 40x80, com o intuito de que toda a comunidade escolar pudesse ter acesso às produções, assim como ensinar que as mesmas fizessem sentido para o leitor, uma vez que os memes dependem de um conhecimento prévio acerca do tema para que o leitor produza as inferências necessárias à sua compreensão, e estes foram elaborados a partir de leituras de textos literários. Portanto, compartilhar todos os memes, somente através de grupos de *WhatsApp*, não atenderia, nesse caso, todas as especificidades do gênero.

Figura 55 - Painel da crônica: Comer o nome, ler a comida



Mural com 1.20 x 2.40  
Arquivo professora-pesquisadora

Figura 56 - Pannel da crônica: A bola



Mural com 1.10 x 2.10

Arquivo professora-pesquisadora

Figura 57 - Pannel da crônica: Página Policial



Mural com 1.50 x 2.50

Arquivo professora-pesquisadora



textos literários, principalmente no que diz respeito ao gênero crônica, além de se buscar avaliar o desenvolvimento crítico do aluno sobre o texto e, por fim, verificar se o projeto os aproximou do mundo literário.

Primeiro, foi perguntado aos alunos se a percepção entre ler e interpretar um texto tinha mudado depois da participação deles no projeto. Todos os alunos concordaram que há diferença, sendo que as respostas foram similares como:

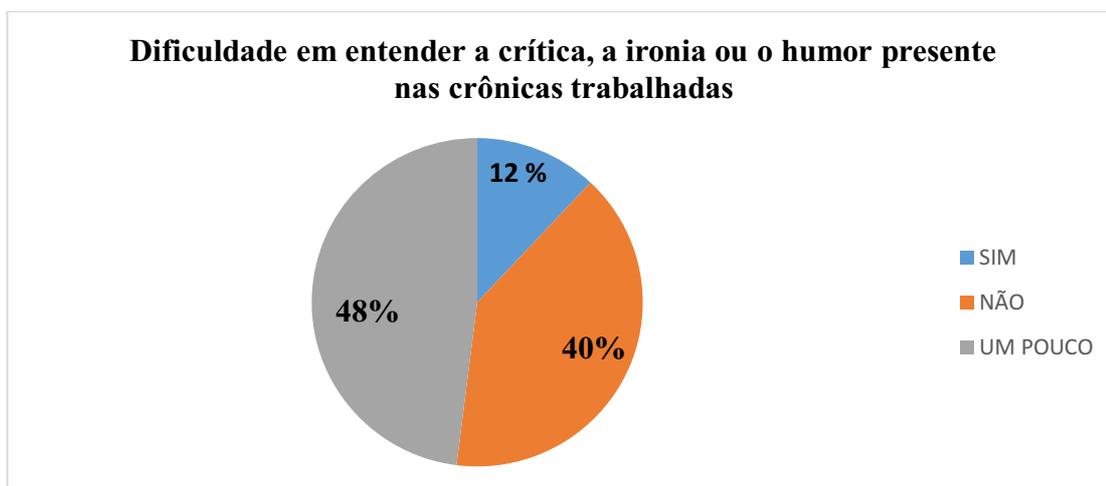
“Ler é apenas ler, interpretar vai, além disso, é entender, extrair algo como reflexões ou apenas uma nova sabedoria.” (Aluno A, arquivo professora pesquisadora);

“Nem sempre quando eu leio eu consigo entender sobre o assunto. Interpretar vai além.” (Aluno B, arquivo professora pesquisadora);

“Quando eu consigo interpretar eu realmente entendo o conteúdo daquele texto, só ler não quer dizer que alguém entendeu.” (Aluno C, arquivo professora pesquisadora).

Ao comparar as respostas do questionário final com o questionário inicial, percebe-se que os alunos desenvolveram um olhar mais crítico em relação à compreensão de um texto. No início eles sabiam que havia diferença, mas não conseguiam relacionar de forma concreta qual seria essa diferença.

**Gráfico 12**

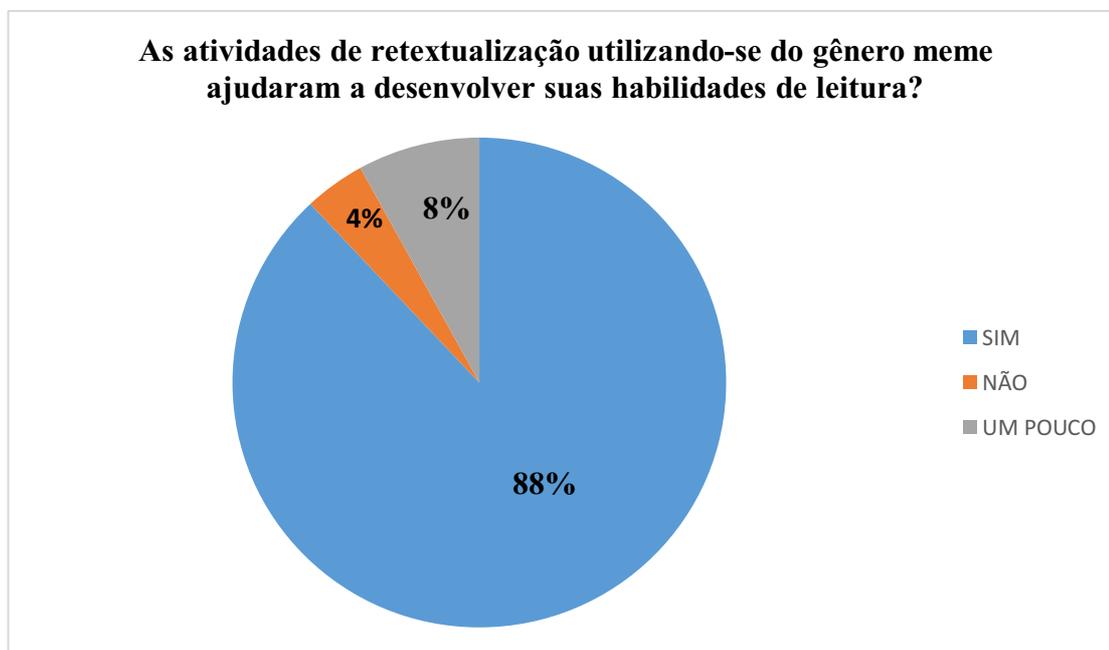


**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

A segunda pergunta referia-se à dificuldade em entender a crítica, o humor e a ironia das crônicas trabalhadas durante as oficinas. Como está retratado no gráfico acima, somente 12% da turma relatou que, mesmo através das oficinas de retextualização, ainda assim tiveram

dificuldades em compreender o conteúdo das crônicas. Entretanto, houve um avanço comparado ao início do projeto, em que somente 4% dos alunos consideravam-se com um nível avançado em relação ao entendimento de um texto.

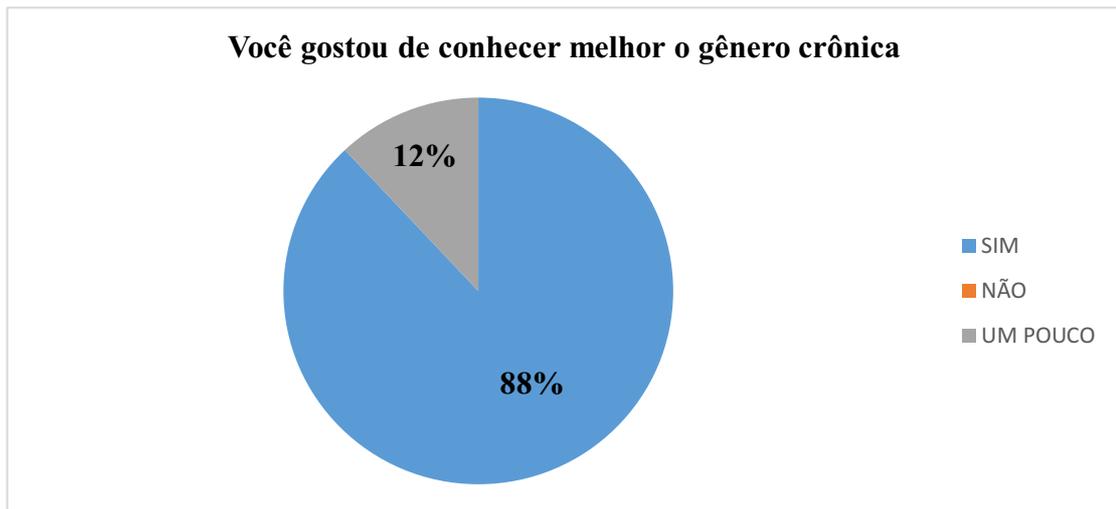
**Gráfico 13**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

Já o gráfico treze refere-se à importância que as atividades tiveram no desenvolvimento das habilidades de leitura da turma. É importante ressaltar que, para responder à pergunta do questionário, não foram levadas em consideração somente as oficinas relacionadas, de fato, com a retextualização das crônicas para os memes, mas todos os processos que a pesquisa envolveu. Como apresentado, a maioria dos alunos concordou que as atividades de retextualização foram relevantes no desenvolvimento das suas habilidades de leitura.

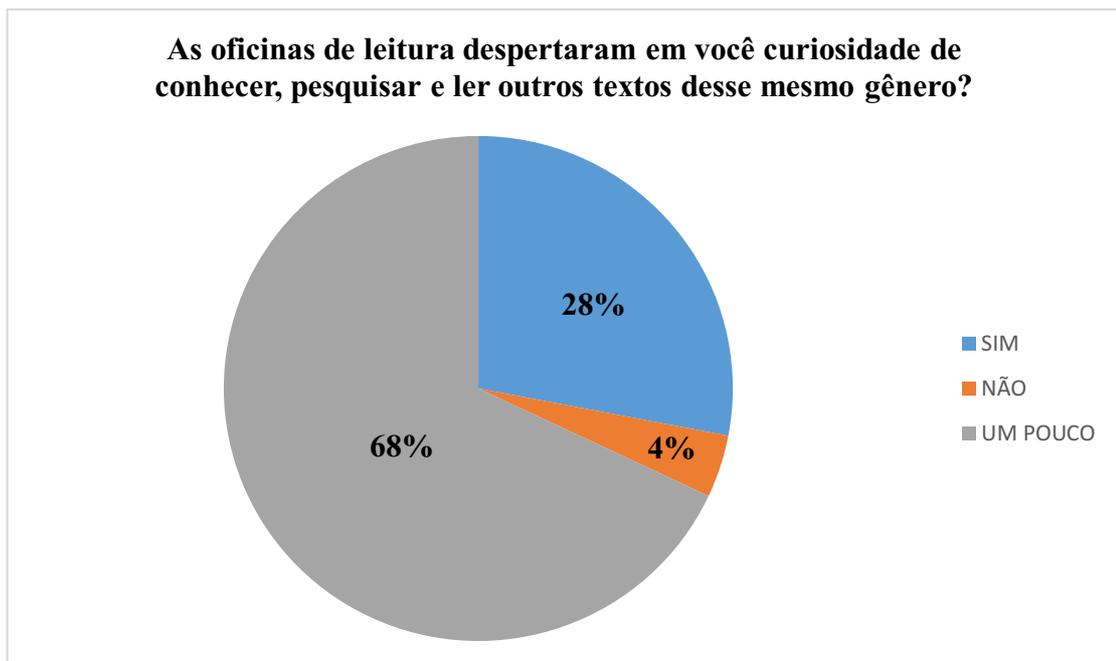
**Gráfico 14**



**Fonte: elaborado pela professora-pesquisadora.**

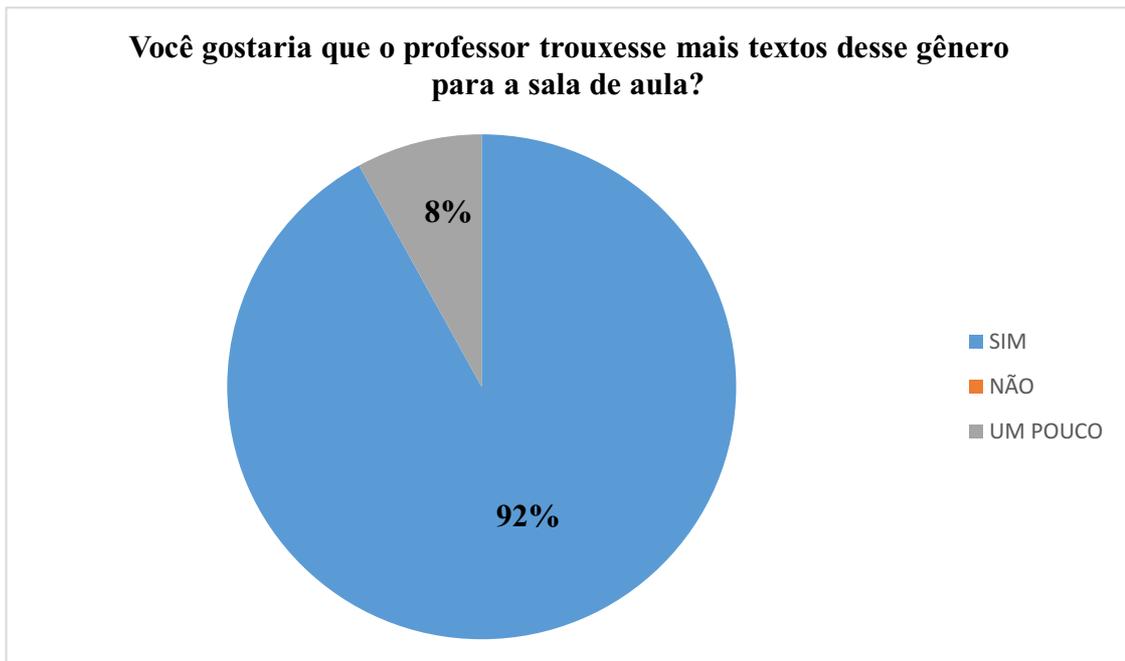
O gráfico quatorze ilustra como a experiência de se trabalhar com crônicas através das oficinas de retextualização foi positiva, já que uma grande porcentagem da turma confessou ter gostado, pelo menos um pouco, de conhecer melhor o texto literário.

**Gráfico 15**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

**Gráfico 16**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

Os dois gráficos, quinze e dezesseis, dizem respeito ao interesse que as oficinas de retextualização despertaram nos discentes relacionado a outras leituras do mesmo gênero. De acordo com os gráficos, o impacto foi positivo, visto a maioria ter-se revelada interessada pelo gênero literário e muitos terem afirmado que gostariam que o professor trouxesse mais vezes outros textos da mesma categoria. Vale ressaltar que, como dito no capítulo anterior, a crônica é um texto amplamente utilizado, até mesmo no livro didático, embora os alunos não se lembrassem do gênero devido ao direcionamento engessado com que muitas vezes, nós professores, levamos a nossa prática pedagógica.

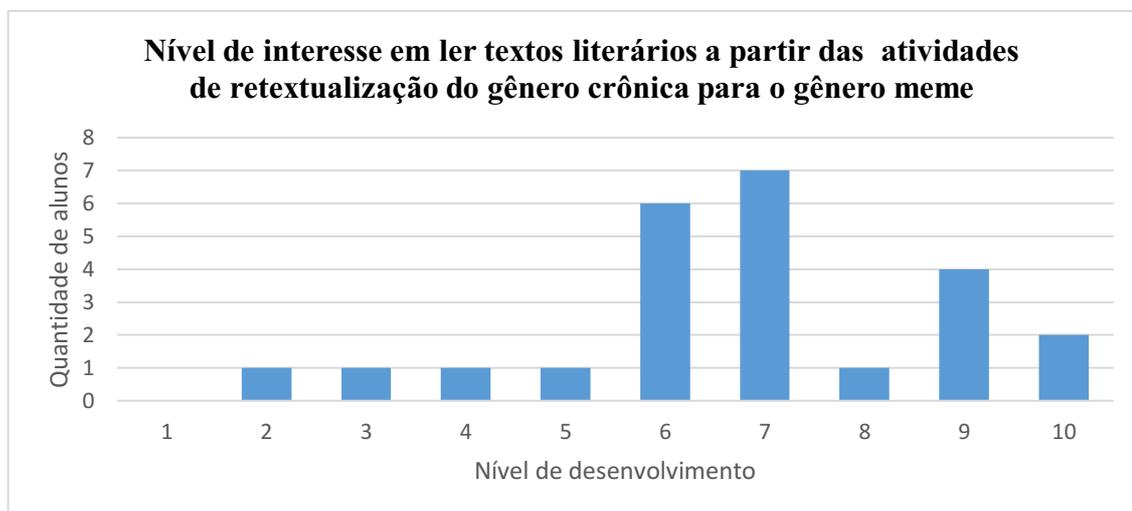
**Gráfico 17**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

O gráfico dezessete aborda a evolução do aluno como leitor. Mais uma vez a experiência de participar da pesquisa mostrou-se positiva, já que, de acordo com os dados coletados, o nível de desenvolvimento manteve-se acima da média.

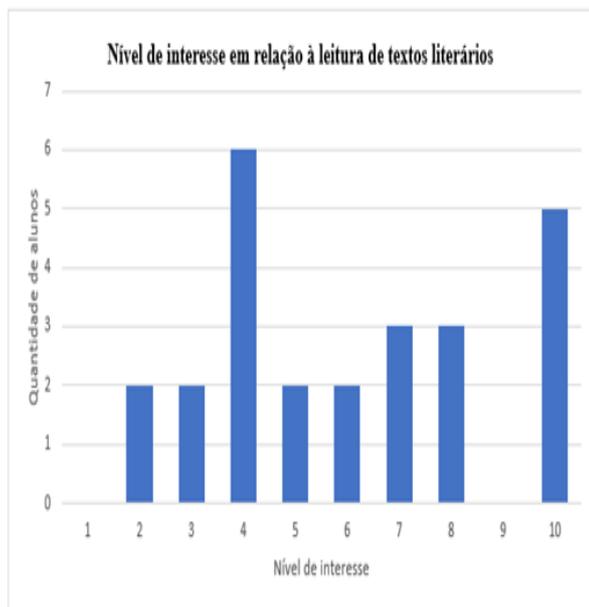
**Gráfico 18**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

Por fim, a pergunta que gerou o gráfico dezoito objetivou averiguar como as atividades, a partir das oficinas de retextualização, ajudaram os estudantes a se interessarem por leituras, não só de crônicas, como também de outros textos literários. Percebe-se mais uma vez que o nível de interesse se manteve acima da média. Além dos valores observados anteriormente, um fato que chamou a atenção da professora-pesquisadora foi o deslocamento de dados, tendo em vista que no primeiro questionário, aplicado no início da pesquisa, havia um número considerável de alunos que descreviam seu nível de interesse abaixo da média, e já no segundo gráfico descrevem seu nível em valores superiores aos que foram apresentados anteriormente. Vale ressaltar que alguns discentes, que apresentaram nível máximo de interesse no primeiro questionário, não marcaram no segundo, por já considerarem o texto literário atrativo, não sendo, portanto, as atividades de retextualização responsáveis por fazê-los gostar dos mesmos. Tal afirmação pode ser comprovada através das análises dos gráficos abaixo.

**Gráfico 19 - questionário inicial**



**Gráfico 20 - questionário final**



**Fonte: elaborado pela pesquisadora.**

#### 4.5 Depoimentos dos alunos

Os comentários feitos pela turma durante a realização das oficinas, como também nos depoimentos finais, mostraram que a experiência da pesquisa foi positiva e conseguiu atingir a maior parte dos alunos e deixar uma marca positiva em relação à experiência da leitura.

Figura 59

Eu achei o projeto bom, uma coisa fora da rotina, mais dinâmico. Me fez ver algumas coisas de uma forma diferente, e me fez entender melhor o sentido de recontextualização.

No começo, achei que seria impossível fazer meme sem crônicas, mas não foi difícil, e me ajudou muito a entender mais as crônicas e achar o humor. Eu estava bem empolgada, talvez isso que tenha me feito ser mais produtiva.

Eu sou extremamente tímida, e isso me atrapalha muito, e o fato que eu falo também, o medo de julgamentos me tira toda a coragem, mas mesmo assim, por um milagre, comecei a conversar com as pessoas.

O café com prosa foi bom, abordamos assuntos interessantes e despertou em mim, interesse para ler mais crônicas. E mesmo eu não gostando de algumas pessoas e nem elas de mim, todos contribuíram para um bom momento e com o projeto.

Fonte: Depoimento - aluno A. Arquivo professora pesquisadora.

**Figura 60**

O tempo dos jogos foi um período da era maravilhosa, pois conseguiram juntar alguns dos coisas que eu mais amo, amigos e escola. Nessa pesquisa aprendemos muitas coisas de uma forma divertida e objetiva.

Eu em especial gostei do café com prosa, pois nele tiramos ideias, aprendemos e rimos bastante. Se as escolas tivessem esta pesquisa como método de ensino, estudar, seria mais agradável para todos, pois até mesmo uma simples aula fora do sala pode ser muito alegre e produtiva.

Os trabalhos em duplo também foram bem legais, foi que quando nós alunos nos juntamos pesquisamos novas técnicas e aprendemos uns com os outros.

Foi maravilhoso participar deste projeto, me sinto muito feliz e honrada de saber que em meio a tantos turnos, fomos escolhidas.

Fonte: Depoimento - aluno B. Arquivo professora pesquisadora.

**Figura 61**

O projeto da nossa professora física ajudou a entender melhor sobre o assunto de "retextualização de crônicas para memes como estratégia" de uma forma divertida e que pudesse ser mais compreendida por nós.

Gostei bastante do café com prosa, lá conversamos melhor sobre diversos assuntos relacionados a crônicas, até gostei de alguns autores, sinceramente não comecei a ler sobre

As aulas foram divertidas, foi uma forma mais fácil de aprender, espero que tenhamos mais aulas assim.

Fonte: Depoimento - aluno C. Arquivo professora pesquisadora.

Figura 62

No começo tivemos o café com prosa, tivemos uma aula sobre crônicas, tiramos ideias com um café delicioso.

Com o projeto aprendi a retextualizar as crônicas fazendo memes muito divertidos e ainda aprendi a produzi-los no computador. Com isso nós aperfeiçoamos nossa imaginação para poder interpretar melhor as crônicas, textos literários, etc...

Gostei muito quando nos organizamos em círculo para debater sobre um determinado assunto e achei muito divertido esse novo jeito de aprendizado que a professora Térica produziu conosco, e espero ter a oportunidade de fazer isso novamente.

Fonte: Depoimento - aluno D. Arquivo professora pesquisadora.

Figura 63

Minha experiência nesse projeto foi muito boa, foi uma coisa mais que eu não tinha visto antes, e eu acho que melhora minha vontade de ler livros literários. Eu acho que a aprendizagem é muito mais produtiva com esse tipo de projeto, descobri vários autores bons e gostaria que tivesse mais projetos desse tipo.

Fonte: Depoimento - aluno E. Arquivo professora pesquisadora.

Figura 64

Eu gostei muito dessa pesquisa, porque eu aprendi muitas coisas diferentes, tipo aprendeu a fazer memes, porque eu não sabia fazer, entendi também o que é crônica. Aprendi também a fazer as coisas em grupo com pessoas me ajudando, porque antes eu fazia as coisas tudo por conta própria, achava que eu não precisava de ajuda.

Eu também amei o café com prosa, foi ótimo, adorei fazer a cena da página policial, foi muito interessante, aprendi muitas coisas mais que eu não sabia, fiquei muito grata por ter tido essa oportunidade.

Fonte: Depoimento - aluno F. Arquivo professora pesquisadora.

A leitura dos depoimentos acima reforça a ideia de que é possível desenvolver com os estudantes práticas de letramento literário, que sejam, de fato, capazes de envolvê-los nas aulas de língua portuguesa, não só por despertar o interesse pela experiência literária, como também por promover o desenvolvimento crítico desses alunos, habilidade essencial para a construção de um cidadão capaz de refletir sobre a realidade que o cerca. Além disso, através da análise dos depoimentos, é possível encontrar alguns argumentos equivalentes, que demonstram a relevância do projeto de ensino na promoção de outras competências dos alunos, como a interação e o trabalho em equipe.

“Eu sou extremamente tímida, e isso me atrapalha muito, e o jeito que eu falo também, o medo dos julgamentos me tira toda a coragem. Mas mesmo assim por um milagre, consegui conversar com as pessoas. (Aluno A);

“Os trabalhos em dupla também foram bem legais, já que quando nós alunos nos juntamos aperfeiçoamos nossas técnicas e aprendemos uns com os outros”. (aluno B);

“Aprendi também a fazer as coisas em grupo, porque antes eu fazia as coisas tudo por conta própria, achava que eu não precisava de ajuda” (Aluna F).

Arquivo professora-pesquisadora

As diversas estratégias possibilitadas pelas atividades de retextualização viabilizaram diferentes formas de aquisição de conhecimento. Assim, todos os alunos tiveram a oportunidade de se envolver e interagir durante as oficinas, e se desenvolver em um campo no qual se identificassem, seja através da fala, leitura, encenação, desenho, informática, entre outras possibilidades proporcionadas pelo projeto de ensino. Tais práticas geraram um reforço positivo na memória dos estudantes e tornou o aprendizado uma experiência de deleite.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho objetivou desenvolver uma experiência pedagógica de letramento literário a partir de práticas voltadas para a realidade do educando nos dias atuais. A estratégia de retextualização, vinculada ao gênero crônica literária e ao gênero digital meme, mostrou-se eficaz para estimular o exercício da leitura e das habilidades inferenciais referentes às críticas presentes nesses textos, paralelas a situações diversas que permeiam a sociedade em que vivemos e que passam, muitas vezes, despercebidas aos nossos olhos humanos e desatentos. Portanto, atividades que apurem o olhar do aluno para que este perceba como a literatura está atrelada à humanidade, induzindo-os a perceberem esses textos com outros olhos e a refletirem sobre a própria existência, revelam-se de extrema importância, na perspectiva de torná-los cidadãos conscientes e ativos na sociedade.

De acordo com Dell’Isolla (2007), as atividades que englobam a retextualização colaboram para o desenvolvimento de diversos mecanismos que envolvem o contexto de produção e compreensão de um texto, do qual se pode destacar a relevância da percepção do que foi dito ou do que foi escrito, a fim de que seja possível reescrever, alicerçado ao texto-fonte, um novo texto. O desenvolvimento das oficinas, fundamentado nessa prática pedagógica, de fato, revelou-se eficaz, tendo-se em vista todos os processos que o projeto de ensino abarcou, o que viabilizou discussões críticas sobre os assuntos abordados, não só nas obras, como também nos gêneros trabalhados. Além disso, os discentes tiveram a oportunidade de refletir sobre o texto em vários momentos e sob diferentes óticas e dinâmicas: leitura, debates, análises de textos verbais e não verbais, interpretação e produção.

Decerto, um dos aspectos mais relevantes para mim, como professora-pesquisadora, foi perceber o envolvimento dos alunos durante todo o processo. Em princípio pensei que eles seriam resistentes ao trabalho com o texto literário, devido às experiências anteriores; entretanto, para minha surpresa, até mesmo os alunos geralmente tímidos e fechados em sala de aula, e que não gostam de se envolver nas atividades propostas, foram ativos durante a realização das oficinas. Os comentários durante a realização da pesquisa, e também no restante do ano letivo, deixaram evidentes as marcas positivas que o projeto lhes acrescentou. Todo o processo ampliou meu olhar em relação ao trabalho com os gêneros textuais, em especial com o texto literário, e reforçou em mim a ideia de que a escola é um dos principais lugares em que o aluno tem acesso a esses textos. É imprescindível que o professor – no papel de mediador – busque práticas de letramento literário contextualizadas, de acordo com os interesses, curiosidades e necessidades dos alunos, no intuito de despertar o prazer e o gosto pela leitura.

Ademais, as atividades de retextualização, envolvendo crônicas e memes, proporcionam nos alunos, não só uma experiência de contato positiva na sua formação enquanto leitores, como também ampliam a capacidade de percepção a respeito da realidade que os cerca, possibilitando-lhes que reflitam sobre os problemas da vida e tendam a atribuir sentido àquilo que leem.

Diante do exposto, mostra-se cada vez mais necessário que nós professores de Língua Portuguesa busquemos caminhos que atrelem as atividades de leitura a uma prática prazerosa que gere lembranças positivas, e não o contrário. Como professora, foi para mim satisfatório ver os alunos se envolvendo tão profundamente em uma prática que abarcou leitura e reflexão crítica de textos literários, visto que sempre foi desafiador estimulá-los nessa área de conhecimento. Ficou evidente que sempre se lembrarão daqueles dias e que terão uma memória positiva a respeito.

É sempre desafiador o trabalho com o texto literário na sala de aula, pois a maioria dos alunos é resistente às propostas, já que muitas delas envolvem práticas engessadas e que ficam presas somente nos exercícios propostos no livro didático. A biblioteca da escola é geralmente limitada e os pais não têm recursos para comprar livros literários, e assim tornar acessível um trabalho de leitura coletivo e eficiente. Portanto, trabalhar com textos menores, como crônicas, é uma estratégia viável, pois a impressão ou a projeção desse tipo de texto não envolve a mesma problemática que obras maiores e, conforme descrito nos capítulos anteriores, esses textos menores se mostraram aliados eficientes para estimular o processo de formação literária dos estudantes.

Outro ponto de vista a ser abordado é a necessidade de se proporcionar um contato mais íntimo com o ambiente literário, dado que a visão do aluno para com o autor e suas criações é algo distante e abstrato, principalmente com relação aos escritores contemporâneos, posto que as obras que habitam a biblioteca escolar tendem a ser clássicas, de autores canônicos. Rever o trabalho na sala de aula, e até mesmo desconstruir esse pensamento tradicional, é essencial para aproximar os alunos do mundo literário, na perspectiva de revelar que a literatura está mais viva e mais perto do que eles imaginam.

No início do projeto, a ideia era levá-los a uma excursão até ao acervo dos escritores mineiros da UFMG; entretanto, por motivos financeiros, não foi possível realizar o passeio. Nos anos anteriores a escola tinha recursos e alguns ônibus disponíveis para esse tipo de atividade, mas nos últimos dois anos essa verba não está mais disponível no caixa escolar. Foi aí que nasceu a ideia do café com prosa, uma manhã em que os textos pudessem ser trabalhados através de uma conversa leve, fluida e descontraída. Todo esse processo exemplificou para mim, como professora-pesquisadora, a possibilidade de buscar novas

metodologias para envolver os alunos, mesmo que dentro do ambiente escolar. Nesse cenário, é possível pensar em várias possibilidades que as TIC's viabilizam como: seminários, vídeos conferências e web entrevistas com autores contemporâneos, visitas virtuais a museus, entre outras atividades, confirmando ser possível, entre os recursos disponíveis nas mídias atuais, reinventarmo-nos.

Mesmo diante do exposto, vale salientar alguns fatores que dificultaram todo esse processo, como a falta de recursos disponíveis para a realização de práticas independentes. Para que fosse viável realizar as oficinas desta pesquisa, foi preciso que a professora-pesquisadora disponibilizasse recursos próprios para todas as etapas do projeto de ensino: impressão de todas as apostilas e a maioria dos itens disponíveis no momento do café com prosa, o que torna mais difícil a reprodução em várias turmas. Além disso, seriam importantes os recursos tecnológicos disponíveis nas instituições escolares, levando-se em conta que poucos meses antes da aplicação do projeto o laboratório de informática não estava funcionando, fazendo-se necessário que as empresas locais arrecadassem recursos para buscar os computadores que estavam havia meses disponíveis, mas não tinham como serem entregues à escola. A possibilidade dessa entrega foi motivada pelo curso técnico que a escola oferece no contraturno, entretanto os computadores não são suficientes para todos os alunos e não é sempre que a escola tem recursos para a manutenção deles.

Por fim, cita-se a burocracia da grade pedagógica, que engessa o trabalho do professor e dificulta algumas práticas diferenciadas e contextualizadas. Para que fosse possível a realização de algumas partes das oficinas, foi preciso um remanejamento e acordos de troca de horário com professores de outras disciplinas, a fim de tornar possíveis discussões que demandavam mais tempo e que ficariam inviáveis durante o tempo de aula tradicional de cinquenta minutos. Considerando-se a realidade de muitos alunos da escola pública, que trabalham, dependem do transporte escolar e também cuidam de outros membros familiares, entre outras questões, algumas atividades no contraturno não abarcariam a turma por completo, o que na pesquisa não foi problemático, mas que na aplicação com várias turmas demandaria um maior envolvimento dos demais profissionais da escola. Entretanto, apesar de todo o trabalho proposto ser desafiador, é de extrema importância que o docente tenha um olhar diferenciado e se utilize dos recursos disponíveis para atingir seu objetivo, a fim de não ficar preso somente a práticas tradicionais, que muitas vezes não conseguem ser suficientes e não desenvolvem as habilidades necessárias para diminuir as deficiências no ensino e na aprendizagem dos discentes.

É fato que a oportunidade de vivenciar o Profletras resignificou meu olhar sobre meus alunos e sobre minhas práticas pedagógicas. O compartilhamento e as discussões com meus

colegas de turma e com os professores que cruzaram nosso caminho foram essenciais para mudar várias das minhas linhas de pensamento e atitudes. Além disso, a aplicação dessa pesquisa e a chance de poder contemplar de perto os resultados da mesma abriram meus olhos, mostrando-me que é possível suprir muitas das deficiências nas demandas educacionais, uma vez que nos propomos a estar abertos a novas estratégias, aos interesses dos alunos, como também a gêneros e mídias contemporâneas que podem nos auxiliar em nossas práticas educacionais, tendo como exemplo os memes, vistos muitas vezes como um gênero superficial, mas que, por meio de atividades bem direcionadas, podem conduzir a discussões profundas e primordiais em nossa sociedade.

Assim sendo, a partir das discussões acima, é-nos possível ainda refletir a respeito do que de fato é um letramento literário e quais são os possíveis caminhos a serem trilhados. A escola tende a traçar práticas muito tradicionais no que diz respeito à leitura do texto literário, o qual muitas vezes é usado somente como pretexto para ensinar aspectos linguísticos e atividades de compreensão ligadas às orientações previstas no livro didático. Tal atitude tem criado uma resistência nos alunos quanto à leitura, principalmente no que se refere ao ensino fundamental II e ao ensino médio. À vista disso, compete a nós docentes, como facilitadores da aprendizagem, enxergar a sala de aula como um ambiente heterogêneo, como um universo de possibilidades, e, assim, diversificarmos nossas práticas na perspectiva de atingir e estimular nossos alunos através da busca por novas soluções que visem ampliar o conhecimento desses estudantes.

Nesse sentido, as atividades de retextualização mostraram-se eficazes devido ao leque de processos possibilitado por esse recurso, até que seja elaborado o produto final. No caso desta pesquisa, relataram-se vários desses processos que evidenciaram diferentes potencialidades nos alunos através do lúdico, do raciocínio, da crítica, do improviso, da dramaturgia, da informática, da arte, entre outros caminhos. Todas essas atividades revelaram lados que ficavam escondidos atrás da timidez do dia a dia escolar. Essa diversidade possibilitou que todos os estudantes, em algum momento, se expressassem no âmbito que se sentissem confortáveis, e reforça ainda mais a importância de práticas que reajam a diferentes formas de aquisição de conhecimento.

Espero que a aplicação desta pesquisa venha a contribuir de forma significativa nos estudos que visam a práticas inovadoras e contemporâneas com o objetivo de mediar o processo de formação literária nas escolas. Como professora-pesquisadora, produzir e aplicar o projeto de ensino sob a ótica da retextualização oportunizou-me um olhar diferenciado sobre meus alunos e de como é possível unir a literatura a uma atividade prazerosa e ao mesmo tempo fazê-los inferir criticamente sobre a sociedade em que vivem, oportunizando lhes um

olhar para além do texto, a partir da identificação do humor, da ironia, bem como de críticas profundas presentes em gêneros como memes e crônicas. No início do projeto de ensino a turma não identificava funções além do humor no gênero digital meme, além de não conseguirem recordar a respeito do texto crônica, apesar de o mesmo estar sempre presente nos livros didáticos. Ao final do projeto de ensino, não só ampliaram as habilidades inferenciais e retextualizaram com êxito as obras, como também mudaram a percepção desses gêneros.

A aplicação das oficinas, além de atrelar a leitura a um exercício aprazível, despertou em muitos o interesse por esses gêneros, como também mobilizou toda a comunidade escolar a ler e a refletir a partir da criação dos painéis e da utilização do gênero meme, responsável este por chamar a atenção dos estudantes e levá-los a pensar na crítica das obras e incitá-los à leitura das crônicas. Tudo isso confirma que a junção de todas essas estratégias foi relevante para o resultado da pesquisa.

Portanto, conclui-se que é possível contribuir de fato com o verdadeiro letramento literário, através de práticas voltadas para as carências educacionais dos nossos alunos, capazes de revelar o poder humanizador da literatura, não somente atrelando-a a atividades de leitura e interpretação, provas, e fichas de leitura, mas a exercícios que não só proporcionem o deleite, como também a reflexão e a busca por soluções para os problemas presentes na sociedade, colaborando, assim, para a formação dos nossos jovens.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva Aquino. Tradução intersemiótica de literatura infanto-juvenil: vivências em sala de aula. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 387-426, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p387>. Acesso em: 7 jan. 2020.

ARAÚJO, Cristiane; Barbosa, SARA. *Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores*. Revista Interdisciplinar. Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013.

BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALBINO, Evaldo. Comer o nome, ler a comida. Blogspot, 2017. Disponível em: <https://evaldobalbino.blogspot.com/2017/08/comer-o-nome-ler-comida.html>. Acesso em: 10/05/2019.

BRASIL. BNCC. *Base Nacional Comum Curricular*. Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2017.

BENDER, Flora. C.; LAURITO, Ilka. B. *Crônica – história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BENFICA, Maria. Flor. M. Barbosa. *Retextualização*. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/retextualizacao>. Acesso em: 30 de Maio de 2018.

BRASIL, SEF/MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília, DF: SEF/MEC, 1998.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antônio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. 4º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CAVALCANTI, Denise Peruzzo Rocha; LEPRE, Rita Melissa. Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de história. *CIET: EnPED*, [S.l.], maio 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/746>. Acesso em: 14 set. 2019.

CLÜVER, Claus. Da transposição intersemiótica. In: ARBEX, Márcia (Org.). *Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2.ed. Belo horizonte: Autentica, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.

- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DELL'ISOLA, Regina. L. Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- HORTA, Natália Botelho. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília, 2015.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. Trad. Izidoro Blinkstein e José Paulo Paes. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.
- MARCUSH, Luiz Antonio, XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertextos e gêneros digitais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. IN: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-80.
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica. In: CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas (SP): Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Ed. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-134
- PASSOS, Marcos. V. Ferreira. O gênero “meme” em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais. *Anais do SIELP*, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 01-15, 2012.
- ROJO, R. H. Gêneros Discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In. ROJO, R. H. (Org.). *Escol@ Conectada – os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008.
- SABINO, Fernando. Extraída do livro de mesmo nome, Editora do autor – Rio de Janeiro, 1960.
- SANTOS, J. F. dos (Org. e Intr.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- SANTOS, Polyana Augusta Costa; CAMPOS, Cláudia Lais Costa da Silva. O uso dos gêneros digitais como ferramenta de leitura e escrita. Educação e Comunicação – Cadernos de graduação, *Ciências Humanas e Sociais*, Aracaju, v. 3, n.2, p. 175-188, mar. 2016.

- SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge/Inglaterra: MIT Press, 2013.
- SILVEIRA, Maria Inez Matoso. *Atêlie de crônicas & portfólio*. Leitura (UFAL), v. 42 p. 237-249.
- SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.) *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008a.
- \_\_\_\_\_. Introdução - Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.) *Leituras Literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008b.
- SOUZA, S. J. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2007.
- TARTAGLIA, L. Apneia - revista de poesia livre e crua, 6ª edição, 2019. p. 21-22.
- TELLES, L. F. O cem menores contos brasileiros do século. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 32.
- TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução retextualização: tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: Edufu, 2003.
- UNIP, letras. *O uso de memes na literatura brasileira*, SP, 2017. Disponível em: <https://letrasunip2017.blogspot.com/2018/05/o-uso-de-memes-no-ensino-da-literatura.html>. Acesso: 20/12/2018.
- VERISSIMO, L. F. Página Policial. Itatiaia, 2013. Disponível em: <http://www.itatiaia.com.br/blog/jose-lino-souza-barros/aprenda-a-chamar-a-policial-texto-de-luis-fernando-verissimo>. Acesso em: 15/12/2018.
- VERISSIMO, L. F. A bola. GTD Crônicas, 2009. Disponível em: <http://gtdcronicas2009.blogspot.com/2009/09/cronica-5-bola.html>. Acesso: 15/12/2018.
- VIEGAS, Ana. *Para o início de uma conversa – a crônica em sala de aula*. Revista Pensares em Revista. São Gonçalo, n.2, p. 169 – 179, jan./jun. 2013.

## **APÊNDICE I – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

Prezado(a) aluno(a):

Convidamos você a participar de uma pesquisa que será aplicada durante as aulas de Língua Portuguesa de sua turma. Este trabalho será desenvolvido pela professora Jéssica Estevão Ribeiro, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFMG), sob orientação do Professor Doutor Evaldo Balbino da Silva, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa pretende ajudar você e seus colegas, alunos do 9º ano, da Escola Estadual Regina Pacis, da cidade de Raul Soares (MG), a aprimorarem habilidades referentes ao processo de produção de informações implícitas. Para tanto, propomos um Projeto de Ensino desenvolvido com objetivo de desenvolver as habilidades de leitura, e, através dos gêneros crônica e meme, aprimorar o processo de produção de inferências. As atividades serão desenvolvidas pela professora Jéssica Estevão Ribeiro, no primeiro semestre de 2019, no horário regulamentar das aulas, de 7h às 11h30, na própria escola. Pretendemos, também, registrar em áudio, vídeo, fotografias e por escrito algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido, sempre que julgarmos necessário para uma posterior análise de dados. Esse material será armazenado pela própria professora em mídias, como pen drive e computador pessoal por no máximo cinco anos e só será utilizado mediante autorização do seu responsável legal. Os nomes e imagens dos participantes dessa pesquisa não aparecerão posteriormente nas análises que serão feitas.

Todas as tarefas serão realizadas durante as aulas, lembrando que não haverá nenhum custo para que você participe desta pesquisa, pois todo material utilizado será disponibilizado gratuitamente para você. Ao divulgarmos algum dado da pesquisa, garantiremos seu anonimato. Já as fotografias que forem tiradas de você, a participação na pesquisa, e a divulgação dos textos produzidos em sala de aula, são totalmente opcionais, portanto, você é livre para desistir de divulgá-los a qualquer momento que quiser, e/ou desligar-se da pesquisa sem nenhum prejuízo. Para isso, caso você opte por não divulgar os textos que você produzir em sala de aula, nem queira participar das fotografias, o seu responsável legal deverá preencher um termo de autorização, informando a opção pela não divulgação dos textos e das imagens.

Caso você sinta algum estresse durante as atividades, tenha algum desconforto, sinta-se constrangido ao ser fotografado ou ao ter os seus dados divulgados, pedimos que procure o seu responsável legal ou a professora assistente Jéssica Estevão Ribeiro e relate o ocorrido,

para que as providências sejam tomadas e você possa se sentir seguro e a vontade durante a execução das atividades que são propostas neste trabalho.

---

Assinatura ou rubrica do(a) aluno(a)

---

Assinatura ou rubrica do pesquisador

Esta pesquisa, intitulada “**A retextualização de crônicas para memes como estratégia de inferência**”, pode ajudá-lo não só a ampliar sua capacidade de inferir informações em um texto, mas proporcionar a você e aos seus colegas a oportunidade de conhecer mais sobre o gênero literário - crônica e, aproximá-lo ainda mais de práticas de leitura.

Caso haja alguma dúvida ou problema, você também pode entrar em contato com o pesquisador responsável na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, núcleo de letras/ Centro Pedagógico, em Belo Horizonte - MG, no telefone: (31) 3409 - 5498, ou pelo e-mail [evaldo\\_balbino@yahoo.com.br](mailto:evaldo_balbino@yahoo.com.br).

Este documento seguirá em duas vias, sendo que uma via ficará com você e a outra com o pesquisador. Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu,

---

confirmando estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e minha participação nela.

---

Assinatura do(a) aluno(a)

*EvaldoSilva*

---

**Prof. Dr. Evaldo Balbino da Silva**  
Pesquisador Responsável - Faculdade de Letras –  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Av. Antônio Carlos, 6627, núcleo de letras/ Centro Pedagógico, Belo Horizonte – MG  
Telefone: (31) 3409 – 5498 e-mail: evaldo\_balbino@yahoo.com.br

---

**Professora Mestranda Jéssica Estevão Ribeiro**  
Assistente de Pesquisa – Faculdade de Letras –  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Telefone: (33) 99118 – 5656 e-mail: jeskestevao@hotmail.com

**COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG<sup>5</sup>**  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005 - Campus  
Pampulha Belo Horizonte – Minas Gerais – CEP: 31270-901 E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)  
Fone: (31) 3409 4592

---

<sup>5</sup> A função do COEP é de atenção às questões ou dúvidas quanto à ética em pesquisa.

## **APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro(a) pai/mãe ou responsável:

Seu filho(a) foi convidado(a) a participar de uma pesquisa que será aplicada durante as aulas de Língua Portuguesa. Este trabalho será realizado pela professora Jéssica Estevão Ribeiro, mestranda do Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFMG), sob a orientação do Professor Doutor Evaldo Balbino da Silva, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

O trabalho pretende ajudar os alunos(as) do 9º ano, da Escola Estadual Regina Pacis, da cidade de Raul Soares (MG), a aprimorarem habilidades referentes ao processo produção de informações implícitas. Para tanto, propomos um Projeto de Ensino desenvolvido com objetivo de desenvolver as habilidades de leitura, e, através dos gêneros crônica e meme, aprimorar o processo de produção de inferências. As atividades serão desenvolvidas pela Profª. Jéssica Estevão Ribeiro, no primeiro semestre de 2019, no horário regulamentar das aulas, de 7h a 11h30, na própria escola. Pretendemos, também, registrar em fotografias, e por escrito, algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido. Esse material ficará armazenado por um prazo de, no máximo cinco anos, e será utilizado pelo assistente de pesquisa Profª. Jéssica Estevão Ribeiro em mídias como pen drive e computador pessoal, e só será utilizado mediante a autorização do responsável legal pelo estudante. Os nomes e as imagens dos participantes dessa pesquisa não aparecerão posteriormente nas análises que serão feitas.

A participação do aluno(a), e todo o material utilizado será gratuito, ou seja, o estudante não terá nenhum custo para participar das atividades propostas por este trabalho. As fotografias tiradas durante as atividades, assim como, a divulgação dos textos produzidos pelos estudantes é opcional, portanto, o(a) aluno(a) é livre, também, para desistir de divulgá-los em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo. Para isso, caso o aluno(a) opte por não divulgar os seus textos, nem queira participar das fotografias, o responsável legal deverá indicar neste termo de autorização a opção pela não divulgação dos dados e das imagens, sem nenhum prejuízo. Em qualquer momento da pesquisa o aluno(a) pode solicitar a inclusão ou retirada dos dados, desde que este termo seja novamente preenchido com a opção desejada.

Caso o estudante relate algum estresse ao realizar alguma das atividades propostas, mencione algum desconforto, ou comente ter se sentido constrangido ao ser fotografado,

gravado ou ao ter os seus dados divulgados, você pode procurar a professora assistente Jéssica Estevão Ribeiro para que as providências sejam tomadas e o aluno(a) tenha a sua integridade assegurada, fazendo com que ele(a) se sinta a vontade durante a execução das atividades que são propostas por esta pesquisa.

---

Assinatura ou rubrica do(a) responsável

---

Assinatura ou rubrica da pesquisadora

Esta pesquisa, intitulada “**A retextualização de crônicas para memes como estratégia de inferência**”, pode ajudar o aluno não só a ampliar a capacidade de inferir informações em um texto, como também proporcionar a oportunidade de conhecer mais sobre o gênero literário - crônica e, aproximá-lo ainda mais de práticas de leitura.

Caso haja alguma dúvida ou problema, você também pode entrar em contato com o pesquisador responsável na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, núcleo de letras/ Centro Pedagógico, em Belo Horizonte - MG, no telefone: (31) 3409 - 5498, ou pelo e-mail [evaldo\\_balbino@yahoo.com.br](mailto:evaldo_balbino@yahoo.com.br). Em caso de dúvidas éticas, você pode consultar o próprio Comitê de Ética em Pesquisa (Coep) da UFMG.

Este documento seguirá em duas vias, sendo que uma via ficará com o(a) responsável legal pelo(a) aluno(a) e a outra com o pesquisador. Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu, \_\_\_\_\_, confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e minha participação nela.

Autorizo a utilização dos vídeos e das imagens para fins exclusivamente da pesquisa, sabendo que será resguardado o anonimato do aluno participante em quaisquer publicações.

---

Assinatura do responsável legal pelo(a) aluno(a)



---

**Prof. Dr. Evaldo Balbino da Silva**  
Pesquisador Responsável - Faculdade de Letras –  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Av. Antônio Carlos, 6627, núcleo de letras/ Centro Pedagógico, Belo Horizonte – MG  
Telefone: (31) 3409 – 5498 e-mail: [evaldo\\_balbino@yahoo.com.br](mailto:evaldo_balbino@yahoo.com.br)

---

**Professora Mestranda Jéssica Estevão Ribeiro**  
Assistente de Pesquisa – Faculdade de Letras –  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Telefone: (33) 99118 – 5656 e-mail: [jeskestevao@hotmail.com](mailto:jeskestevao@hotmail.com)

**COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG<sup>6</sup>**

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar - sala 2005 - Campus Pampulha Belo Horizonte - Minas Gerais - CEP: 31270-901 E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)  
Fone: (31) 3409 4592

---

<sup>6</sup> A função do COEP é de atenção às questões ou dúvidas quanto à ética em pesquisa.

## APÊNDICE III – PROJETO DE ENSINO

1/6/2019



**PROFLETRAS**

**A RETEXTUALIZAÇÃO DE CRÔNICAS PARA MEMES COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA LITERÁRIA.**



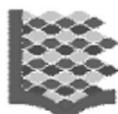
**ESCOLA ESTADUAL REGINA PACIS**

Nome: \_\_\_\_\_

Número: \_\_\_\_\_

Série/turma: 9.1

Prof.<sup>a</sup>: Jéssica Estevão Ribeiro



**FALE**  
FACULDADE

**UFMG**

O questionário inicial tem o objetivo de sondar sobre os hábitos de leitura dos alunos e sobre a visão que os mesmos têm em relação à leitura, principalmente no que diz respeito à leitura literária:

### QUESTIONÁRIO INICIAL

Responda as seguintes perguntas:

1) Você tem o hábito de ler textos literários?

Sim, sempre.  Sim, às vezes \_\_\_\_ vezes por semana  Não.

2) O que te leva a ler um texto literário?

Interesse  Indicação  Obrigação **Outros** \_\_\_\_\_.

3) Vocês leem literatura fora da escola?

Sim, sempre.  Sim, às vezes \_\_\_\_ vezes por semana  Não.

4) Quais são os seus tipos de leitura favorita?

Contos  Post de facebook/Twitter.

Crônicas  Romance

Histórias em quadrinhos  Jornal online

Textos de WhatsApp  Bíblia

Drama **Outros:** \_\_\_\_\_

5) Quais são os assuntos que você gosta de ler em livros, revista, internet?

Esportes  Mistério / Suspense / Terror

Política  Beleza / Estética / Moda

Filmes  Religião / Ocultismo

Famosos  Romance

Música **Outros:** \_\_\_\_\_

Aventura

6) Você conhece o gênero textual crônica? Se sim qual ou quais são suas crônicas favoritas?

SIM  NÃO

R: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7) Você se considera com um bom nível de leitura, ou seja, que consegue entender às críticas, o humor, a ironia, e a temática do texto lido?

ALTO    INTERMEDIÁRIO    BAIXO

8) Quais são as suas maiores dificuldades em relação à interpretação de um texto?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Vocabulário.                                | <input type="checkbox"/> Não seguir a pontuação.     |
| <input type="checkbox"/> Não conseguir compreender certos conceitos. | <input type="checkbox"/> Falta de paciência.         |
| <input type="checkbox"/> Ler um texto longo.                         | <input type="checkbox"/> Falta de atrativo visual.   |
|  | <input type="checkbox"/> Não tem Interesse / hábito. |

Outros: \_\_\_\_\_



9) Observando o texto ao lado. Em sua opinião, qual a diferença entre ler e interpretar?

---

---

---

---

---

---

---

---

10) Defina de 0 a 10, sua dificuldade no que diz respeito a interpretar, analisar e entender as informações dentro de um texto?

1   2   3   4   5   6   7   8   9   10  
                          

11) Defina de 0 a 10, seu interesse em ler textos literários?

1   2   3   4   5   6   7   8   9   10



Sente em dupla e compartilhe com seu colega o texto que acabou de escrever.

Em seguida, dizer aos alunos que eles irão ler algumas crônicas e instigá-los a respeito do gênero.

1ª etapa – 02 aulas

## Refletindo sobre o gênero

Professor: sugerimos que essa discussão seja de seja desenvolvida oralmente.

- O que é uma crônica?
- Quais são as características desse tipo de texto?
- Já leram alguma crônica? Se sim, qual é a sua favorita?
- Você sabe o que diferencia a crônica de outros gêneros de relato como notícias e texto de memória?

Professor: caso o aluno afirme desconhecer o gênero crônica, lembro-o que este é um tipo de texto comum em livros didáticos.

Leia os textos abaixo:

### Texto 01

#### CRÔNICA: 30 DIAS DA TRAGÉDIA DE BRUMADINHO

Nossa Senhora, a barragem do Feijão rompeu em Brumadinho. Deu no rádio. Notícia que ninguém queria ouvir. Vem a TV com imagens de chocar e chorar. É difícil acreditar. Ler, nem pensar. Até o tempo fechou. Coisa de louco. Só cabem orações. A nossa Gerais é terra de minas, minas sem fim. A atividade minerária é coisa bruta, pesada, e perigosa. É preciso cuidado, muito cuidado com o andar da carruagem no segmento. A prevenção e segurança urgem de ser tão ou mais pesada que se possa imaginar. É, a barragem do Feijão depois de décadas “vomitou”. A força da lama que desceu morro abaixo é igual a de um vulcão em erupção, só que sem ronco e fumaça. A lama é escura, lúgubre e poluente. É um maciço que passa sem dó e compaixão, sem qualquer receio do que bater de frente. É de uma força descomunal, capaz de tombar coluna maior que o lendário Colosso de Rhodes. Tem o poder de arrastar e engolir instalações gigantes, prédios, vagões de ferrovia, veículos de todo porte como se fossem miniaturas de brinquedo. Uma coisa fora do comum. O salve-se quem puder é intempestivo, vidas humanas tragadas, sem qualquer chance de se salvarem. Muito triste. É gente operária de primeira linha levadas precocemente, e que só conseguiram deixar rastro de um tempo futuro para a lembrança. De um momento para o outro, a vida de muitos sucumbiu, deixando os vivos órfãos agasalhados de saudade.

O sentimento de perda e o desastre são sem explicação. Estradas, pontes, pousadas, sítios, animais, hortas, jardins, pomares, campos verdejantes, casas e pessoas deixaram de existir. Viraram lenda. O rastro legado é desolador, um verdadeiro vale de lágrimas. Nem efemérides nascem. Nunca mais o sol e o orvalho das manhãs serão sentidos pelos moradores, o mugido da vaca, o trato dos porquinhos, o relinchar e trote do animal de montaria, os ovos frescos, o gorjear dos pássaros, o brilho do sol e o silêncio da noite paramentada pela lua e estrelas; nunca mais. Felizmente, no meio de toda a tragédia, surge uma legião de verdadeiros heróis. Se trata de gente abnegada e corajosa que são os bombeiros, militares, voluntários, religiosos, filantropos, gente de fora e pessoal de apoio em todo norte, agasalhados de fé, empatia e tristeza.

Muita tristeza. O lamaçal da destruição só encontra fim quando desagua no rio e finalmente é diluído deixando marcas profundas. Segredos vão junto. A causa do desastre é um verdadeiro imbróglío e vem lá de trás, de priscas eras. A formação da barragem é material que cresce imperceptivelmente a cada segundo por anos e anos. O tempo passa e os que convivem acostumam com uma visão padrão que impede de enxergar o perigo iminente submerso. Silenciam ou mesmo inadmitem que a natureza move, quando algo inexoravelmente vive e mexe, nem que seja microbiana.

As montanhas são eternas, mas, com certeza a solidez aumenta ou diminui com o passar dos séculos. A natureza quando molestada dá o seu grito de dor e depois permanece silenciosa e fria. Mas, algo jamais padece, e sempre paira a expectativa de a qualquer momento despertar e mostrar a sua fúria. E quando acontece é indomável e serve de alerta. Há um ditado que diz: *todo alimento ceifa vida*. A barragem por décadas e décadas foi alimentada e permaneceu inerte e acomodada. Mas algo a fez despertar. Talvez pela ausência de cuidados, ou mesmo de ter ocorrido de ficar nervosa com o sufoco do ínfimo espaço que ocupava e bateu nela a vontade de se ver livre das amarras e encostas, e, foi quando então surtou, e se autodestruiu.

A tragédia se imortalizou nos anais da história mineira, assim como a dor na alma de cada parente e amigo que perdeu entes queridos, o que, permanecerá por gerações, acalentado no berço da eternidade. Mas, a vida inapelavelmente desperta para um novo amanhã cheio de esperanças. A força de bravos mineiros forjados de fé e força de trabalho são o ponto de partida para seguir adiante, pois, sabem que o mundo é um lugar que vale à pena lutar. O sinal de alerta permanece latente de que a natureza necessita de comprometimento e respeito, muito respeito, de toda a humanidade. A terra, a vida e o homem, são tudo uma coisa só. Mariana e Feijão mereciam como outras barragens merecem, cuidado especial, muito especial, mesmo porque, um desastre não escolhe mortos e feridos. E, nesse patamar vem à lume que todos somos iguais, que todos somos mortais. As tragédias jamais poderiam acontecer, ninguém queria, mas aconteceram. Nossa Senhora que ilumine a força de trabalho dos homens e proteja a todos nós.

Dedicados aos afilhados e amigos de Brumadinho e Conceição do Brumado.

Por: Reuber Lana

Disponível em: <https://www.correiodeminas.com.br/site/cronica-30-dias-da-tragedia-de-brumadinho/> Acesso: 02/05/2019.

## Texto 02

X  Brumadinho: sobe para ...  
/g1-globo-com.cdn.ampproject.org

MINAS GERAIS

### Brumadinho: sobe para 210 o número de mortos identificados em tragédia

Operação de resgate completa 56 dias e já é considerada a maior de MG.

Por G1 Minas — Belo Horizonte  
21/03/2019 10h55 - Atualizado há 2 meses



© trabalho de buscas pelos desaparecidos já duram 56 dias. — Foto: Wellington Alves/Reuters

**Sobiu para 210** o número de mortes confirmadas em Brumadinho, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. De acordo com a Defesa Civil de Minas Gerais, **outras 96 pessoas continuam desaparecidas**.

No dia 25 de janeiro deste ano, a barragem da Mina Córrego do Feijão se rompeu, matando centenas de pessoas e contaminando o Rio Paraopeba, um dos afluentes do Rio São Francisco. Os rejeitos devastaram a área administrativa da mineradora, incluindo o refeitório, onde muitos trabalhadores almoçavam na hora do rompimento.

Depois de arrasar a área da Vale, a lama da mineradora atingiu comunidades de Brumadinho, destruindo casas, uma pousada e propriedades rurais.

As buscas pelos desaparecidos já duram 56 dias. **A operação já é considerada a maior busca realizada no estado**. Nesta quinta-feira (21), 150 militares trabalham no local com 103 máquinas e 5 cães. Um helicóptero e dois drones também participam das buscas.

Segundo o porta-voz dos bombeiros, tenente Pedro Aihara, algumas equipes têm trabalhado até as 23h porque em algumas áreas há iluminação, o que permite que as buscas sejam feitas à noite. Atualmente, os militares atuam em 20 pontos durante todo o expediente.

**O tenente disse também que as buscas nunca foram suspensas e, sim, realocadas para lugares diferentes**. Os trabalhos não têm previsão para ser encerrados.

Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/03/21/brumadinho-sobe-para-210-o-numero-de-mortos-identificados-em-tragedia.ghtml>. Acesso em: 02/05/2019.

### **Texto 03**

#### **Tragédia**

Não sei bem como aconteceu, não me lembro. O mundo ao meu redor era lúgubre, cinzento, sinônimo de sofrimento e horror. Um tapete macabro de manchas e destroços estendia-se pela estrada úmida, conduzindo à forma arruinada do caminhão tombado.

O choque e a indignação se revelavam claramente nas faces de todos: moradores da região, motoristas que aguardavam a liberação do trânsito, membros das equipes de resgate. Somente eu tinha a expressão serena.

Próximo aos veículos de emergência, uma figura fitava o vazio com ar apalermado; notei um filete rubro a escorrer do alto de sua cabeça. Alheio à fúria que lhe era dirigida, ele parecia assimilar as consequências de sua imprudência. Testemunha solitária da tragédia, talvez até revivesse em algum lugar da consciência os momentos que a antecederam. Mas isso pouco me importava. A razão de eu ainda estar ali jazia metros abaixo da encosta à beira da rodovia.

O ônibus era uma sucata, um monte de ferro retorcido disforme. Por toda parte no terreno barroso se faziam notar mochilas, cadernos, uniformes. Aquela fora outra de tantas excursões de campo que eu havia promovido. Tinha sido educativa e, principalmente, divertida, como os passeios ecológicos devem ser. Quem imaginaria término tão brutal, a perda de tantas vidas?

A lembrança veio novamente, ligeira, retratando nitidamente a imagem do momento antes do turbilhão e da escuridão absoluta: despreocupadamente, todos dormiam um sono do qual, mal sabiam, jamais iriam despertar. Que infortúnio condenava-me a reviver instante tão triste e negava-me conhecer o milagre pelo qual minha vida fora poupada? Se aquilo era tudo o que a memória tinha a revelar, então o passado não tinha maior valor que o presente.

As horas se alongavam e eu observava o trabalho de resgate, sereno, esperançoso. Parte dos observadores se dispersou, equipes de televisão e rádio chegaram e partiram; o caminhoneiro atormentado foi levado pelas autoridades para a própria proteção. Contudo, eu permaneci, acompanhando a retirada de cada corpinho destruído; e quando o último foi resgatado, eu me aproximei, agarrando-me a um resquício de esperança.

Havia algo incomum – e, no entanto, familiar – naquele corpo. Somente ao reconhecer nele minha própria feição arruinada e inerte é que pude, enfim, compreender.

Nenhum milagre ocorreu naquele dia.

**T.K. Pereira**

Disponível em: <https://escribaencapuzado.com.br/blog/2012/09/28/conto-tragedia/>. Acesso em: 07/06/2019.

Os textos 01 e 02 tem como tema o episódio do rompimento da barragem de Brumadinho. O primeiro trata-se de uma crônica e o segundo de uma notícia. Já o texto 03 é um conto que narra sobre uma tragédia. Visto que os textos relatam determinado acontecimento, responda:

a) Em que os textos se assemelham e se diferenciam?

---

---

---

---

---

---

b) Em quais dos textos a temática é abordada sob um ponto de vista pessoal?

crônica  notícia  conto

c) Qual dos textos apresenta fatos e linguagem impessoal?

crônica  notícia  conto

d) Discuta com seus colegas e professores quais são as características de uma crônica.

---

---

---

---

---

---

e) Em quais veículos podemos encontrar uma crônica?

---

---

---

---

---

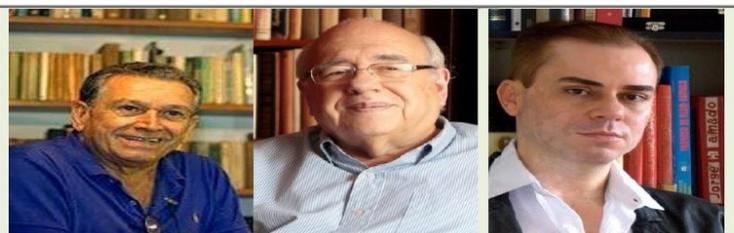
---

Apresentar e comentar os títulos das crônicas e questioná-los sobre o que eles acham que as obras irão falar.

2ª etapa – 02 aulas

## Conhecendo os autores

Agora você irá conhecer um pouco dos autores das crônicas que serão lidas - Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo e Evaldo Balbino.



Fernando Sabino (1923-2004) foi um escritor, jornalista e editor brasileiro. Recebeu diversos prêmios, entre eles, o Prêmio Jabuti pelo livro "O Grande Mentecapto" e o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Foi condecorado com a Ordem do Rio Branco, no grau de Grã-Cruz, pelo governo brasileiro. Fernando Sabino faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 11 de outubro de 2004.

Luís Fernando Veríssimo (1936) é um escritor brasileiro. Famoso por suas crônicas e contos de humor, é também jornalista, tradutor, roteirista de programas para televisão e músico. É filho do escritor Érico Veríssimo. Em 2006, Veríssimo chegou aos 70 anos de idade consagrado como um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos, tendo vendido ao todo mais de 5 milhões de exemplares de seus livros.

Atualmente é Professor Doutor de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atividade que exerce desde 2011 com dedicação exclusiva, atuando em ensino, pesquisa, administração e extensão dentro dessa universidade. Tem crônicas, poemas e um conto publicados em antologias de circulação nacional, suplementos literários e jornais. Publica mensalmente crônicas no Jornal das Lajes, onde assina a coluna Retalhos Literários, trabalho esse que pode ser acessado também pelo site [www.jornaldaslajes.com.br](http://www.jornaldaslajes.com.br)

Professor: essa aula tem o objetivo de apresentar os autores das crônicas que serão lidas aos alunos. Questione se eles conhecem os autores, se já leram algum texto e faça uma breve apresentação mostrando fotos, curiosidades e suas principais obras.

## Café com prosa



Essa parte da oficina será realizada através de um “Café com Prosa” com o intuito de tornar a experiência mais leve e agradável.

Professor: Sugerimos preparar um café para receber os alunos. Se possível escolha um local fora da sala de aula e organize o ambiente de forma descontraída a fim de aproximar os alunos e tornar a execução das oficinas mais agradável.

- Conversa sobre a leitura literária, o gênero crônica, autores (Fernando Sabino, Luiz Fernando Veríssimo e Evaldo Balbino) e leitura da crônica e discussão da crônica Comer o nome, ler a comida (Evaldo Balbino).

Promover uma oficina de leitura com as obras selecionadas: (A bola, página policial, homem nu).

- Dividir a turma em três grupos;
- Entregar a crônica selecionada para cada grupo;
- Ler a crônica;
- Discutir sobre a temática do texto;
- Pedir que façam uma leitura dramatizada para a turma.

Cada grupo ficará responsável por ler, discutir e dramatizar uma das crônicas.

- Fazer uma roda de conversa para que os alunos possam compartilhar suas impressões a respeito das crônicas e relacionar os temas contidos nas crônicas com a própria realidade.

Essa oficina deverá ser feita no contraturno ou em parceria com os professores das outras disciplinas, visto que será necessário um número maior de aulas seguidas.

3ª etapa – 04 aulas

Por último os alunos responderão a algumas atividades de interpretação das crônicas lidas, a fim de reforçar a análise e a visão dos alunos dos frente aos temas e as informações contidas no texto.

### **COMER O NOME, LER A COMIDA**

Nome pega e todo mundo sabe disso. Estudiosos da linguagem podem até falar que as palavras são arbitrárias, que são roupas que se vestem e que se desvestem em diferentes culturas. Não estou aqui para negar a ciência da linguagem. Mas a experiência é a base da vivência, e por isso não deixo de sentir que as palavras são as caras e as almas dos objetos que elas nomeiam.

Nome de pessoa, por exemplo. A gente conhece alguém e nunca mais consegue separar o nome da cara. Tentem trocar o nome de uma pessoa conhecida, e vocês verão que tristeza, suas mentes buscando perceber aquele rosto com outro nome. Isso não desce de jeito nenhum por goela abaixo. No final das contas, a cara do fulano tem a cara do nome dele, o rosto da beltrana é o seu próprio nome. Imaginem, por exemplo, se tenho há anos uma vizinha chamada Dulce, e de repente me chegam e dizem que o nome dela é Lourdes. Ai minha cabeça entra em parafuso e minha teimosia antiga não deixa meus olhos verem Lourdes onde sempre viram Dulce.

E com comida o mesmo acontece. Alguém já viu macarronada com cara de feijoadá? Ou arroz parecendo angu? De jeito nenhum! A comida também vai ganhando a cara do seu nome. E assim vamos pondo cada coisa, cada comida em seu lugar. Batizamos tudo, e os nomes de pia vão seguindo pela vida afora, entranhados nas coisas.

Quando criança, eu levava tão a sério esse negócio de nomes, que cismava demais da conta com alguns nomes de comida. Porque os nomes têm cara, podem ter certeza.

Churrasco era coisa incômoda. Para menino acostumado que eu era lá na roça a ver cana moída nos engenhos, inevitavelmente churrasco me fazia pensar em bagaço de cana. Não me perguntem por que tamanha confusão. Era ouvir falarem em churrasco, me vinha na mente aquele monte de cana triturada, a montanha de bagaço no canto do terreiro.

Vaca atolada, nem se fala. Um dia meu tio falou que fora num restaurante em São João del-Rei e que lhe serviram esse nome esquisito. Fiquei pensando numa vaca atolada de verdade. E como eu só a tinha visto atolada em brejo uma vez na casa dum primo, então fui imaginando meu tio comento barro fedido com uma vaca dentro.

Nhoque, nem pensar! Como eu faria para comer essa coisa, ouvida só de nome porque nunca a tinha visto? Palavra esquisita. Parecia que eu é que seria comido por nome tão glutão assim. Via-me diante do prato e, de repente, *NHOC!!!* Adeus, menino guloso!

Mamãe dizia que dava muita comida boa ao lado de corregozinhos. Um dia ela falou que iria cortar Serratucano para o nosso jantar. Fiquei com medo do nome. Parecia algo que serrava tucano. Uma ave tão bonita não podia morrer daquele jeito violento que o nome da guloseima prenunciava. Só fui ficar tranquilo depois que vi que o dito cujo apanhado por mamãe era um brotinho mais ou menos que nem broto de bambu.

E por falar em serrar, desde muito cedo comecei a conviver com a serralha. “Muito amarga”, minha irmãzinha reclamava. O nome era feio, pois me fazia pensar em algo que cortava, que podia nos serrar em vários pedaços. Mas depois que eu vi que os vários pedacinhos eram a própria serralha que mamãe cortava, uns filamentos fininhos de dar gosto que nem chuva fina gostosa, nunca mais pensei coisas toitas dessa verdura. E passei até a amá-la quando comida com angu e macoco em panela de ferro.

E o pé-de-moleque, o que fazer com esse nome? Quando bem pequeno mesmo, eu não ia a festas juninas. Somente depois, lá pelos sete ou oito anos, é que comecei a ir. Eram as festas da escola. E que espanto tive quando me falaram do pé-de-moleque! Imaginei um pé de criança sendo comido. E um horror tomou conta de mim. Só depois é que fui ver que se tratava de um doce gostoso e tentador.

Falando assim desses nomes de comida, uma vontade de comer exatamente tudo isso me assalta. E aí lembro (e como lembro!) de pamonha, daquela que se fazia na minha região, massa feita de fubá e assada em folha de bananeira. Gostava de comê-la, mas não gostava do seu nome. E isso porque ele me fazia lembrar quando meus irmãos gritavam comigo: “Ê, pamonha, anda mais rápido com isso!”, “Você é lerdo mesmo, hein, pamonha!”. E então o nome me atazanava, me dava raiva. Mas a pamonha assada, essa me fazia ser feliz, me dava entradas para o Paraíso, para esse nome bonito e florido, um bom lugar para se viver.

**Evaldo Balbino.**

Disponível em: <https://evaldotalbino.blogspot.com/2017/08/comer-o-nome-ler-comida.html>. Acesso em: 10/05/2019.

## CONSTRUINDO SENTIDOS

1. Qual é a relação entre o texto e o título “Comer o nome, ler a comida”?
2. O título está coerente com o assunto abordado na crônica?
3. Por que a palavra “NHOC” foi escrita em caixa alta?
4. Em “*Batizamos tudo, e os **nomes de pia** vão seguindo pela vida afora, entranhados nas coisas*”. O que o autor quis dizer com a expressão em negrito?
5. Você concorda com o ponto de vista do autor “de que as palavras são as caras e as almas dos objetos que elas nomeiam”?
6. Você já experimentou alguma comida em que o nome lhe causou estranhamento ou alguma vez já deixou de experimentar algum prato de comida devido ao nome? Comente.
7. Cite algumas comidas que você conhece com nomes estranhos.
8. Você conhece todas as comidas citadas na crônica? Caso não conheça alguma palavra, pesquise seu significado no dicionário.
9. O autor declara que gosta de comer pamonha, mas não gosta do nome, já que seus irmãos utilizavam esse nome como um adjetivo para apelidá-lo em expressões como “Você é lerdo mesmo, hein, pamonha!”. Que outros nomes de comida também são utilizados como apelido?
10. O que significa a expressão “[...] me dava entradas para o Paraíso”?

## PÁGINA POLICIAL

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente. Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma:

– Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo. Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

– Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

– Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.

<http://www.itatiaia.com.br/blog/jose-lino-souza-barros/aprenda-a-chamar-a-policia-texto-de-luis-fernando-verissimo>

**Luís Fernando Veríssimo**

#### CONSTRUINDO SENTIDOS

1. A crônica inicia-se com o personagem observando uma presença estranha em seu quintal, entretanto, ele mantém a calma. O que levou o personagem a se comportar dessa forma?
2. Por que ele chamou a polícia?
3. Seu pedido foi atendido de imediato? Por quê?
4. O que você achou da estratégia que o personagem utilizou-se para que seu problema fosse resolvido?
5. O humor da crônica é construído com base em qual crítica?
6. Você concorda com o ponto de vista do autor?
7. Na crônica lida o personagem toma uma atitude radical para chamar a atenção da polícia. Você acredita que o personagem poderia resolver seu problema de outro modo? Qual?
8. Você acredita que a política de segurança de nosso país é falha? Já presenciou ou soube de algum fato em que isso aconteceu?
9. O que significa a expressão “cara de assombrado”?
10. Por que a personagem diz que talvez o ladrão tenha pensado que aquela era a casa do Comandante da Polícia?

11. Imagine-se vivenciando essa mesma situação, de estar sozinho em casa, mesmo que em segurança, e perceber um estranho rondando sua casa e tentando provavelmente invadi-la. Qual seria sua reação?

## A BOLA

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro.

Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembalou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

– Como é que liga? – perguntou.

– Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

– Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

– Não precisa manual de instrução.

– O que é que ela faz?

– Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

– O quê?

– Controla, chuta...

– Ah, então é uma bola.

– Claro que é uma bola.

– Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

– Você pensou que fosse o quê?

– Nada, não.

O garoto agradeceu, disse "Legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Baú, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de blip eletrônico na tela ao mesmo tempo em que tentavam se destruir mutuamente.

O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina. O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

– Filho, olha.

O garoto disse "Legal", mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

**Luís Fernando Veríssimo**

Disponível em: <http://gtdcronicas2009.blogspot.com/2009/09/cronica-5-bola.html>. Acesso: 15/12/2018

### CONSTRUINDO SENTIDOS

- 1- O pai, entusiasmado, dá de presente ao seu filho uma bola. Como ele reage?
- 2- O que será que levou o filho a agir dessa forma?
- 3- Ao desembulhar a bola o menino utiliza-se da expressão verbal “legal”. Sendo assim, você acredita que ele tenha realmente gostado do presente? Por quê?
- 4- Como o pai se sentiu em relação à reação do filho? Foi como ele esperava?
- 5- A partir da leitura dessa crônica podemos entender que o menino está acostumado a qual tipo de brinquedo ou brincadeira?
- 6- Como você imagina que seja, dentro desse contexto familiar, a relação pai e filho?
- 7- O humor e a crítica dessa crônica são construídos a partir da observação de quais fatos da vida cotidiana?
- 8- Qual é o ponto de vista do autor em relação às brincadeiras das crianças de hoje em dia? Você concorda com esse ponto de vista?
- 9- Você costuma se divertir com objetos que não estejam associados ao uso da tecnologia?
- 10- O pai afirma que talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia. Porque ele diz que deveria estar em inglês para a garotada se interessar?
- 11- A expressão “a bola cheirava a nada” pode ser interpretada com duplo sentido? Quais são as possíveis interpretações e o que isso simboliza no texto?

## O HOMEM NU

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

SABINO, Fernando. Extraída do livro de mesmo nome, Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1960.

**Fernando Sabino**

## CONSTRUINDO SENTIDOS

- 1- Por que o marido achou que daria um “ar de vigarice” caso ele explicasse ao cobrador que só poderia pagá-lo no outro dia?
- 2- O autor dirige-se a personagem como o “homem nu”. Por que provavelmente ele não deu um nome a ele?
- 3- Qual situação corriqueira é retratada no texto?
- 4- Por que o homem ficou preso do lado de fora do apartamento? E por que estava sem roupa?
- 5- Como é retratada a figura da mulher na crônica?
- 6- Como o humor do texto é construído?
- 7- A esposa, mesmo ouvindo o marido bater incessantemente na porta não a abriu. Por quê? Quem ela pensou que era?
- 8- O que você acha que o autor quis dizer ao utilizar-se da expressão “pesadelo de Kafka”?
- 9- A narrativa explora em vários momentos os sons causados no ambiente em que a história é contada. Qual é o efeito que isso causa no texto?
- 10- Se essa situação acontecesse nos dias de hoje, você acha que as personagens teriam a mesma reação? Comente.
- 11- Imagine-se no lugar do personagem principal. O que você faria em seu lugar?
- 12- Você já passou por alguma situação constrangedora? Como a resolveu?

4ª etapa – 02 aulas



## OFICINA 02 - O MEME

Essa oficina pretende trabalhar os conceitos referentes ao gênero meme, no que diz respeito à origem, aos conceitos, e o contexto de produção, circulação e recepção do gênero.

**Objetivo:** Analisar o estilo composicional no que tange a linguagem verbal e não verbal e os efeitos pretendidos a partir da escolha dos mesmos.

### Habilidade:

- Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em memes;
- Analisar textos de opinião (memes) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionadas a esse texto.
- Inferir e justificar, em textos multissemióticos - tirinhas, charges, meme, gifs etc. - o efeito de humor, ironia, e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

### Material:

Lápis, papel, borracha, data show

### Tempo

06 aulas

Quem nunca se identificou com um meme e o compartilhou em alguma rede social. Hoje em dia os memes viraram febre e estão por todos os cantos, mas você já parou para pensar em como surgiu tudo isso?

Questionar os alunos a respeito do gênero: Se eles gostam, compartilham e quais são seus memes favoritos.

- O que é um meme?
- Como identificar um meme?
- Quais são as características desse gênero?

Professor: sugerimos que essa discussão seja feita oralmente.

Ministrar uma aula expositiva/dialogada a fim de estudar a origem, os conceitos e as definições do gênero meme. Para aprofundar ainda mais o conhecimento sobre o assunto será exibido um vídeo do canal do Youtube – mimimidias:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=sRWM-8DuoYE>

Depois de assistir ao vídeo responda:

- O conceito que você tinha sobre meme estava correto?
- O que você achou mais interessante no vídeo?

Professor: Promover uma web visita ao museu de memes – projeto da Universidade Federal Fluminense que tem como objetivo criar um acervo de pesquisa aos interessados no assunto. Nesta visita virtual, os alunos terão a oportunidade de relembrar os principais memes que circularam na internet e as principais críticas/humor/ironia contidas em cada um deles.

Você sabia que existe um museu virtual de memes? O museu é um projeto da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo criar um acervo de pesquisa aos interessados no assunto. Através de uma visita virtual você pode relembrar seus memes favoritos que se espelham por aí...

Professor: Levar os alunos ao laboratório de informática para que os alunos possam explorar o museu de memes. Essa visita virtual também poderá ser realizada através de uma projeção.



Fonte: <http://www.museudememes.com.br/>

1. O que achou do Museu virtual de memes?

---

---

---

2. Depois de relembrar os principais memes que circularam na web, escolha três favoritos?

---

---

---

3. Qual é a mensagem que eles passam?

---

---

---

4. Qual é a relação das imagens com a linguagem verbal desses memes?

---

---

---

5. Por que você acredita que eles fizeram sucesso?

---

---

---

6. Pesquise e traga memes que descrevam sobre sua personalidade, rotina, hábitos, preferências e seus ideais. Compartilhe com seus colegas os memes selecionados por você.

O objetivo será oportunizar um momento em que os alunos possam compartilhar os memes selecionados, discutir sobre os mesmos, a fim de aproximá-los ainda mais do gênero.

1ª etapa – 03 aulas

## Refletindo sobre o gênero

Discutiremos nessa etapa sobre o estilo composicional do gênero, no que diz respeito à linguagem verbal e a linguagem não verbal.



Fonte: <https://images2.memedroid.com/images/UPLOADED25/51f7dca759b6f.jpeg>

1- Você conhece o personagem retratado no meme? Como ele se chama?

---

---

2- O texto está escrito em uma variedade linguística não-padrão. Qual é o fator que justifica essa escolha?

---

---

3- Se a linguagem escolhida fosse de acordo com a norma padrão da língua portuguesa o humor do meme ainda seria mantido?

---

---

4- Qual a relação da linguagem verbal e a linguagem não verbal do meme?

---

---



Vocês com certeza já viram e até mesmo compartilharam algum meme conhecido como “Chaplin sincero”. A partir da análise dos meme acima responda:

Professor: sugerimos que essa discussão seja feita oralmente.

- 1- Qual é a característica principal desse personagem?
- 2- Quais foram os assuntos abordados em cada um deles?
- 3- Qual é o humor encontrado nos memes do “Chaplin sincero”?
- 4- O que há de comum entre as linguagens verbais que circulam nesses memes?
- 5- Quais são os temas que os memes do” Chaplin sincero” costumam abordar?



Ao pesquisar e conhecer um pouco mais sobre os memes, você deve ter percebido que as imagens não são escolhidas de forma aleatória. A linguagem verbal e não verbal utilizada, assim como em outros gêneros que utilizam uma linguagem mista como em charges, HQ's, cumpre um papel fundamental para transmitir a mensagem que o autor do meme deseja. Analise as imagens abaixo e descreva o discurso que geralmente encontramos associados a essas imagens.



---

---

---

---

---



---

---

---

---

---



---

---

---

---

---



---

---

---

---

---



---

---

---

---

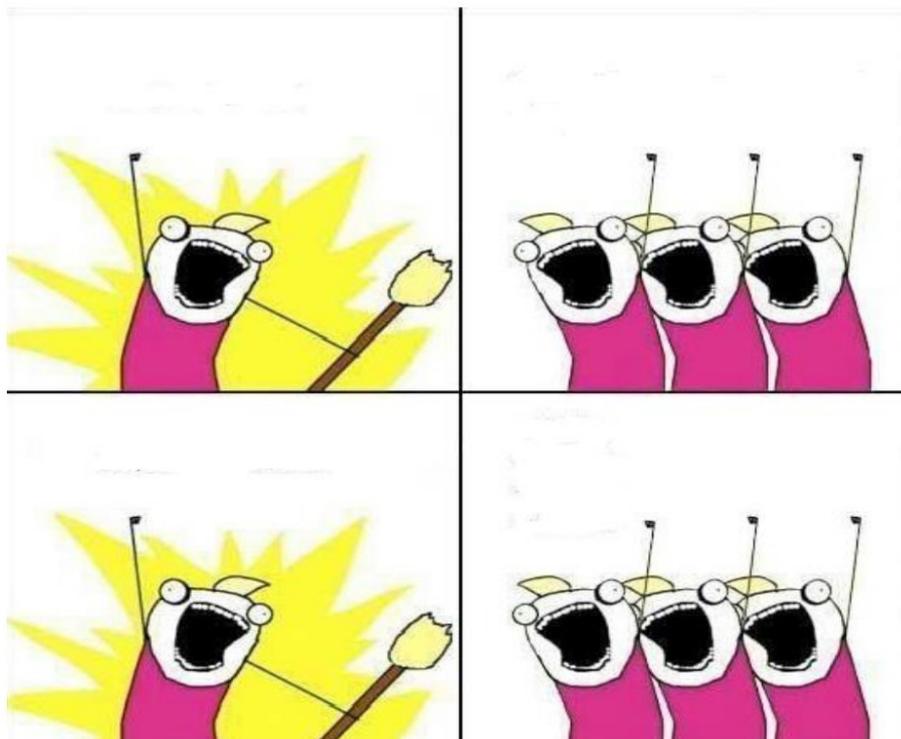
---

### Agora é sua vez

Segundo o museu de memes O meme “O que queremos/Quando queremos” teve sua origem em uma tirinha da artista Allie Brosh em seu blog Hyperbole and a Half. Ao contrário do sentido que o meme ganhou ao ser reproduzido no Brasil, originalmente as tirinhas em inglês tinham um discurso direto, e nem sempre havia quebra de expectativa e ironia. No Brasil o meme apresenta críticas sociais e políticas, principalmente ao “jeitinho brasileiro” e à “procrastinação” e, uma das primeiras e mais famosas tirinhas foi sobre o uso do corretor automático em celulares.

Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/o-que-queremos-quando-queremos/>. Acesso em: 15/12/2018.

- Reflita e complete o meme “O que queremos/Quando queremos”. Pense em fatos que acontecem a sua volta, seus hábitos, suas vontades. Use sua criatividade.



2ª etapa – 03 aulas

25



## OFICINA 03 – A RETEXTUALIZAÇÃO DE GÊNEROS

Essa oficina pretende esclarecer os conceitos de retextualização, no que diz respeito às técnicas de retextualização de gêneros escritos a partir de análises de exemplos.

**Objetivo:** Analisar as técnicas de retextualização de diversos gêneros

**Habilidade:** Identificar e utilizar os elementos de normatização (tais como as regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas) em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.

**Material:**  
Lápis, papel, borracha, data show.

**Tempo**  
03 aulas

Sugerimos que essas perguntas sejam feitas oralmente

- Você sabe o que é retextualizar?
- Já teve acesso a algum texto que tenha passado por esse processo?

Professor ministrar uma aula expositiva/dialogada sobre o tema através de apresentação de slides. Nessa aula será exposto o conceito de Retextualização segundo Dell’Isola.

**Conceito:** “Retextualização é a refacção ou a reescrita de um texto para o outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem”. (DELL’ISOLA, 2007, p. 36).

- A fim de ilustrar o assunto será exibido um vídeo de animação a respeito do tema:



Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=lbcXDC\\_1lw4](https://www.youtube.com/watch?v=lbcXDC_1lw4). Acesso em: 15/12/2018.

- Após o vídeo, apresentar exemplos de textos retextualizados:
- Exemplo - 01

### Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro,

Bebeu,

Cantou,

Dançou.

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, Manuel. "Libertinagem". Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

### O estranho suicídio de João Gostoso

Nessa madrugada de sexta-feira, foi encontrado o corpo de um homem boiando na Lagoa Rodrigo de Freitas.

A senhora Maria, que encontrou o corpo do homem, declarou ser amiga dele. Afirmou também que ele era conhecido na feira-livre, onde trabalhava como carregador, por João Gostoso e que horas antes de avistar o corpo boiando, estava com João e outros colegas num bar próximo ao barracão em que João morava.

Procurados, os amigos de João confirmaram o depoimento dado pela Senhora Maria, acrescentando que após



beber, cantar e dançar, João sumiu do bar e que alguns minutos depois Maria saiu à procura dele. Apesar destas declarações, a testemunha chave, foi o morador de uma casa próxima à lagoa. Ele relatou, que ao ir até à cozinha tomar água olhou pela janela e viu João se atirando na lagoa. Questionado sobre o por que de não ter chamado

a policia ou ter pedido socorro, o homem afirmou:

Durante a noite, a lagoa vive cheia de bêbados e mendigos. Muitos deles se jogam na lagoa para fazer algazarra. Pra mim, pareceu algo comum. A policia ainda investiga o caso a fim de descobrir o que teria motivado João a pular na lagoa.

Fonte: <http://liberdadeemvoz.blogspot.com/2012/>. Acesso em: 31/05/2019.

- Exemplos 02 de retextualização.

Exemplo retirado do livro *Retextualização de gêneros escritos* – Regina Dell’Isola.

Os alunos receberão uma cópia do artigo e do poema retextualizado para analisá-lo.

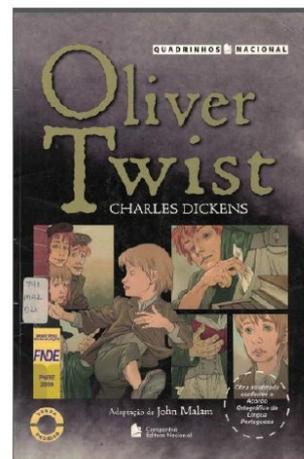
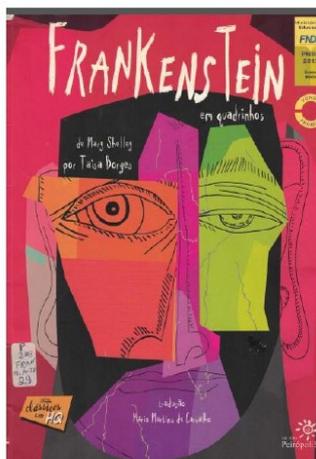
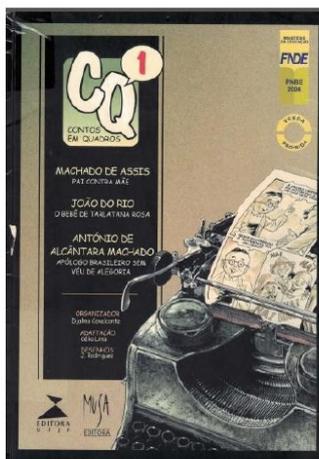
*De um artigo de opinião a um poema.* (Dell’Isola. 2007, p. 54 à 60)

**Artigo:** Mãe tem desejos e vontades e é preciso respeitá-los na hora de comprar presente da autora Ana Clara Brant.

**Poema:** Mãe, desejos e vontades.

- Exemplos 03 de retextualização.

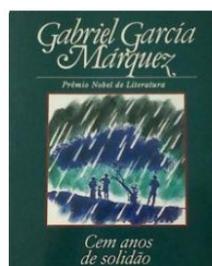
Contos e clássicos que foram retextualizados para histórias em quadrinhos.



Professor: faça um breve resumo das obras a fim de contextualizá-las. Mostre para os alunos os exemplos dos livros com os contos e os clássicos que foram retextualizados e compare-os com o texto original, a fim de mostrar os elementos que foram priorizados na retextualização de cada texto.

### Retextualização da obra - Cem anos de solidão

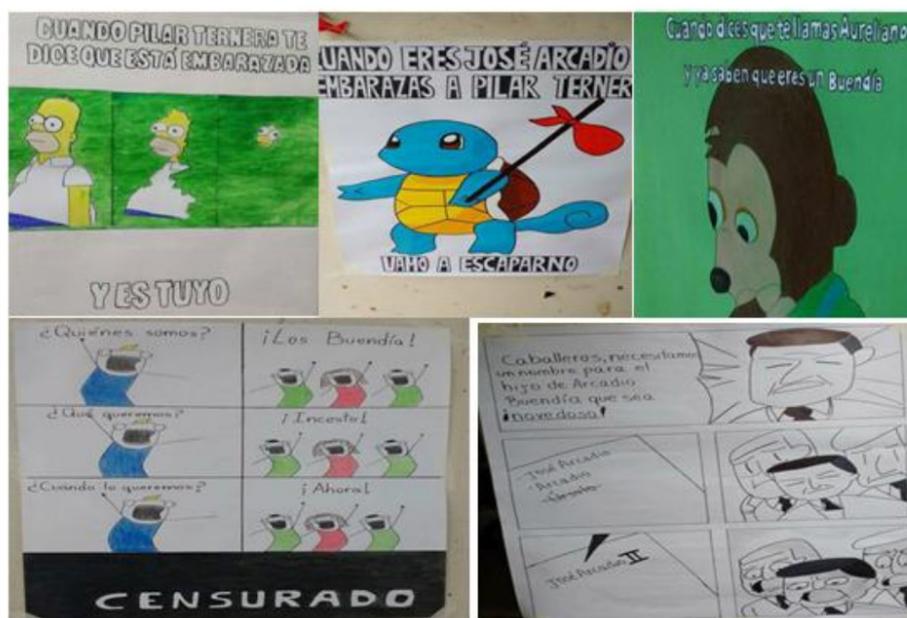
**Cem anos de Solidão** é a narração da história de Macondo, uma cidade (aldeia) fictícia cujo fundador era José Arcadio Buendía. Tudo começa quando as coisas não tinham nome, indo até a chegada do telefone. Utilizando recursos como o realismo mágico, o autor trabalha temas complexos, tais quais, revoluções, incesto, corrupção e até loucura.



Fonte: <https://www.infoescola.com/livros/cem-anos-de-solidao/>.

Realizar uma breve síntese sobre a obra e em seguida mostrar as atividades de retextualização que a professora chilena Jacqueline Bustamante (53 anos) propôs a seus alunos, do gênero romance para o gênero meme.

Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/18/cultura/1466244071\\_638548.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/18/cultura/1466244071_638548.html). Acesso em 20/10/2018



1ª etapa – 02 aulas

Após as análises dos exemplos de retextualizações responda:

1. As retextualizações analisadas dialogam com o texto motivador?

---

---

---

2. As ideias contidas no texto motivador foram simplesmente copiadas ou foram parafraseadas de acordo com o objetivo do texto retextualizado? Obs.: Paráfrase é o discurso que, com outras palavras, diz-se o que se entendeu a partir de um outro discurso; é como se fosse um resumo.

---

---

---

3. Que recursos foram usados, nas HQ's e nos memes, para além das palavras, para se parafrasear as informações dos textos motivadores, os quais têm somente palavras. Na sua resposta pense em nas diferentes cores usadas, nos gestos das personagens, nos traçados dos desenhos, etc.

---

---

---

---

---

---

2ª etapa – 01 aulas



## OFICINA 04 - RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO CRÔNICA PARA O GÊNERO MEME

A oficina 04 será a culminância do projeto de pesquisa

**Objetivo:** Produzir memes a partir da leitura e análise dos temas das crônicas trabalhadas na oficina 01.

**Habilidade:** Produzir textos (infográficos, fóruns de discussão on-line, fotorreportagens, campanhas publicitárias, memes, entre outros) sobre temas de interesse coletivo local ou global, que revelem posicionamento crítico.

Elaborar memes a partir da retextualização de crônicas.

**Material:**

**Tempo**

Lápis, papel, borracha, data show e computador. **03 aulas**

Os alunos terão acesso às crônicas trabalhadas na oficina 01 e será apresentada a proposta de retextualização do gênero crônica para o gênero meme. Dividir os alunos em quatro grupos. Cada grupo ficará responsável por produzir os memes relacionados à determinada crônica. Cada aluno do grupo fará um protótipo.

### Etapa - 01

- Reúna em grupo com seus colegas e discutam quais memes poderiam ser produzidos a partir das análises das crônicas da oficina 01. Façam um protótipo pensando não só na linguagem verbal como também nas imagens que serão utilizadas, a fim de que a intencionalidade comunicacional seja alcançada.
- Analise e discuta com o professor e seus colegas se os protótipos dos memes estão dialogando com a crônica em questão. Se necessário, faça as modificações pertinentes.
- Depois de analisar e definir as modificações necessárias é hora de produzir a versão final.

### Etapa - 02

Será ministrada uma aula interdisciplinar em parceria com a professora de Artes com técnicas de desenho.

### Etapa - 03

Levar os alunos ao laboratório de informática e apresentar o programa “Free meme generation” e [gerarmemes.com](http://gerarmemes.com) para que possam aprender a operar o programa e elaborar memes a partir dele.



Imagens Ilustrativas

## Produção Final:

Professor: Explique aos alunos que eles serão divididos em dois grupos de acordo com suas aptidões e habilidades.

- Retextualizações das crônicas para o gênero meme.

Professor: Os alunos que optarem pelo uso da tecnologia digital através do programa “Free meme generation” farão as atividades no laboratório de informática, o restante da turma que optou por fazê-lo manualmente, através do desenho, terá um espaço preparado, também, para produzi-los.

- Criar, de forma coletiva, um grupo no “WhatsApp” a fim de que os grupos divulguem e compartilhem suas criações com os demais alunos.
- Digitalizar os trabalhos manuais a fim de que as publicações destes também sejam possíveis.
- Produzir também um mural na escola, a fim de que a comunidade escolar que não tenha acesso às redes sociais, também possa ter acesso ao projeto.

Professor: Sugerimos que no mural sejam colocadas as crônicas que foram retextualizadas para o gênero meme.

- ❖ **Número aproximado de aulas que serão necessárias nas 04 oficinas, para que seja realizado o projeto de pesquisa: 22 aulas.**

## QUESTIONÁRIO FINAL

**Depois de ter participar das oficinas, responda:**

1) Qual é a diferença entre ler e interpretar um texto?

---

---

---

2) Você teve dificuldade em entender a crítica, ironia ou humor presente nas crônicas trabalhadas?

SIM  NÃO  UM POUCO

3) Você acredita que as atividades de retextualização utilizando-se do gênero meme, ajudaram a desenvolver suas habilidades de leitura?

SIM  NÃO  UM POUCO

4) Você gostou de conhecer melhor o gênero crônica?

SIM  NÃO  UM POUCO

5) As oficinas de leitura despertaram em você curiosidade de conhecer, pesquisar e ler outros textos desse mesmo gênero?

SIM  NÃO  UM POUCO

6) Você gostaria que o professor trouxesse mais textos desse gênero para sala de aula?

SIM  NÃO  UM POUCO

7) Defina de 0 a 10 o quanto as atividades do projeto de pesquisa “retextualização do gênero crônicas para o gênero meme”, ajudaram no seu desenvolvimento enquanto leitor?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

8) Defina de 0 a 10 o quanto as atividades do projeto de pesquisa “retextualização do gênero crônicas para o gênero meme”, despertaram em você a vontade de ler textos literários?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

## ANEXO I – CARTA DE ANUÊNCIA

	<p><b>Escola Estadual “Regina Pacis”</b> <b>Av. Profª Elza Bacelar, 410, Santana – Raul Soares/MG</b> <b>Tel.: (33) 3351-1165</b> <b>E-mail: <a href="mailto:escola.129313@educacao.mg.gov.br">escola.129313@educacao.mg.gov.br</a></b></p>
---	---

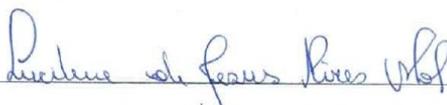
### CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Lucilene de Jesus Pires Mol, diretora da ESCOLA ESTADUAL “REGINA PACIS”, autorizo a realização, neste estabelecimento de ensino, da pesquisa intitulada: **Retextualização do gênero crônica para o gênero meme, a fim de ampliar os conhecimentos dos alunos sobre a inferência de informações implícitas**, desenvolvida pela professora **Jéssica Estevão Ribeiro** e sob responsabilidade do pesquisador Evaldo Balbino da Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Estamos cientes de que objetivo da pesquisa é desenvolver um projeto didático de gênero a partir da retextualização com foco em dois gêneros – o meme e a crônica, que retratem situações sociais diversas, de modo a favorecer nos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental o desenvolvimento de habilidades de estratégia de leitura inferencial contribuindo para a sua formação de leitor reflexivo.

A aceitação está condicionada ao cumprimento pela pesquisadora dos requisitos da Resolução 196/96 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais gerados exclusivamente para fins da pesquisa.

Raul Soares, 04 de Março de 2019.



Assinatura do diretor

*Lucilene de Jesus Pires Mol*  
Diretora - RUEL MG 31/12/2015  
MASP: 805.718-4



## ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A RETEXTUALIZAÇÃO DE CRÔNICAS PARA MEMES COMO ESTRATÉGIA DE INFERÊNCIA

**Pesquisador:** EVALDO BALBINO DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 10976119.5.0000.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.340.360

#### Apresentação do Projeto:

Com os adventos digitais, faz-se cada vez mais urgente a procura por práticas pedagógicas que busquem atrelar o ensino da língua portuguesa a práticas de letramento digital na perspectiva de despertar o interesse dos alunos pelas aulas de língua portuguesa e ampliar suas habilidades referentes à leitura. Este trabalho tem por objetivo investigar se atividades de retextualização, tendo como foco dois gêneros – a crônica e o meme - podem ampliar as habilidades referentes à leitura inferencial e desenvolver um projeto de ensino com os alunos do 9º ano do ensino fundamental II, na perspectiva de ampliar seus conhecimentos relativos à inferência de informações implícitas, de forma a contribuir para sua formação de leitor crítico e reflexivo. A pesquisa tem caráter qualitativo e será aplicada a alunos do ensino fundamental II de uma escola pública da Zona da Mata Mineira e, justifica-se por propor reflexões sobre uma habilidade de leitura essencial para a compreensão de todos os gêneros – a inferência. Além disso, busca associar o processo de ensino aprendizagem a um gênero muito utilizado pelos alunos – o meme, que será associado ao gênero crônica, visto que ambos exercem o papel de desenvolver no leitor uma visão de mundo crítica e reflexiva. Para a realização dos estudos, consideram-se as competências sugeridas pela Base Comum Curricular (BNCC), e o referencial teórico baseia-se em DELL'ISOLA (2007), BAKHTIN (1997), MARCUSCHI (2001), DOLZ (2004), DAWKINS (2007), CANDIDO (1992) e SÁ (2008).

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.340.360

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Elaborar um projeto de ensino com atividades de leitura e de retextualização do gênero crônica para o gênero meme, a fim de ampliar os conhecimentos dos alunos sobre a inferência de informações implícitas, além de publicar os memes produzidos na rede Instagram.

Objetivo Secundário:

- Ensinar, durante as atividades de leitura, a habilidade de inferir o humor, a crítica e a ironia em crônicas e memes;
- Selecionar as crônicas e os memes que serão utilizados no projeto didático; • Elaborar as oficinas que farão parte do projeto;
- Estimular a leitura de crônicas;
- Fornecer aos alunos os conhecimentos necessários para a utilização das estratégias de leitura e escrita;
- Verificar, a partir das produções dos memes, se os alunos ampliaram sua capacidade de realizar inferências;
- Criar um perfil no Instagram para compartilhar e publicar as retextualizações de gênero.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Sobre os riscos os/as proponentes afirmam que:

Estigmatização com a divulgação de informações; interferência na vida e na rotina dos sujeitos; risco relacionado à divulgação de imagens; constrangimento ou desconforto; risco de estresse com a realização das atividades.

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.340.360

Sobre os benefícios os/as proponentes afirmam que:

As atividades aqui propostas podem contribuir de forma significativa para a melhoria do ensino e da prática docente em sala de aula; ampliar as habilidades relativas à inferência de humor e crítica; motivar o interesse do docente para práticas de leituras de textos literários como crônicas; tornar as aulas de língua portuguesa mais atrativas, uma vez que, valoriza o gênero meme que, é utilizado amplamente pelos alunos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa de relevância social e acadêmica.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os documentos obrigatórios foram apresentados, a saber:

Informações Básicas do Projeto

Carta Resposta

Folha de Rosto

Projeto de Pesquisa

TCLE editada

TALE editada

Parecer Aprovado no Departamento

Carta de Anuência

Folha de rosto

**Recomendações:**

- Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Salvo melhor juízo, recomendamos a aprovação do projeto, por considerar que as respostas às diligências foram atendidas conforme documento de carta-resposta.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.340.360

desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1305561.pdf	14/05/2019 16:55:45		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	14/05/2019 16:53:42	EVALDO BALBINO DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_coep.pdf	14/05/2019 16:53:14	EVALDO BALBINO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_editada.pdf	14/05/2019 16:52:35	EVALDO BALBINO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_editada.pdf	14/05/2019 16:52:05	EVALDO BALBINO DA SILVA	Aceito
Outros	Parecer_coep.pdf	25/03/2019 18:33:41	EVALDO BALBINO DA SILVA	Aceito
Outros	Cartade_Anuencia.pdf	25/03/2019 18:31:40	EVALDO BALBINO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	25/03/2019 18:27:33	EVALDO BALBINO DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 22 de Maio de 2019

---

**Assinado por:**  
**Eliane Cristina de Freitas Rocha**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 3.340.360

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Página 05 de 05

ANEXO III- MEMES DA CRÔNICA “COMER O NOME, LER A COMIDA”



imgflip.com



# EU TENTANDO ENTENDER O PORQUÊ DO NOME

$A = \pi r^2$   
 $C = 2\pi r$

$V = \frac{1}{3} \pi r^2 h$

$V = \pi r^2 h$

	30°	45°	60°
sin	$\frac{1}{2}$	$\frac{\sqrt{2}}{2}$	$\frac{\sqrt{3}}{2}$
cos	$\frac{\sqrt{3}}{2}$	$\frac{\sqrt{2}}{2}$	$\frac{1}{2}$
tan	$\frac{\sqrt{3}}{3}$	1	$\sqrt{3}$

$\int \sin x dx = -\cos x + C$   
 $\int \frac{dx}{\cos^2 x} = \operatorname{tg} x + C$   
 $\int \operatorname{tg} x dx = -\ln|\cos x| + C$   
 $\int \frac{dx}{\sin x} = \ln\left|\frac{x}{2}\right| + C$   
 $\int \frac{dx}{a^2 + x^2} = \frac{1}{a} \operatorname{arctg} \frac{x}{a}$   
 $\int \frac{dx}{x} = \ln|x| + C$

$\tan(\theta)$

$ax^2 + bx + c = 0$   
 $a(x^2 + \frac{b}{a}x + \frac{c}{a}) = 0$   
 $x^2 + 2\frac{b}{2a}x + (\frac{b}{2a})^2 - (\frac{b}{2a})^2 + \frac{c}{a} = 0$   
 $(x + \frac{b}{2a})^2 - \frac{b^2 - 4ac}{4a^2} = 0$

## "CAJUZINHO" EM UM DOCE FEITO DE AMENDOIM

eu descobrindo que "nega  
maluca" é um bolo e não uma mulher louca



**PRA QUE SABER O NOME SE O QUE IMPORTA É COMER**



[imgflip.com](http://imgflip.com)



imgflip.com

JAKE-CLARK.TUMBLR



quando descobri que  
vaca atolada não é vaca  
com barro e sim uma comida



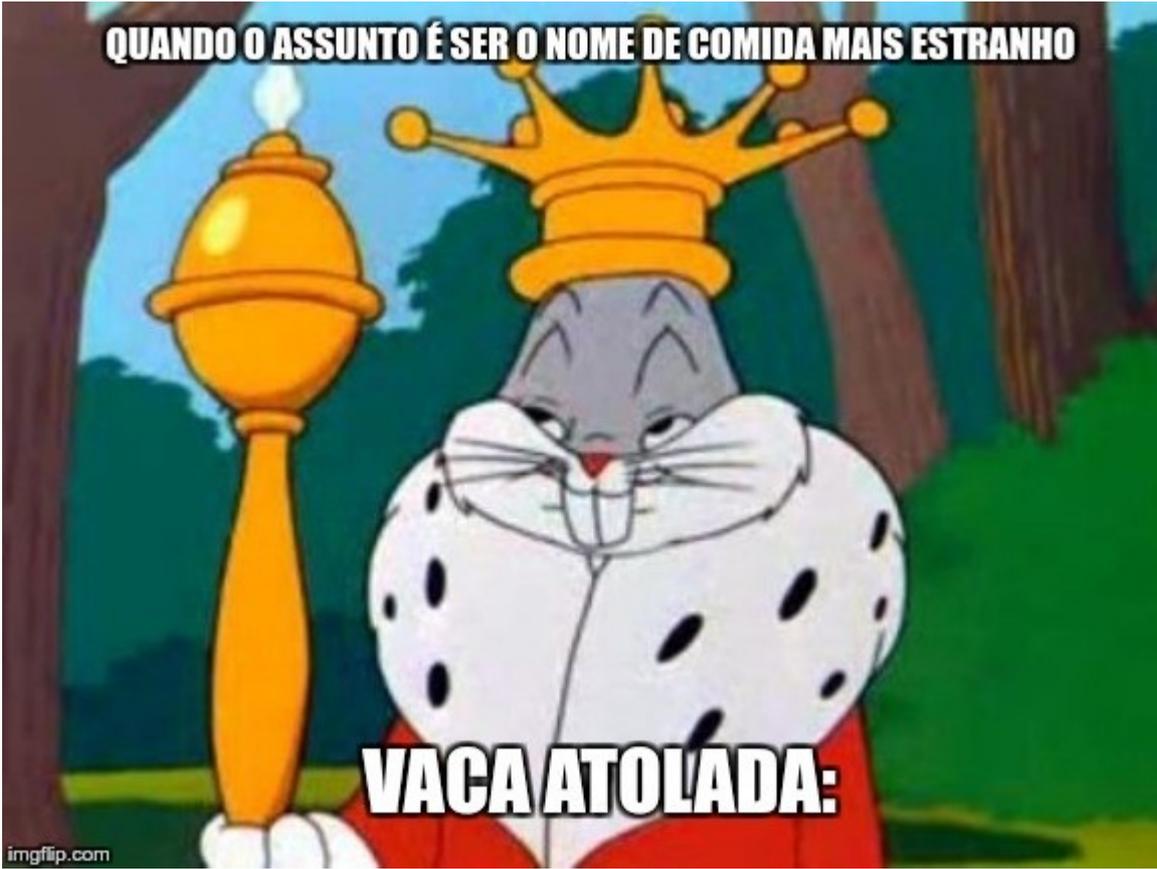
**QUANDO TE CHAMAM  
PRA COMER "MANÉ PELADO"**



[imgflip.com](http://imgflip.com)

**A VACA ATOLADA VENDO  
VCS FAZENDO MEME DELA**



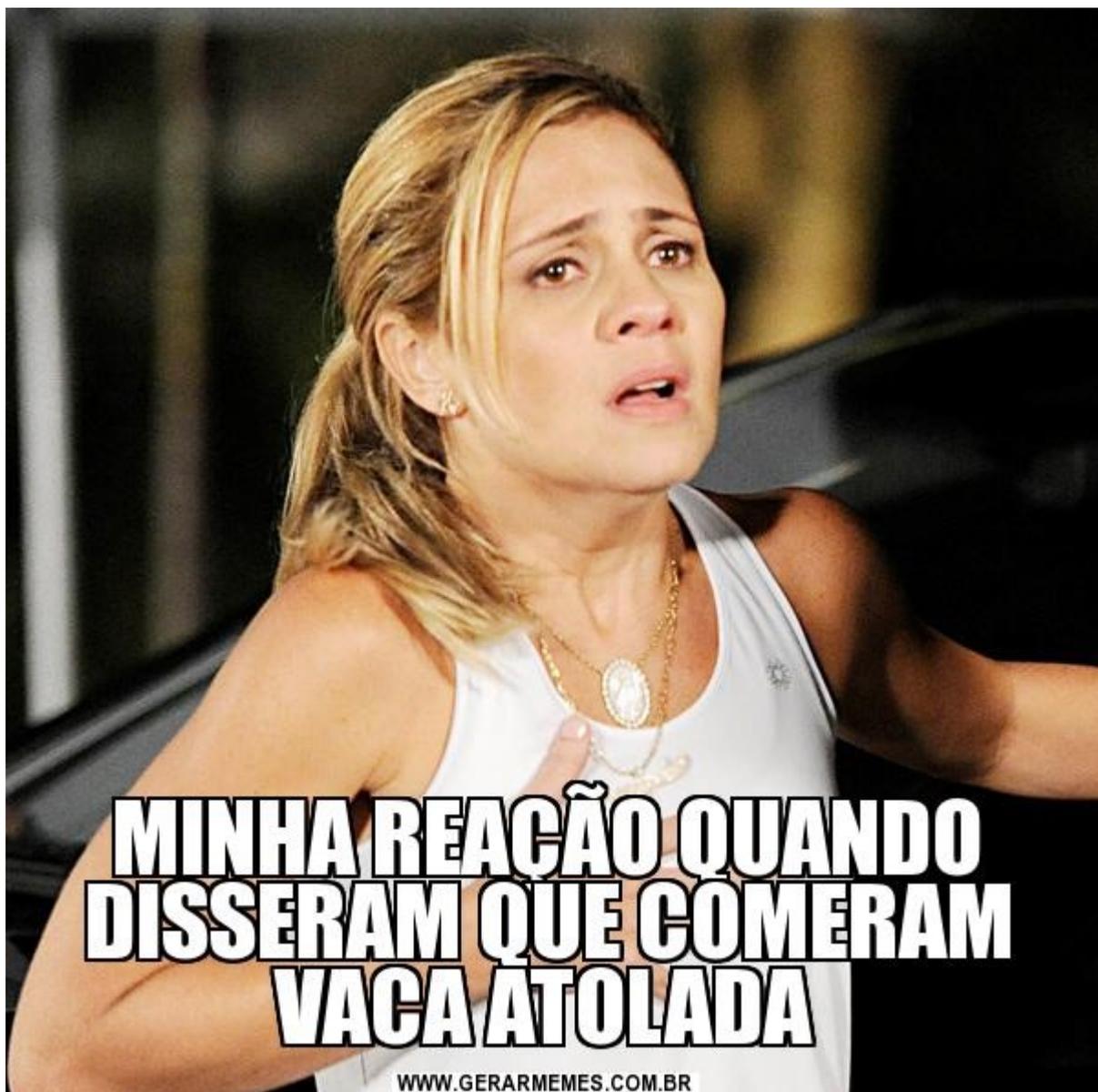


**Queria saber o quê se passa na  
cabeça de uma pessoa que coloca  
na comida o nome cueca virada...**



**No que será que a pessoa  
tava pensando?!**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



**QUANDO FALARAM QUE O  
NOME DO DOCE ERA QUEBRA  
QUEIXO**





polenta



angu



como assim???



comer pé de moleque

**NÃO VOU COMER SO PORQUE  
O NOME É PAMONHA**

**NII VII CIMIR SI PIRQII I NIMI  
I PIMINHI**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

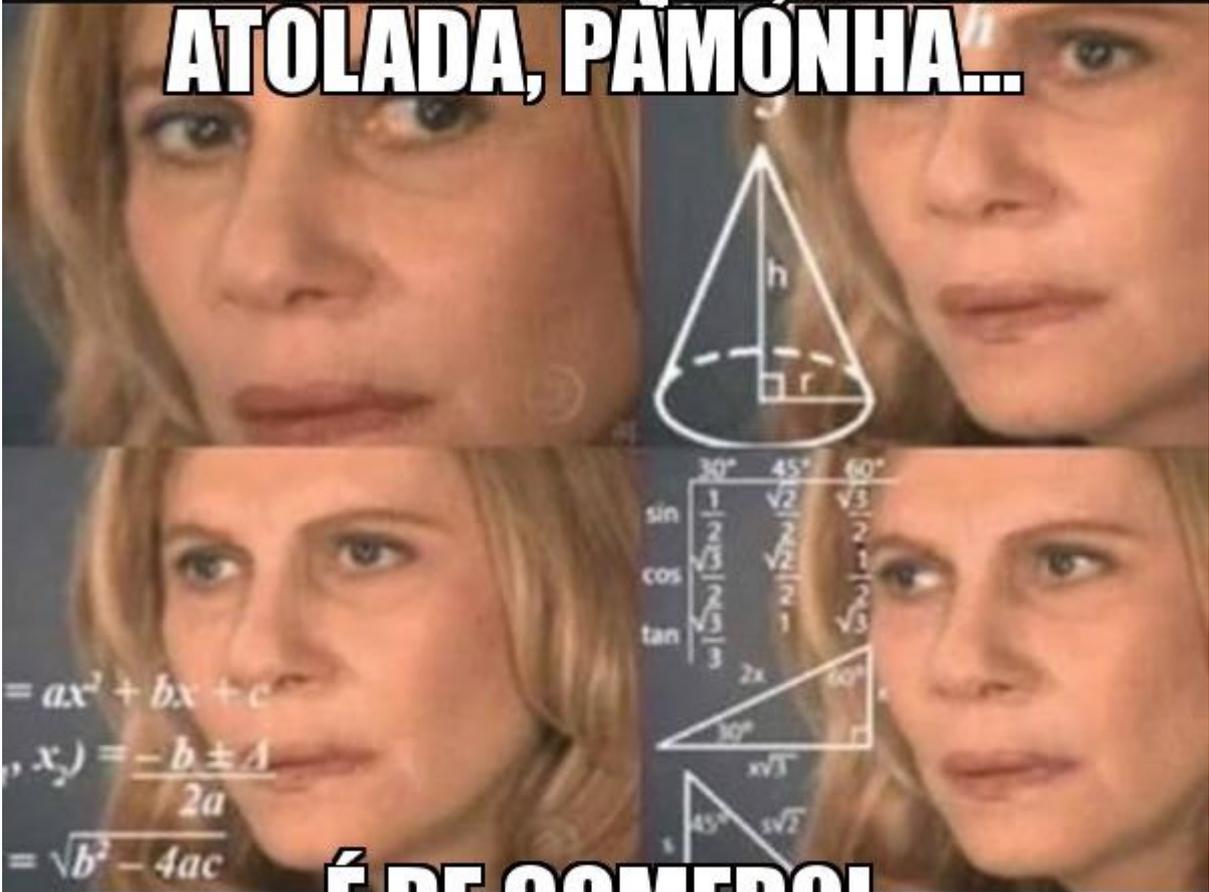


quando  
você escuta  
mané pelado



quando  
você experimenta  
mané pelado

**PÉ DE MOLEQUE, VACA  
ATOLADA, PAMONHA..**



**É DE COMER?!**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**O NOME DESSA COMIDA VAI SER...**



**MINHA CARA QUANDO**



**ME OFERECEM PÉ DE MOLEQUE**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



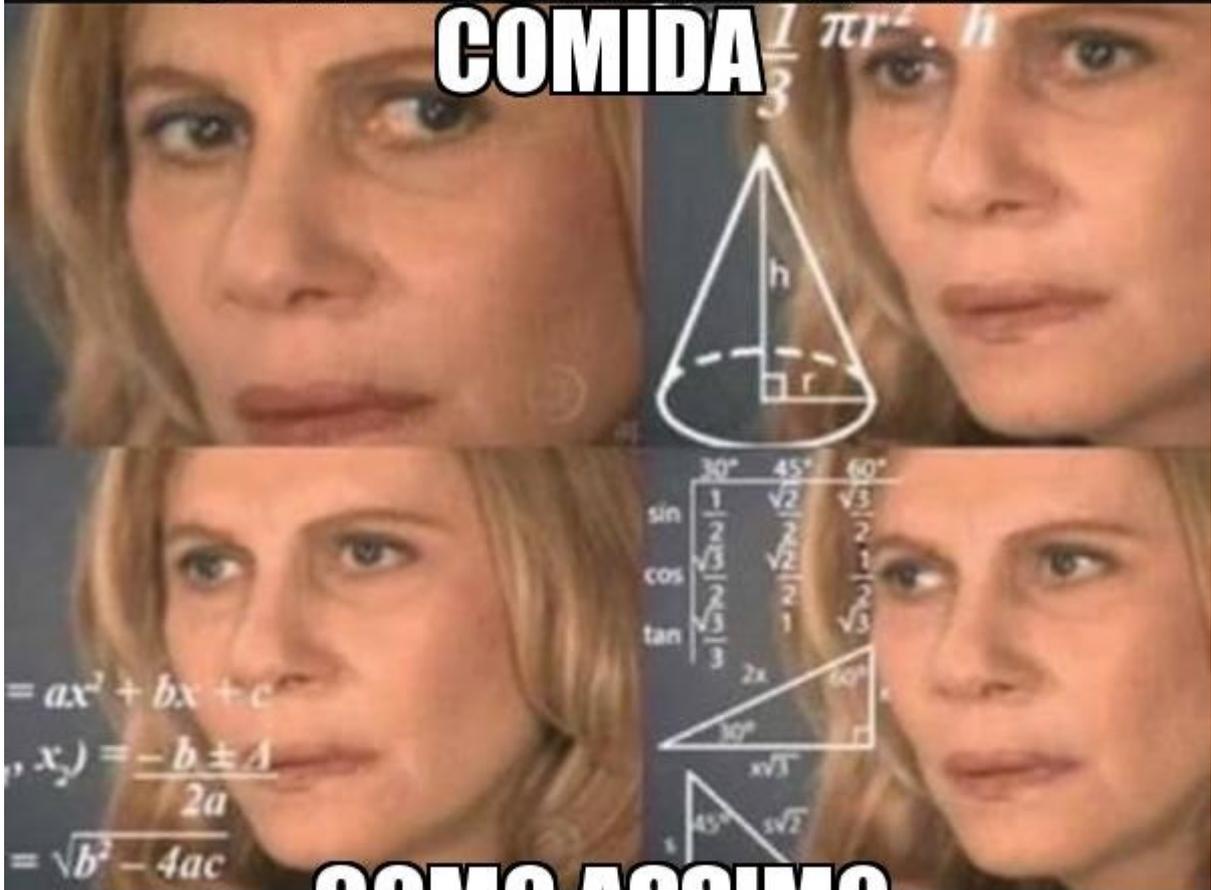
**QUANDO ABRO A GELADEIRA, PENSANDO  
QUE TEM SORVETÊ**



**QUANDO EU VEJO ,SÓ PÉ DE  
MOLEQUE**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**COMER O NOME LER A  
COMIDA**



**COMO ASSIM?**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**EIS QUE TE PERGUNTAM SE  
VOCÊ GOSTA DE CUECA VIRADA.**



**EU QUANDO LI A FRASE:**

**COMER O NOME, LER A  
COMIDA**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**MINHA CARA QUANDO**

**ME OFERECEM VACA  
ATOLADA**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**QUANDO ME CONTARAM QUE  
EXISTE UMA CRÔNICA  
CHAMADA: COMER O NOME, LER  
A COMIDA**

**LOGO ME VEIO NA CABEÇA SOPA DE LETRINHAS  
KKKK...**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**O QUE NÓS QUEREMOS**



**EU ESPERANDO ESSES MENINO  
NUTELA PARAR DE FRESCURA**



**DOIS MIL  
ANOS DEPOIS...**

**QUANDO ME FALAM QUE NA  
FESTINHA DE ANIVERSÁRIO  
VAI TER BICHO DE PÉ**



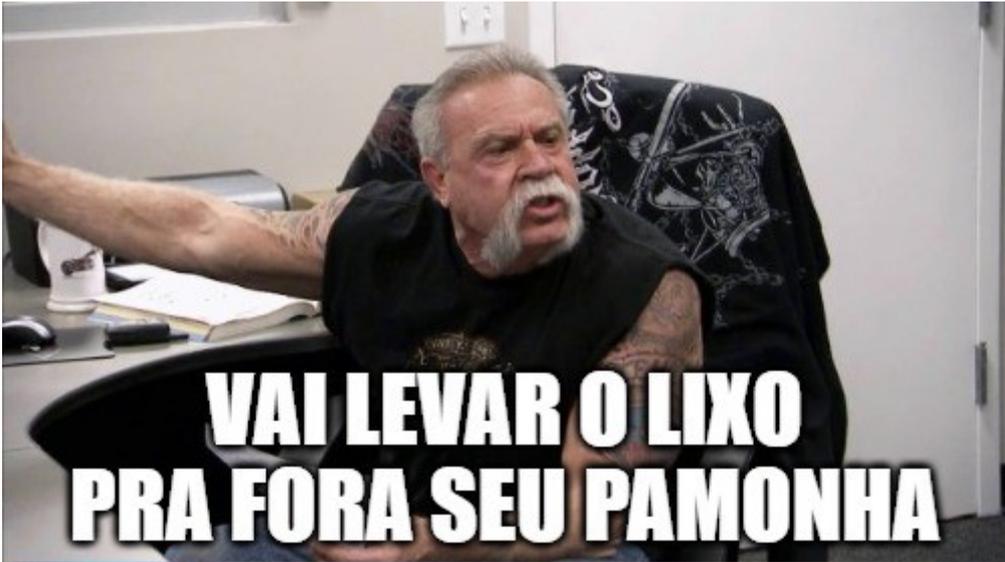
[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



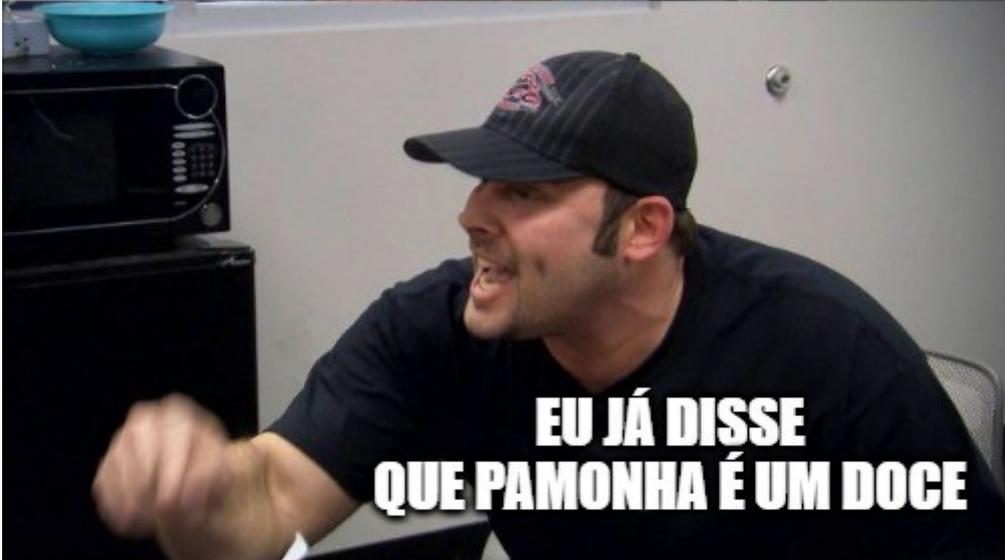
**EIS QUE SUA MÃE TE CHAMA  
PARA FAZER PÉ DE MOLEQUE**



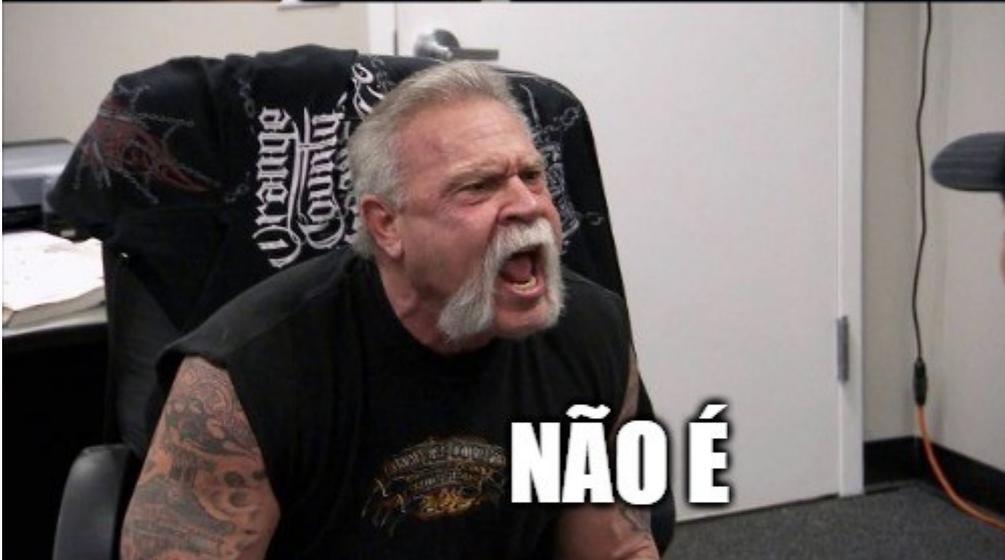
[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



**VAI LEVAR O LIXO  
PRA FORA SEU PAMONHA**



**EU JÁ DISSE  
QUE PAMONHA É UM DOCE**



**NÃO É**





**AIPIM**



**MANDIOCA**

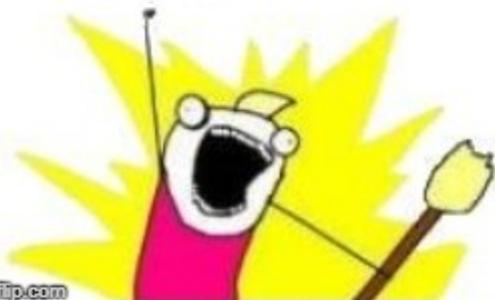
**O QUE SOMOS?**

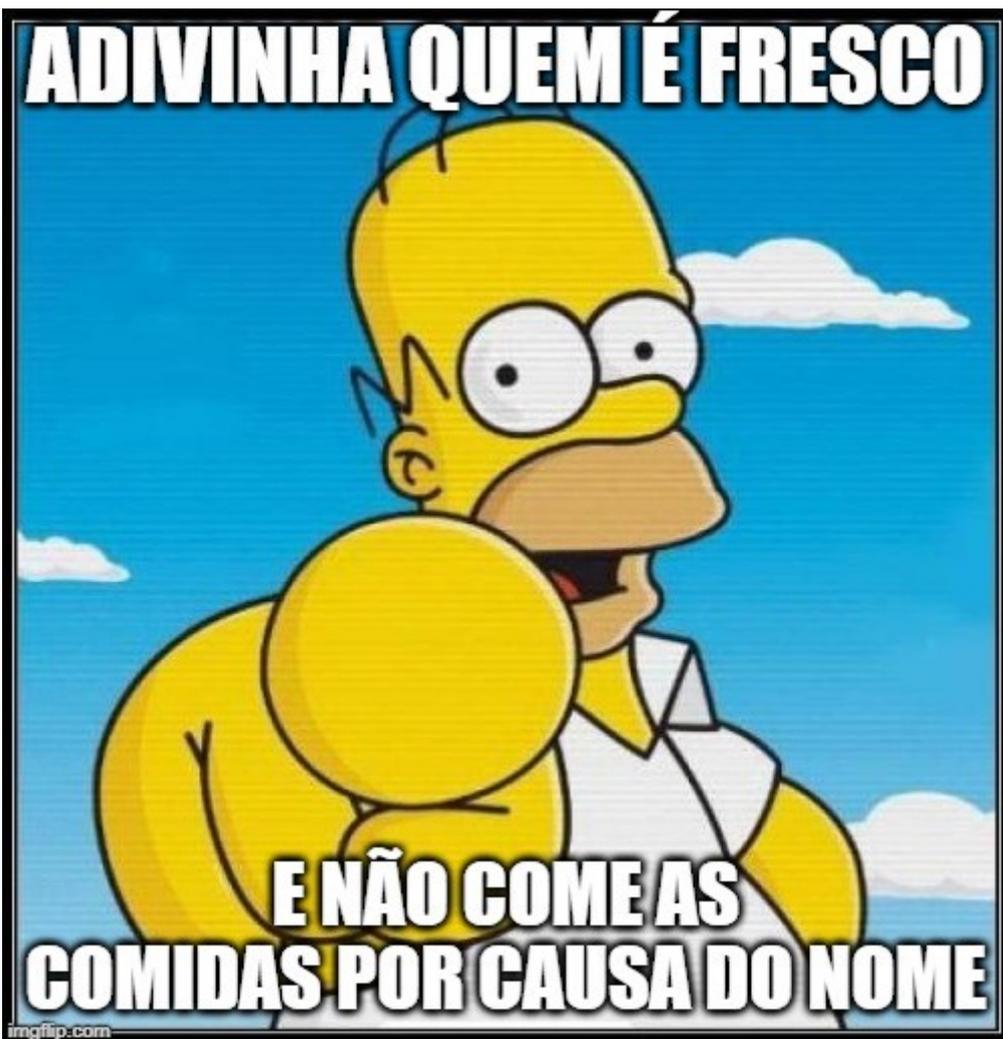
**CONSUMIDORES**



**E O QUE QUEREMOS?**

**MARIA MOLE**





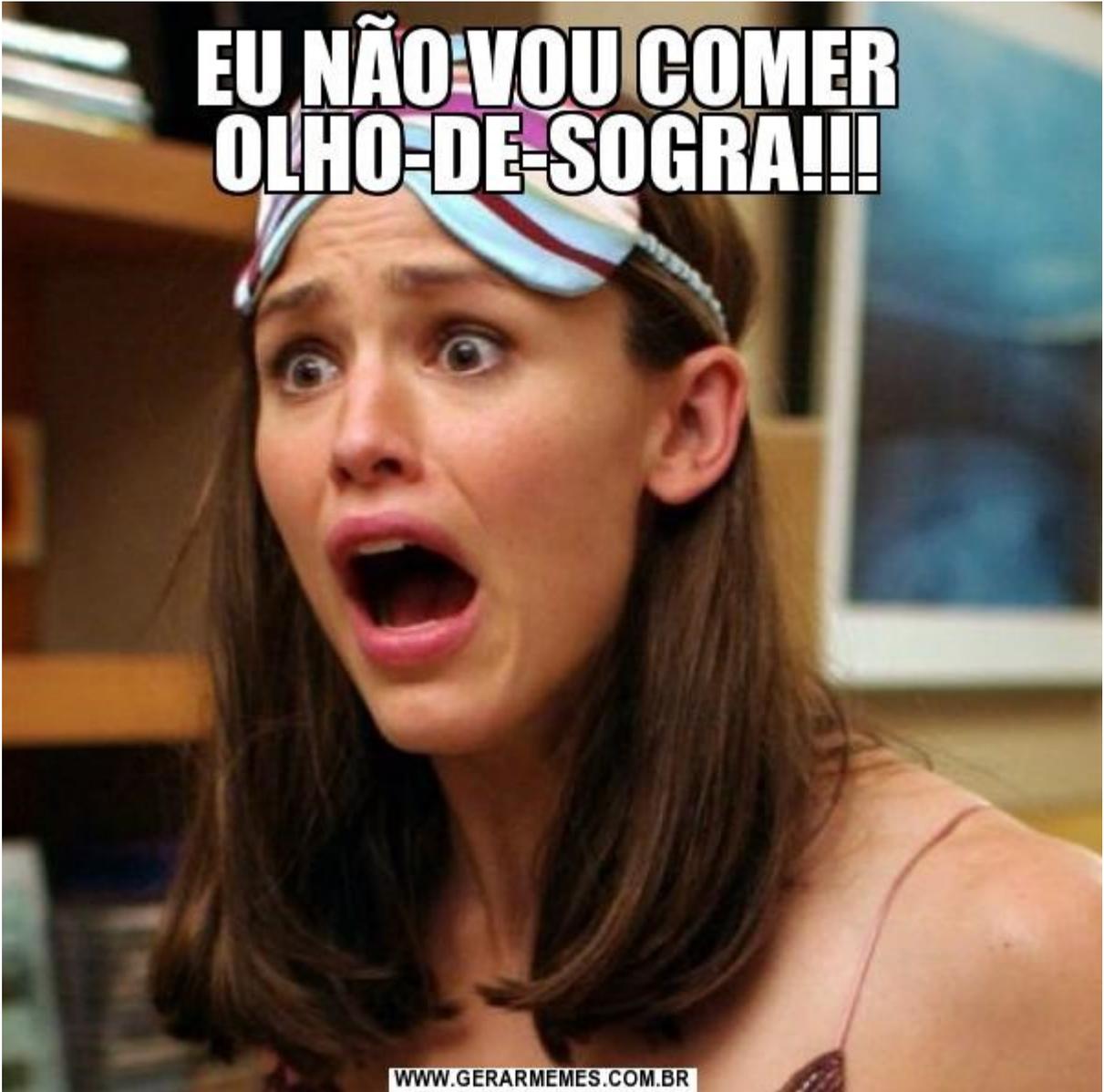
**EIS QUE TE PERGUNTAM**



**SE VOCÊ JÁ COMEU MANÉ  
PELADO**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

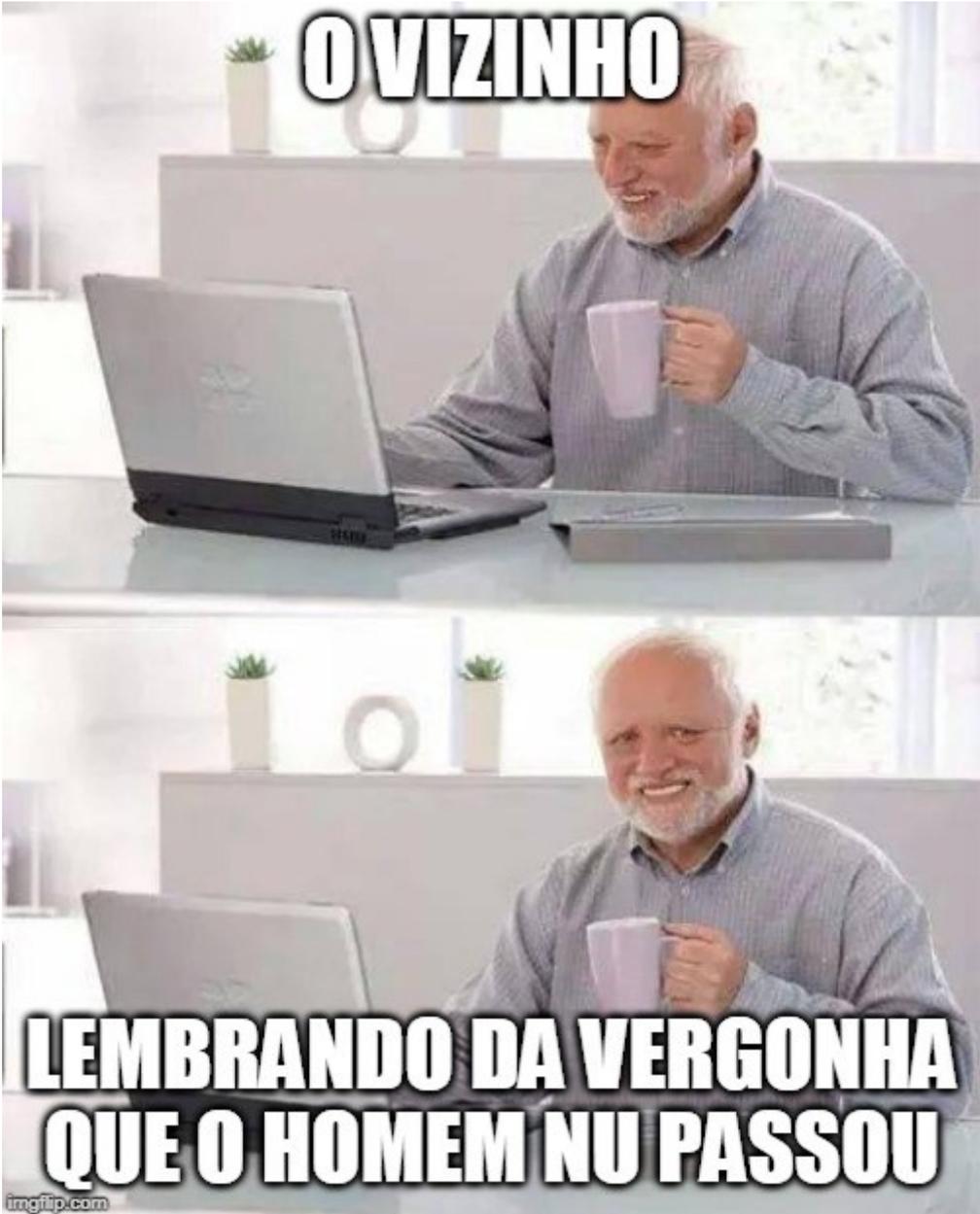
**EU NÃO VOU COMER  
OLHO-DE-SOGRA!!!**



[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

ANEXO IV- MEMES DA CRÔNICA “O HOMEM NU”





**ABRI A PORTA E VI  
UM HOMEM NU NO PRÉDIO**



**SERÁ QUE TEM  
PROTESTO HOJE?**

imgflip.com

**QUANDO VOCÊ VÊ UM  
HOMEM NU VAGANDO NO  
PRÉDIO**



[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



imgflip.com

JAKE-CLARK.TUMBLR

**A MULHER  
DENTRO DE CASA OUVINDO**



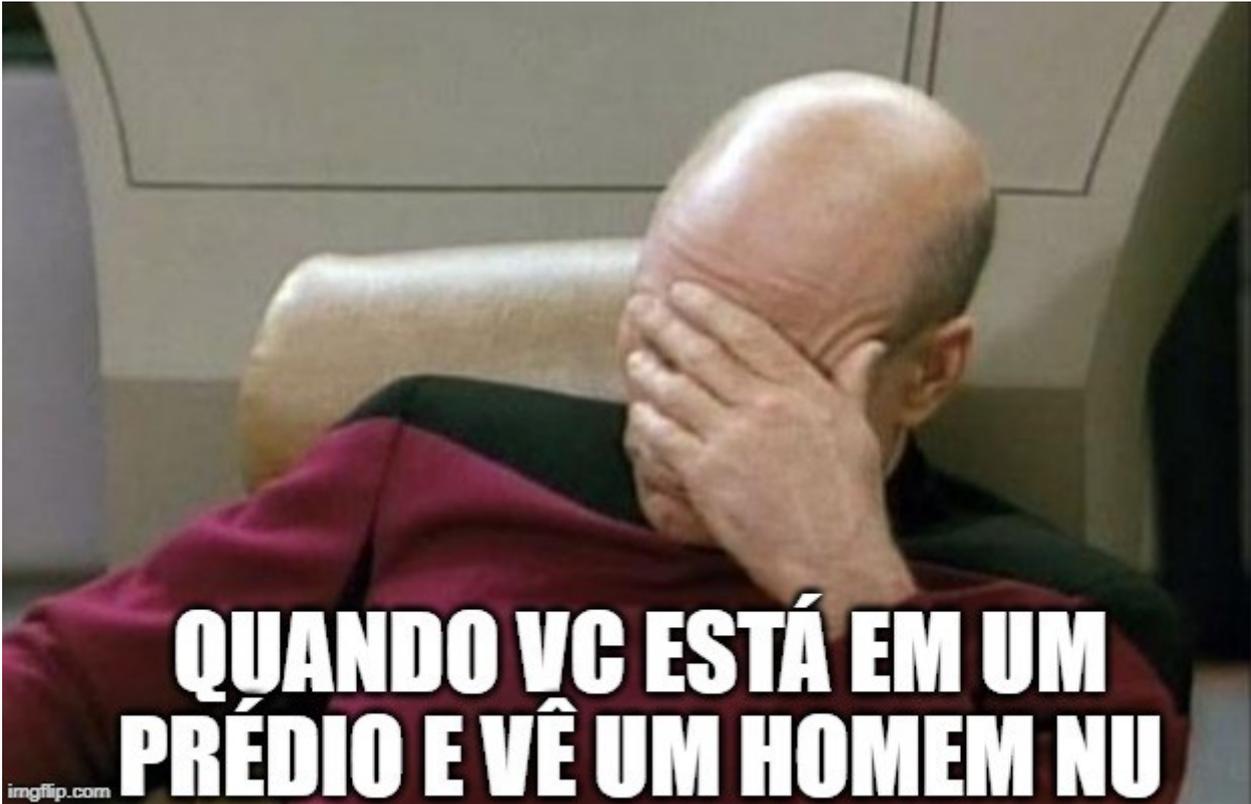
**A PORTA BATER  
ACHANDO QUE ERA O COBRADOR**

imgflip.com

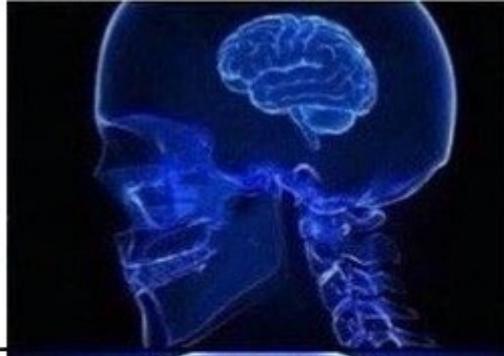
**REAÇÃO DA CRIANÇA AO VER O HOMEM NU**



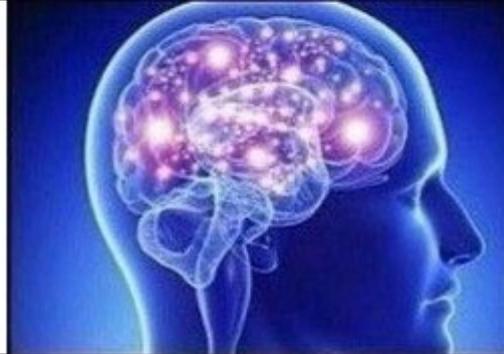
imgflip.com



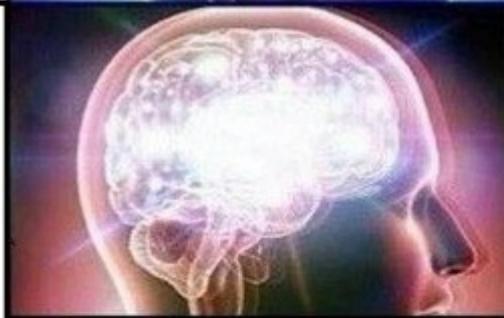
**ESPERAR  
A MULHER  
TOMAR BANHO**



**IR PEGAR  
O PÃO DO LADO  
DE FORA  
ENROLADO NA TOALHA**



**IR NU**

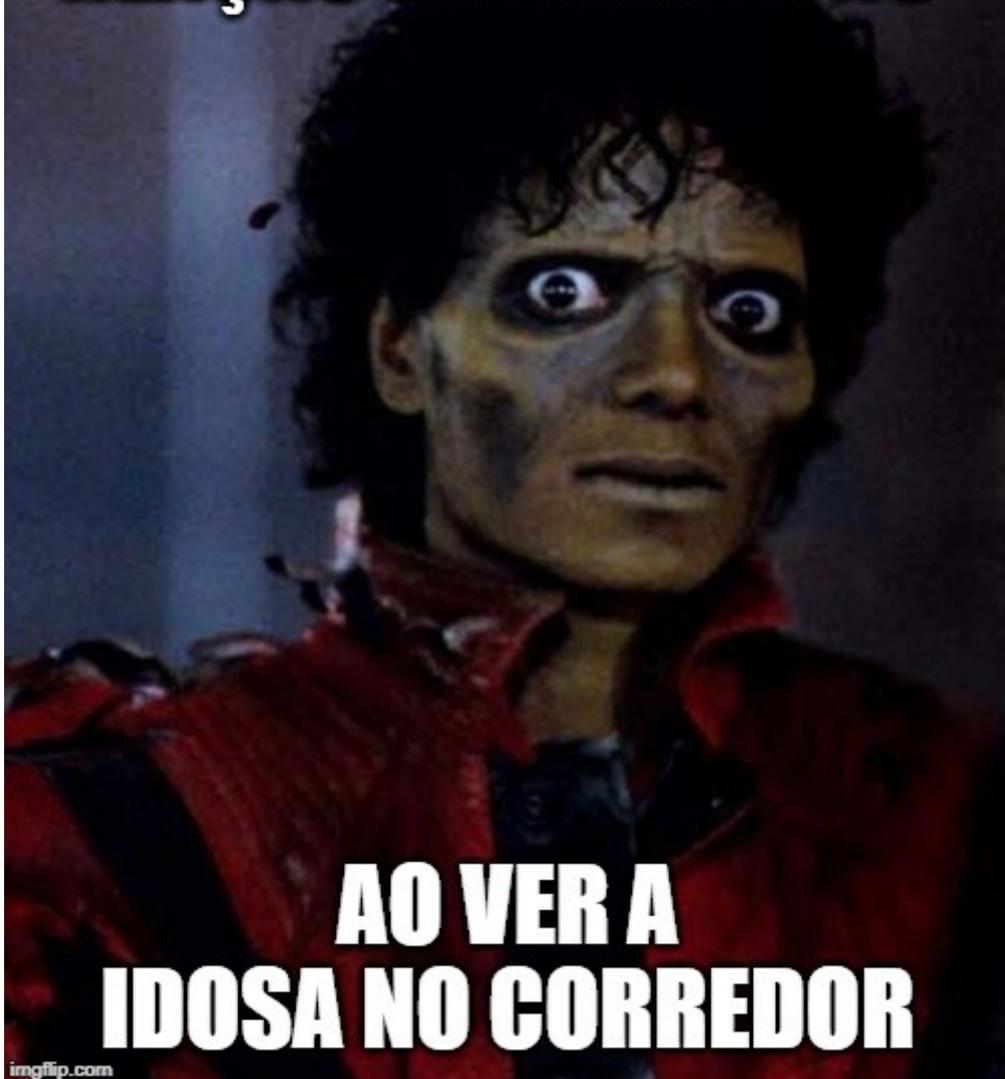


**FICAR  
PRESO DO  
LADO DE FORA**



[imgflip.com](http://imgflip.com)

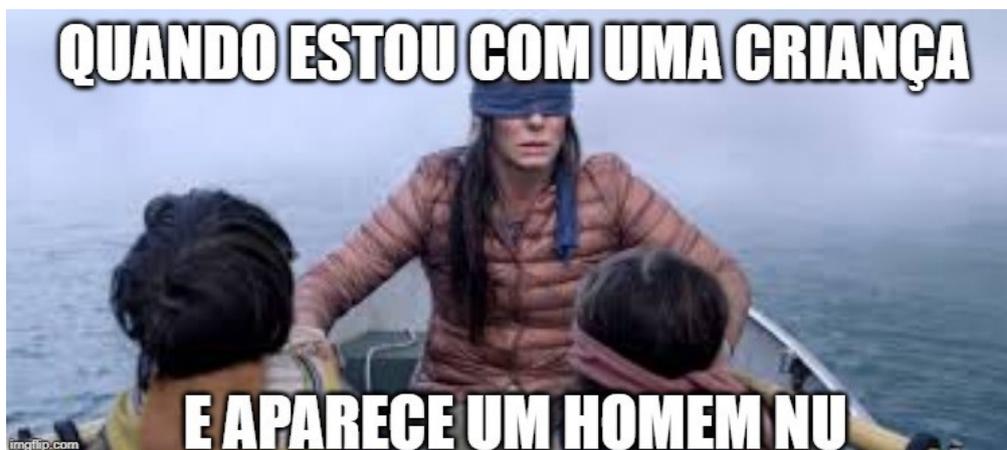
**REAÇÃO DO HOMEM NU**

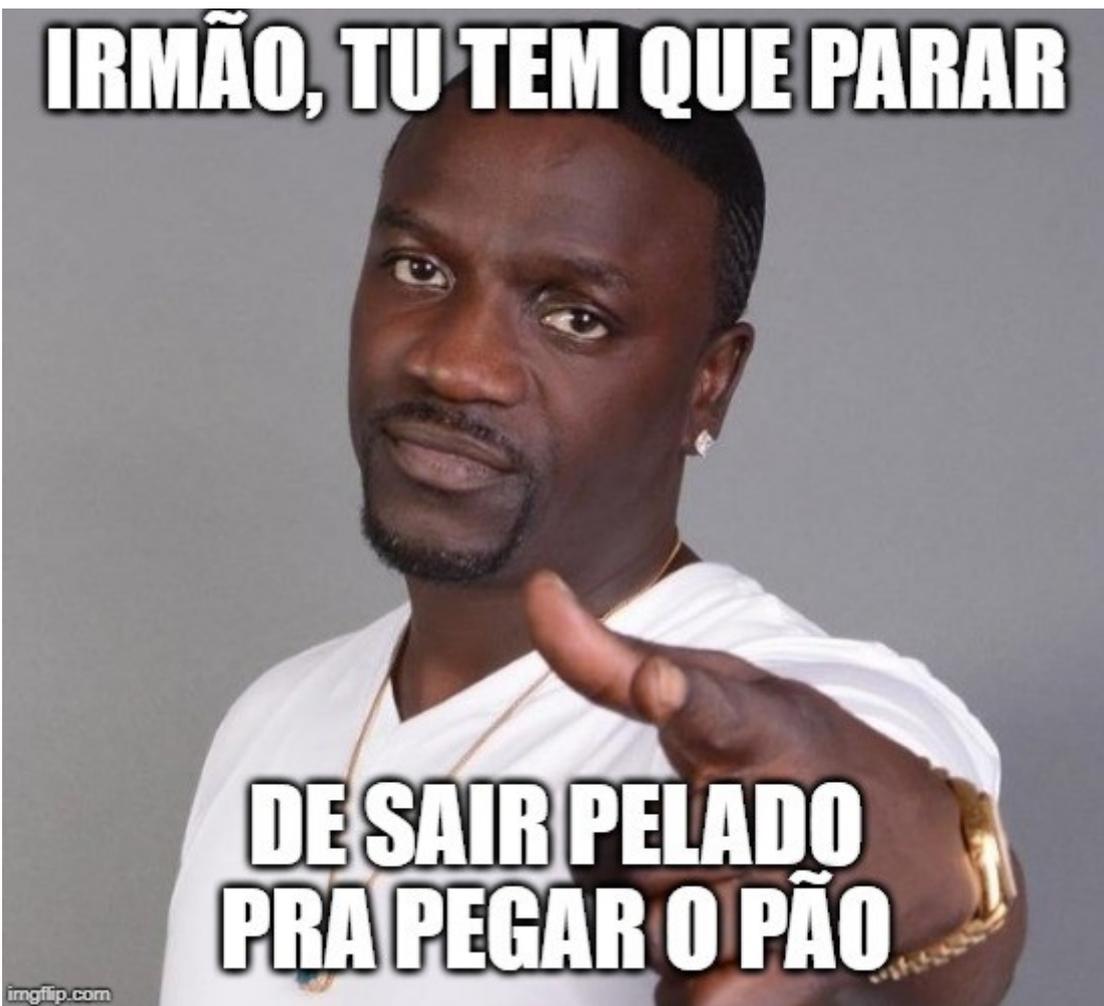


**AO VER A  
IDOSA NO CORREDOR**

imgflip.com

Reação das pessoas que viram o homem nu pelas câmeras de segurança

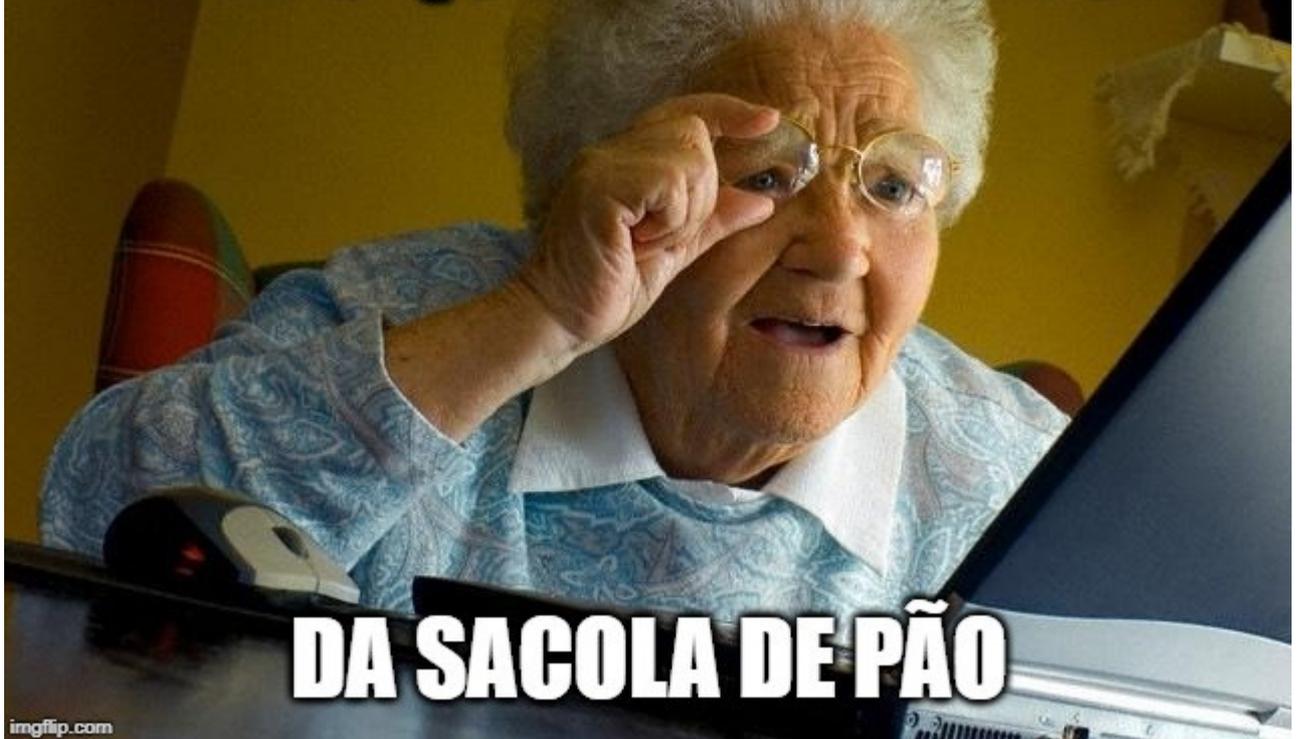




**A SENHORA DENTRO DE  
CASA PENSANDO NO HOMEM NU**

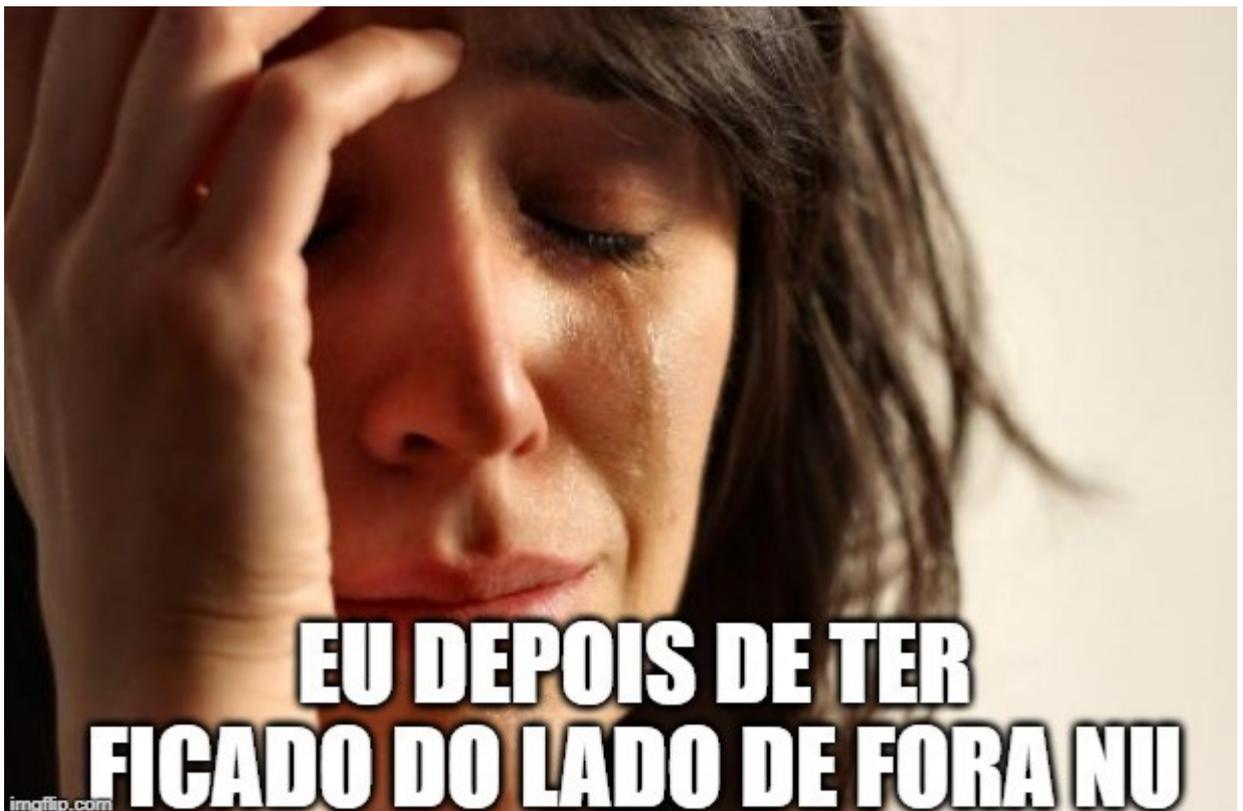


**A IDOSA TENTANDO  
VER O QUE ESTAVA ATRÁS**



**DA SACOLA DE PÃO**

imgflip.com



**EU DEPOIS DE TER  
FICADO DO LADO DE FORA NU**

imgflip.com



**A CARA DO HOMEM**



**QUANDO A PORTA BATEU  
COM ELE NU DO LADO DE FORA**

imgflip.com

**EIS QUE A PESSOA BATE NA  
PORTA DO SEU  
APARTAMENTO**

**E QUANDO VOCÊ VAI VER ELE  
ESTÁ NU**

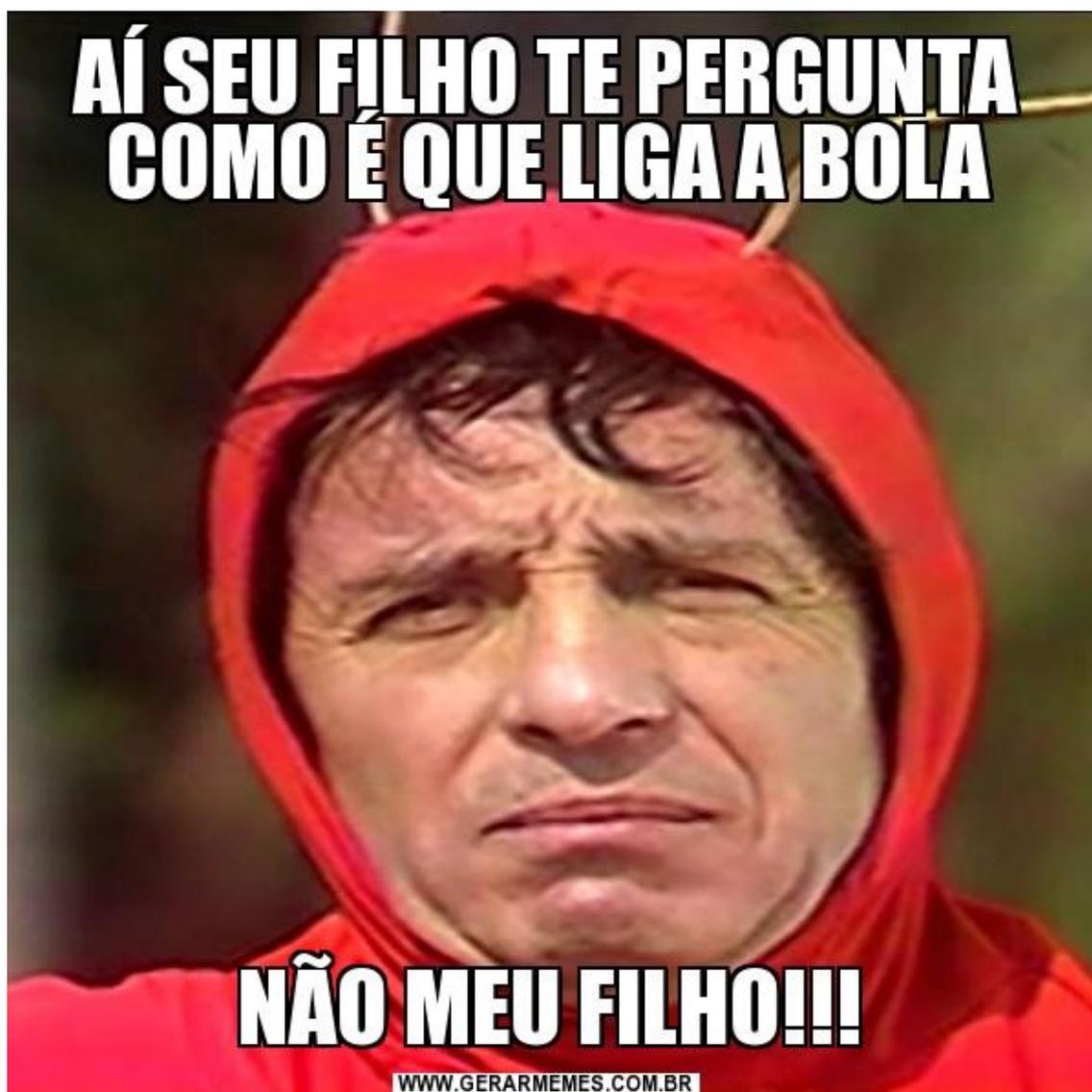
[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**QUANDO VOU TOMAR BANHO**

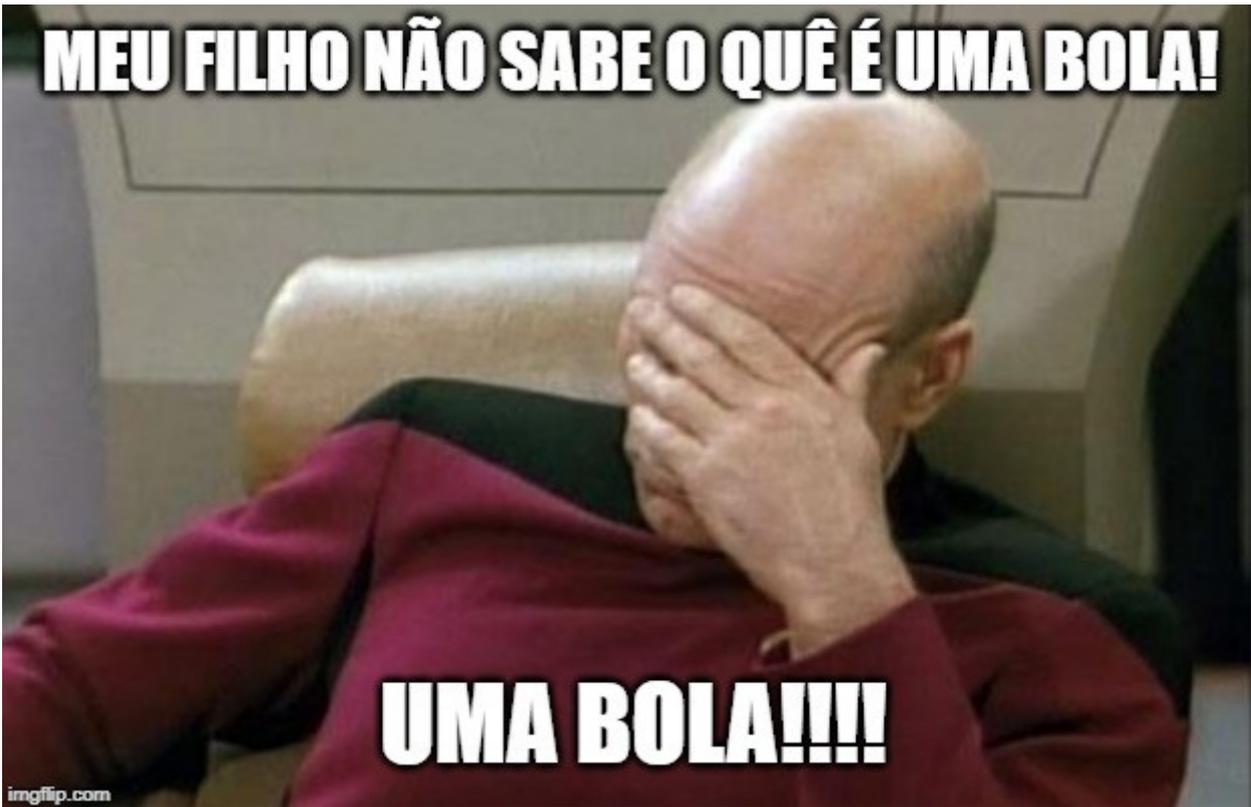
**E ESCUTO ALGUÉM ME  
CHAMAR**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

ANEXO V – MEMES DA CRÔNICA “A BOLA”





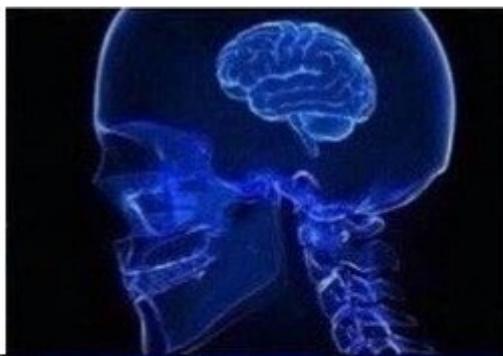


**EIS Q VC DA UMA BOLA PRO  
SEU FILHO**

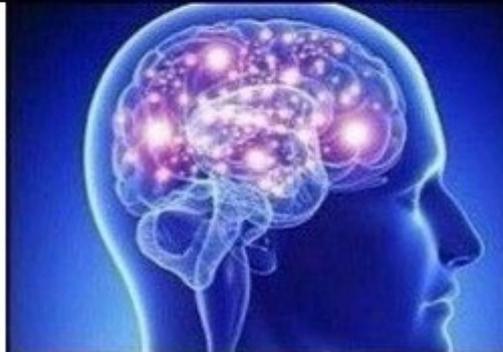
**E ELE PERGUNTA ONDE LIGA**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**PIÃO**



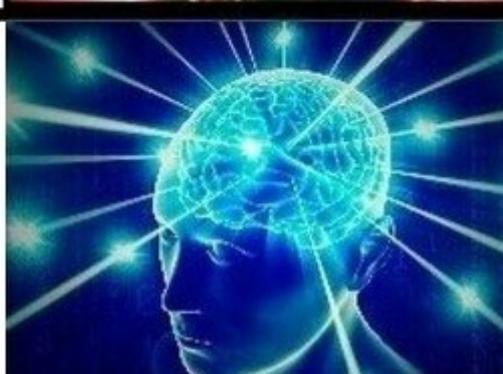
**EMPINAR  
PIPA**



**BOLA**



**VÍDEO  
GAME**



[imgflip.com](http://imgflip.com)





bola



vídeo  
game





**AÍ VOCÊ GANHA UMA  
BOLA EM PLENO SECULO XXI**



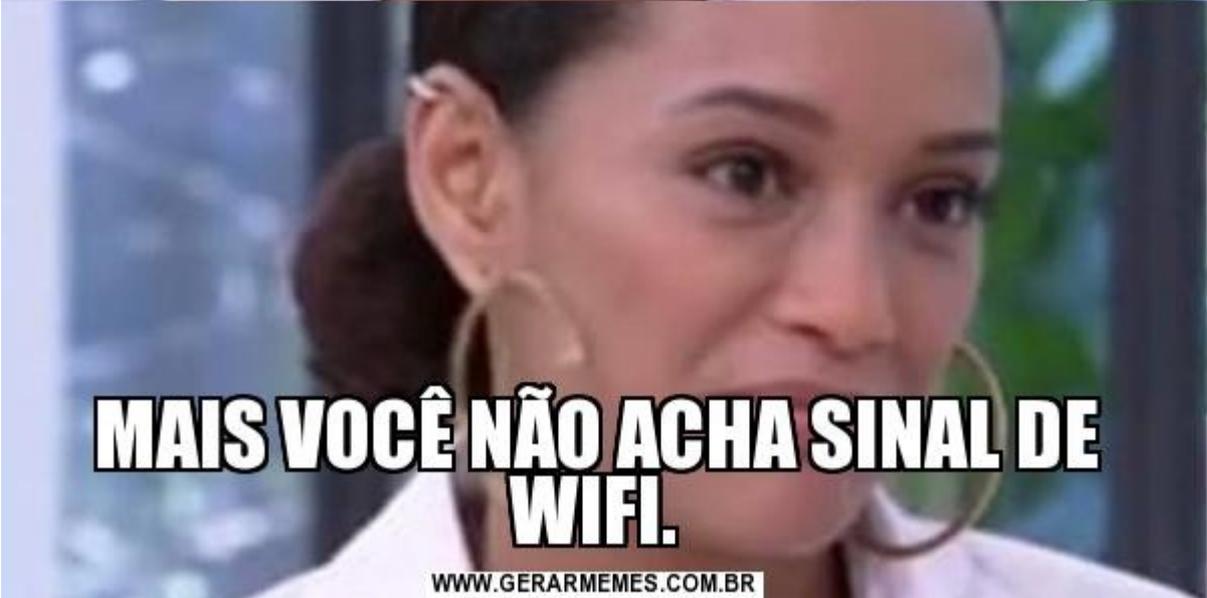
**A QUE PONTO CHEGAMOS**

[imgflip.com](http://imgflip.com)





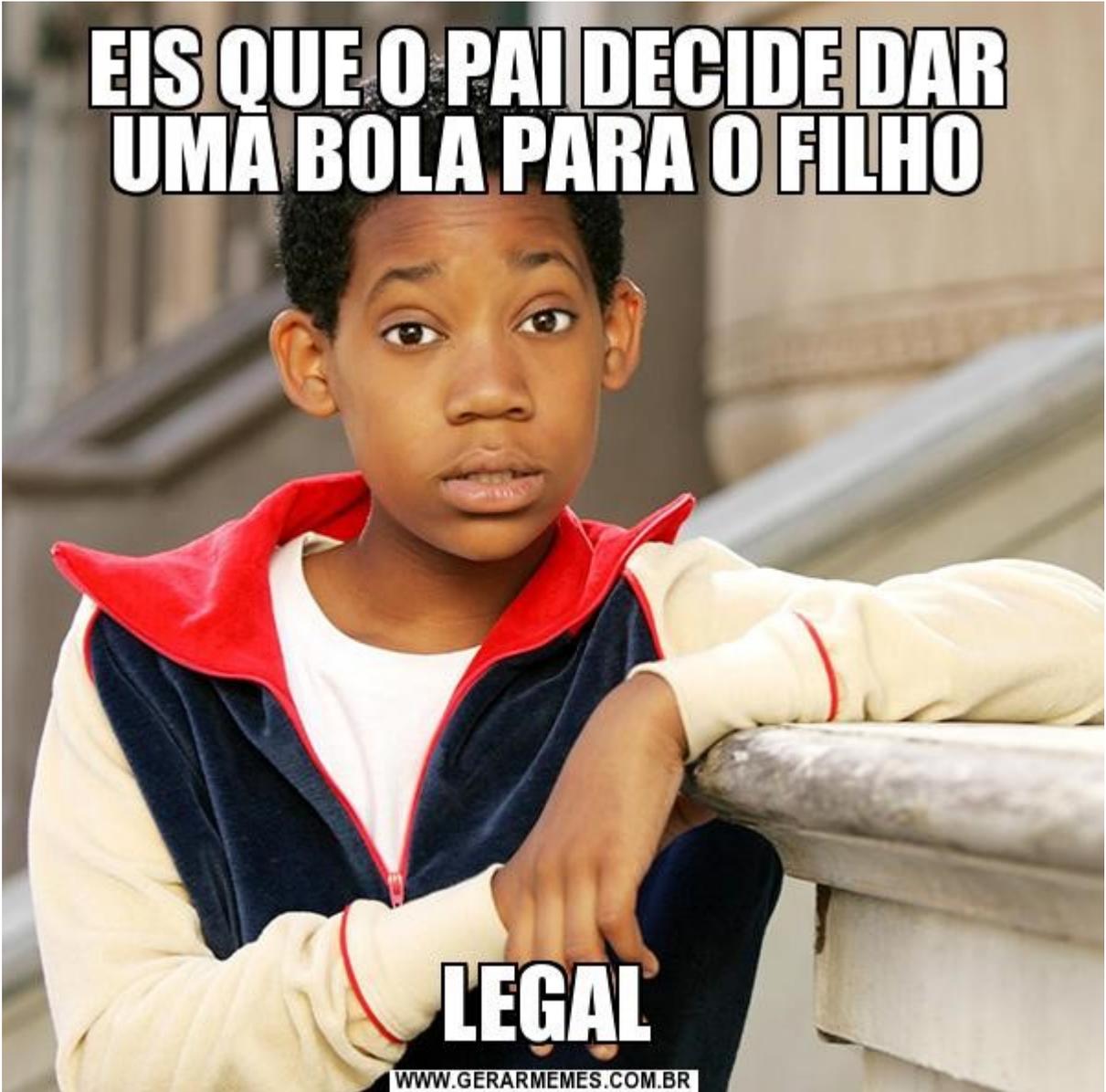
**EIS QUE SEU PAI TE DA UMA  
BOLA!!**



**MAIS VOCÊ NÃO ACHA SINAL DE  
WIFI.**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**EIS QUE O PAI DECIDE DAR  
UMA BOLA PARA O FILHO**



**LEGAL**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**LIGAR A BOLA???**

**VOU TE METER A  
PORRADA MOLEQUE**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**© QUE SOMOS?**



**ADOLESCENTES DO  
SÉCULO XXI !**



**© QUE QUEREMOS?**



**BOLA COM WI-FI !**



imgflip.com





ANEXO VI - MEMES DA CRÔNICA “PÁGINA POLICIAL”



**MINHA CARA QUANDO**

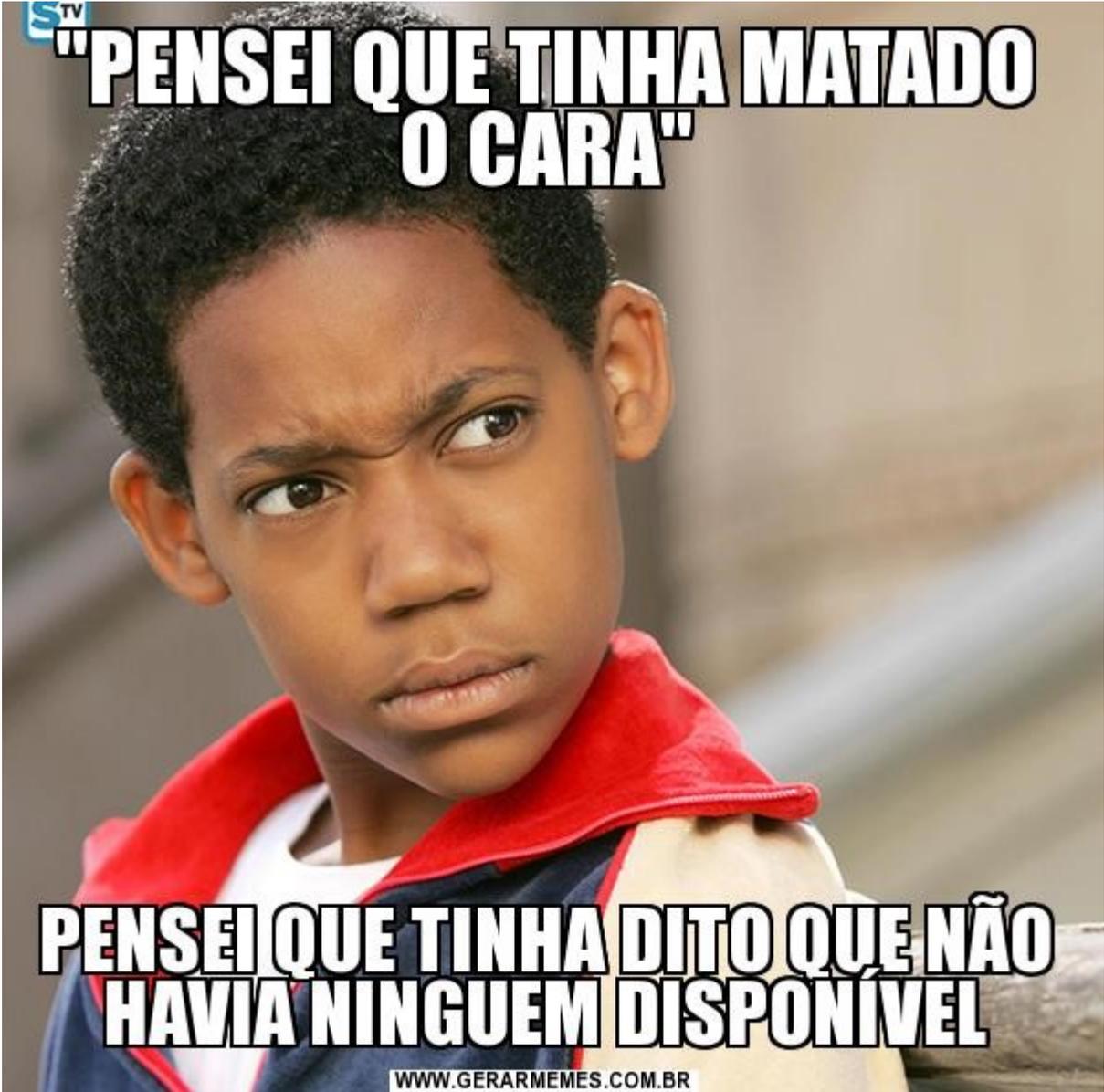
**VI AQUELE MONTE DE GENTE  
CHEGANDO NA MINHA CASA  
DEPOIS DE TER DITO QUE MATEI O  
LADRÃO**

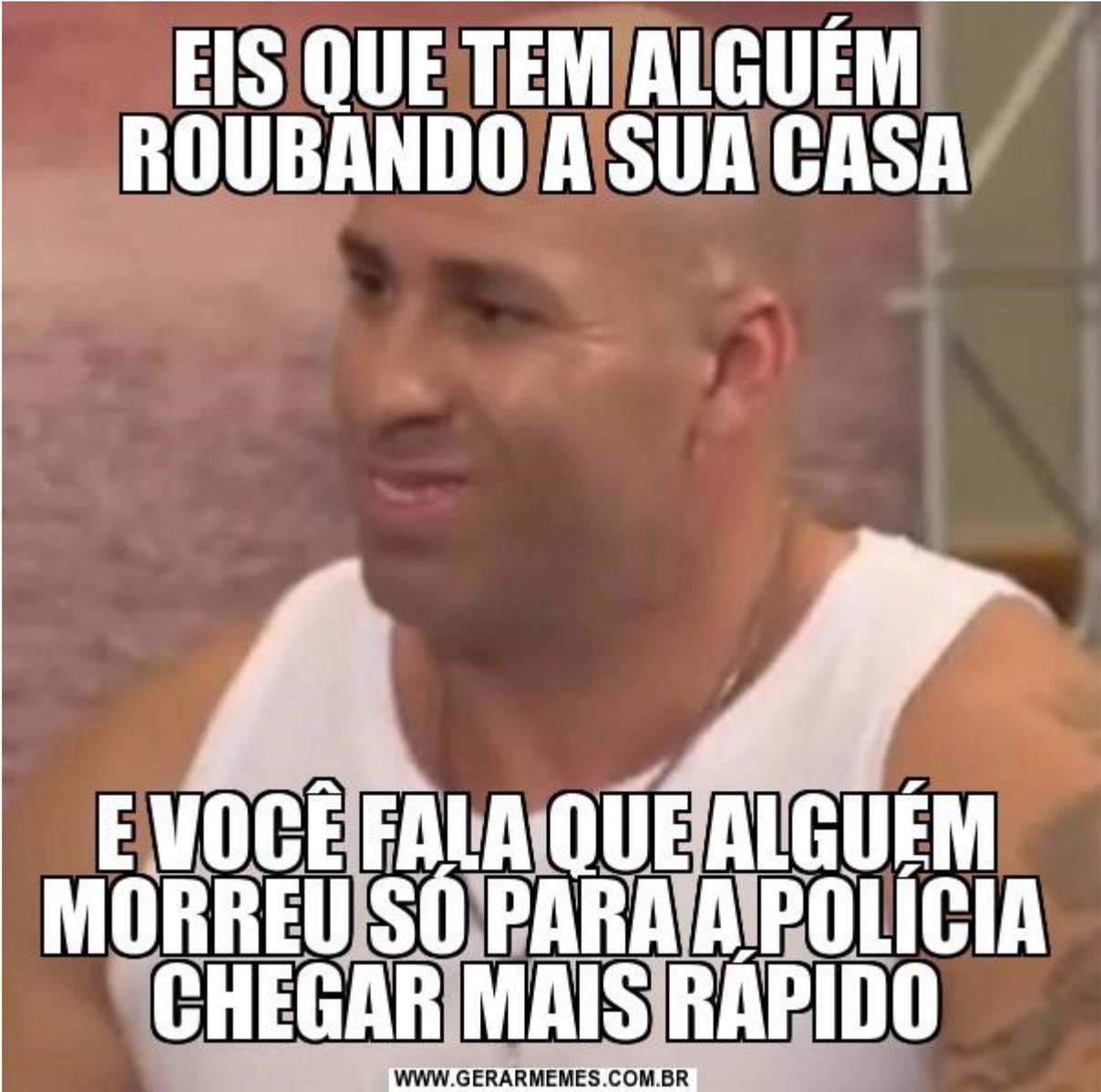
[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**PRIMEIRO NÃO VEIO NINGUÉM**

**AGORA TEM ATÉ A TURMA DOS  
DIREITOS HUMANOS**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)





**EIS QUE TEM ALGUÉM  
ROUBANDO A SUA CASA**

**E VOCÊ FAÇA QUE ALGUÉM  
MORREU SÓ PARA A POLÍCIA  
CHEGAR MAIS RÁPIDO**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)





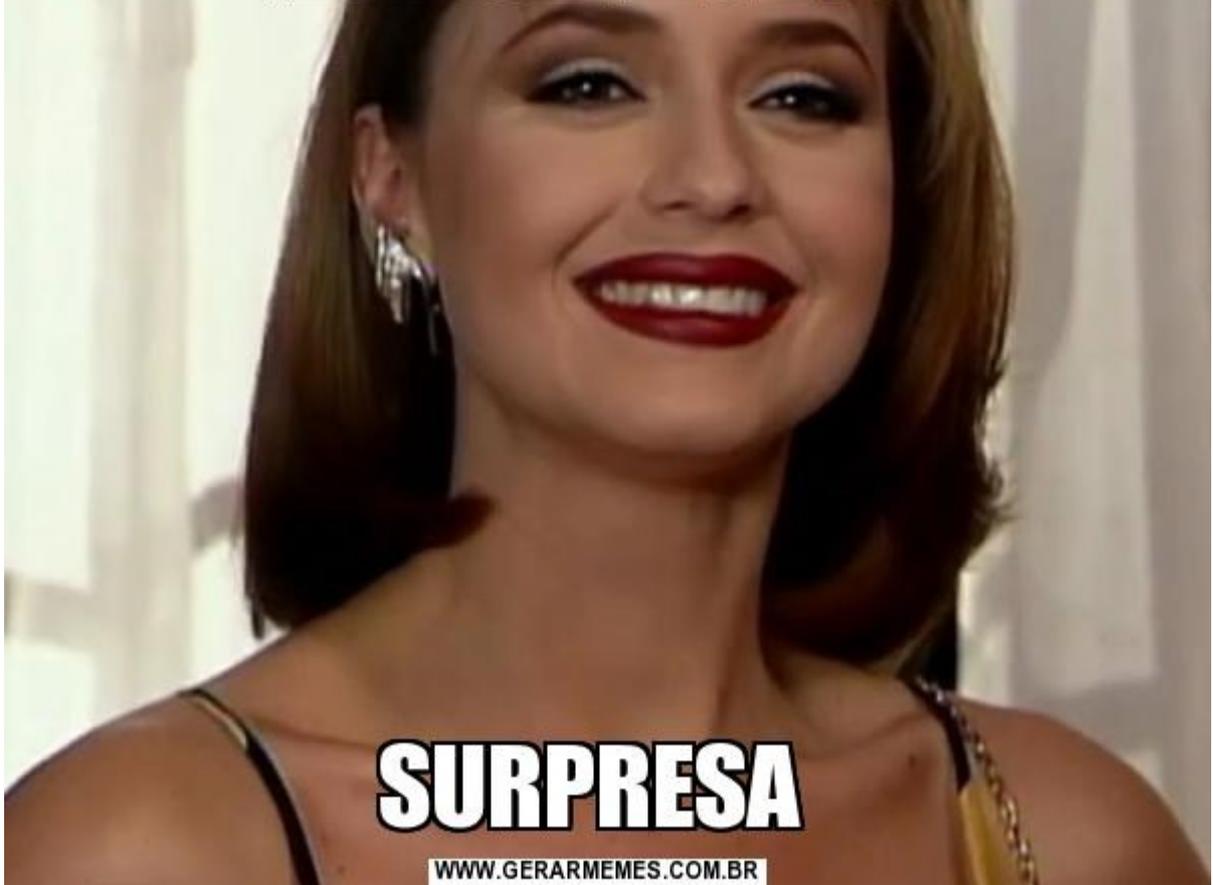
**ESSA É A MINHA CARA**

**QUANDO ALGUÉM CHEGA LÁ EM  
CASA PRA ASSALTAR**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



**MINHA CARA QUANDO O  
POLICIAL CHEGA E NÃO TEM  
NENHUM MORTO**



**SURPRESA**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

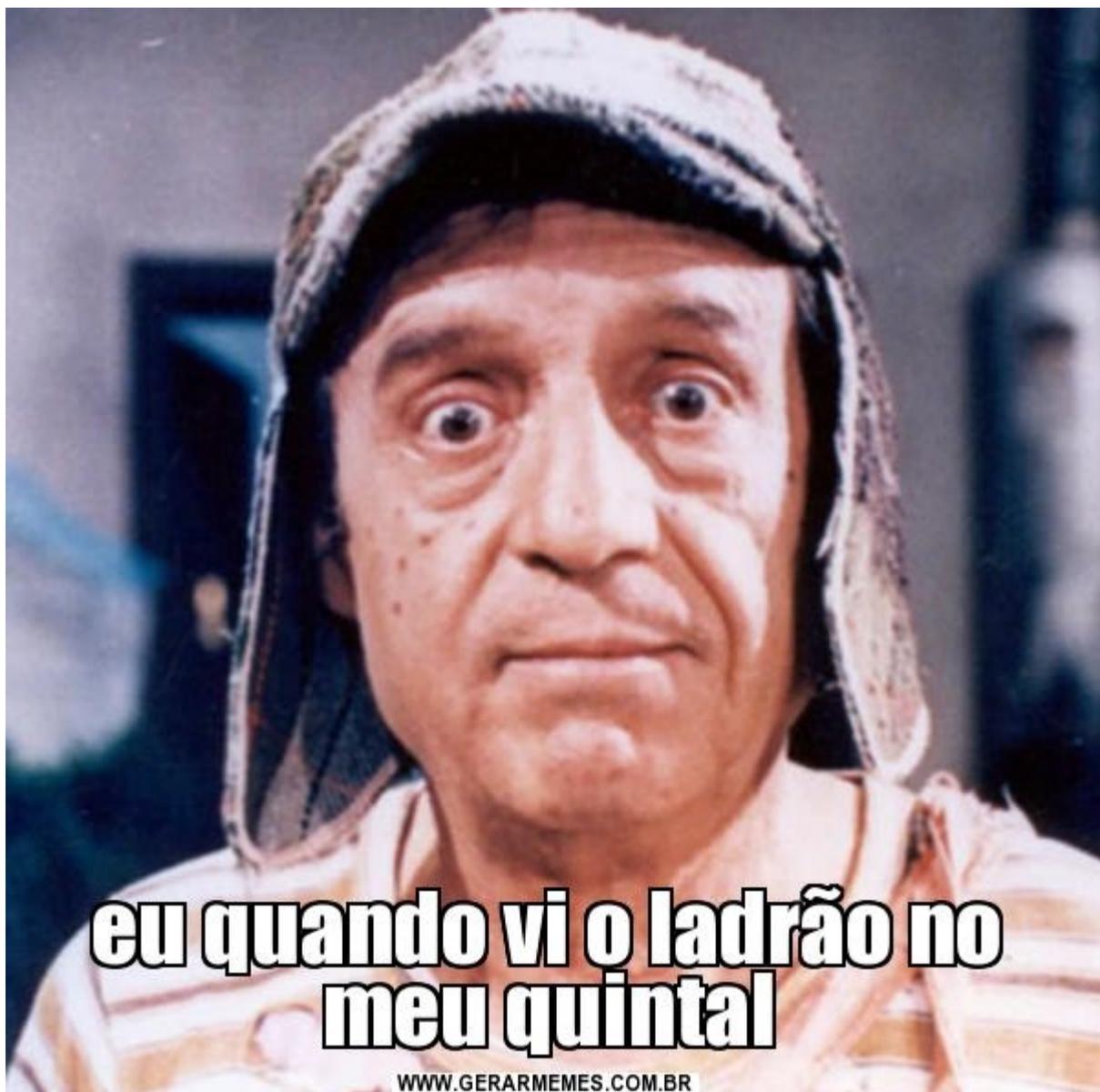
**ESPERANDO A POLÍCIA  
ATENDER O MEU CHAMADO**



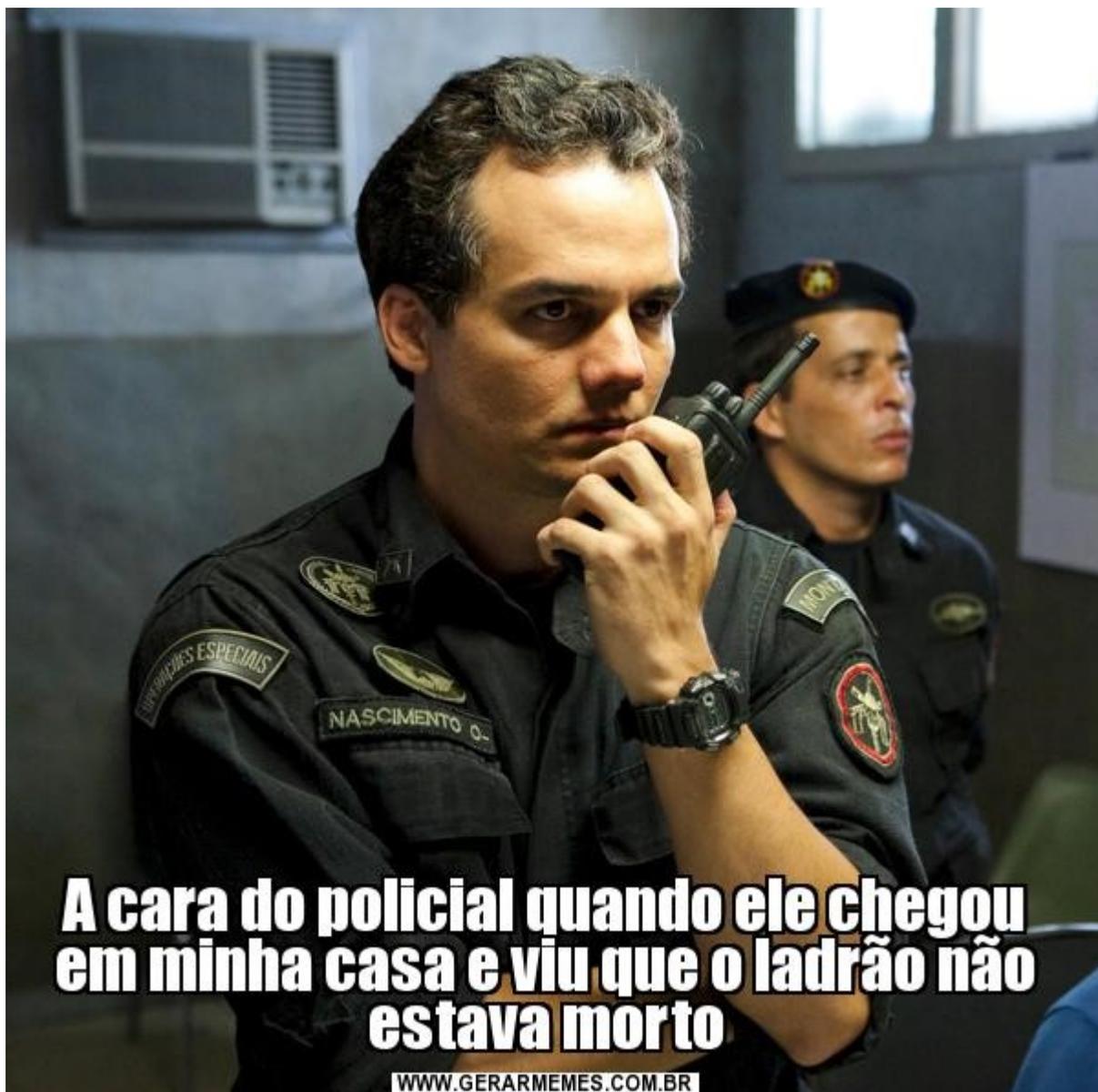
**O LADRÃO SEM ENTENDER**



[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



**MINHA CARA QUANDO EU  
DISSE PARA OS POLICIAIS:**



**EU JÁ MATEI O LADRÃO!**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**ALÔ É DA POLÍCIA?**

**TEM UMA SILHUETA  
ESTRANHA NO MEU QUINTAL**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**A CARA DA POLÍCIA QUANDO  
EU FALO QUE É URGENTE**

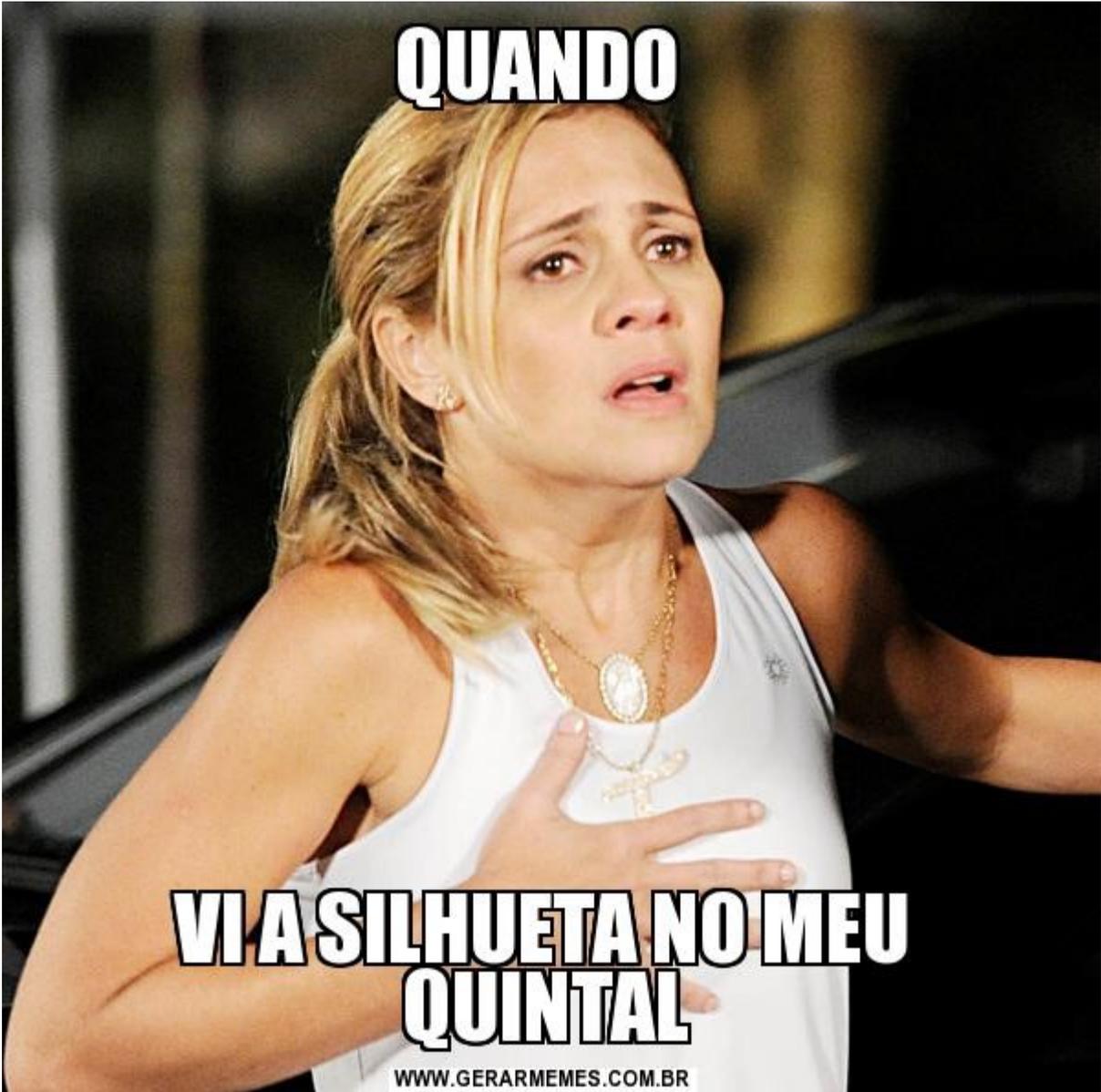
**MAS NÃO TEM NENHUM  
FERIDO**

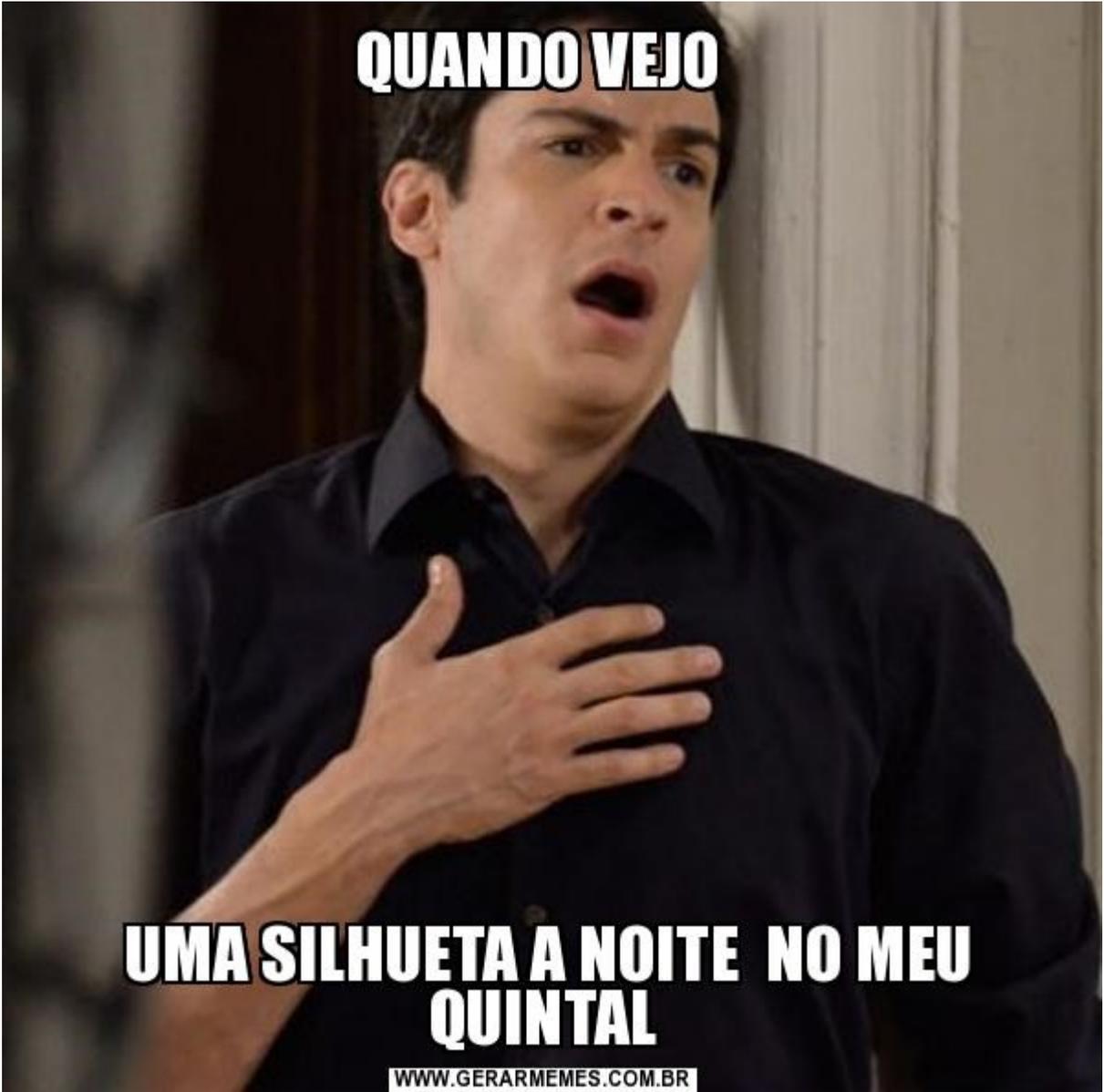
[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)

**ESSA É A CARA DO POLICIAL**

**QUANDO OUVIU QUE MATEI O  
LADRÃO**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)





**VOU MANDAR UMA**

**VIATURA QUANDO FOR  
POSSÍVEL**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)



**EIS QUE A POLÍCIA VAI NA  
SUA CASA PRIMEIRO**



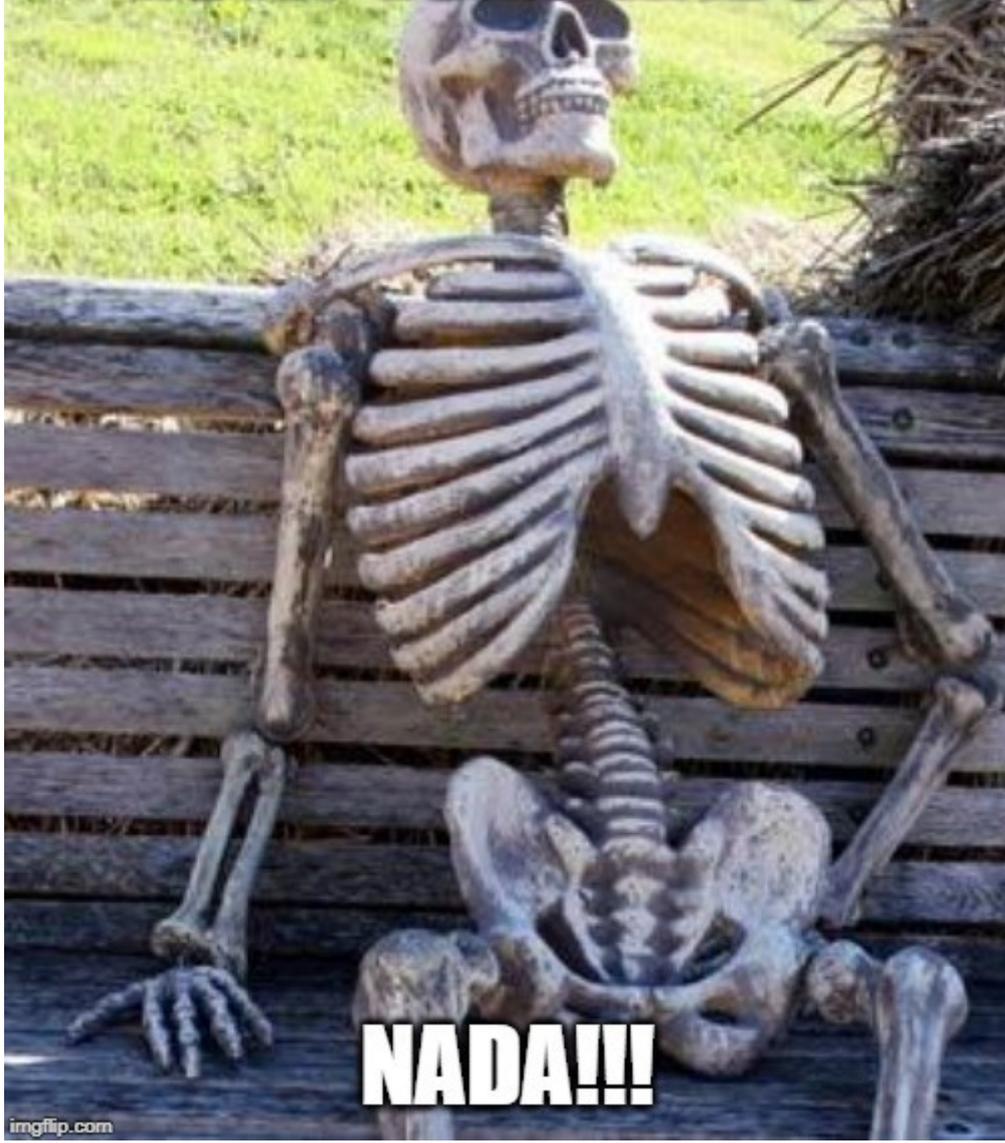
**JÁ QUE VOCÊ É O  
COMANDANTE**

[WWW.GERARMEMES.COM.BR](http://WWW.GERARMEMES.COM.BR)





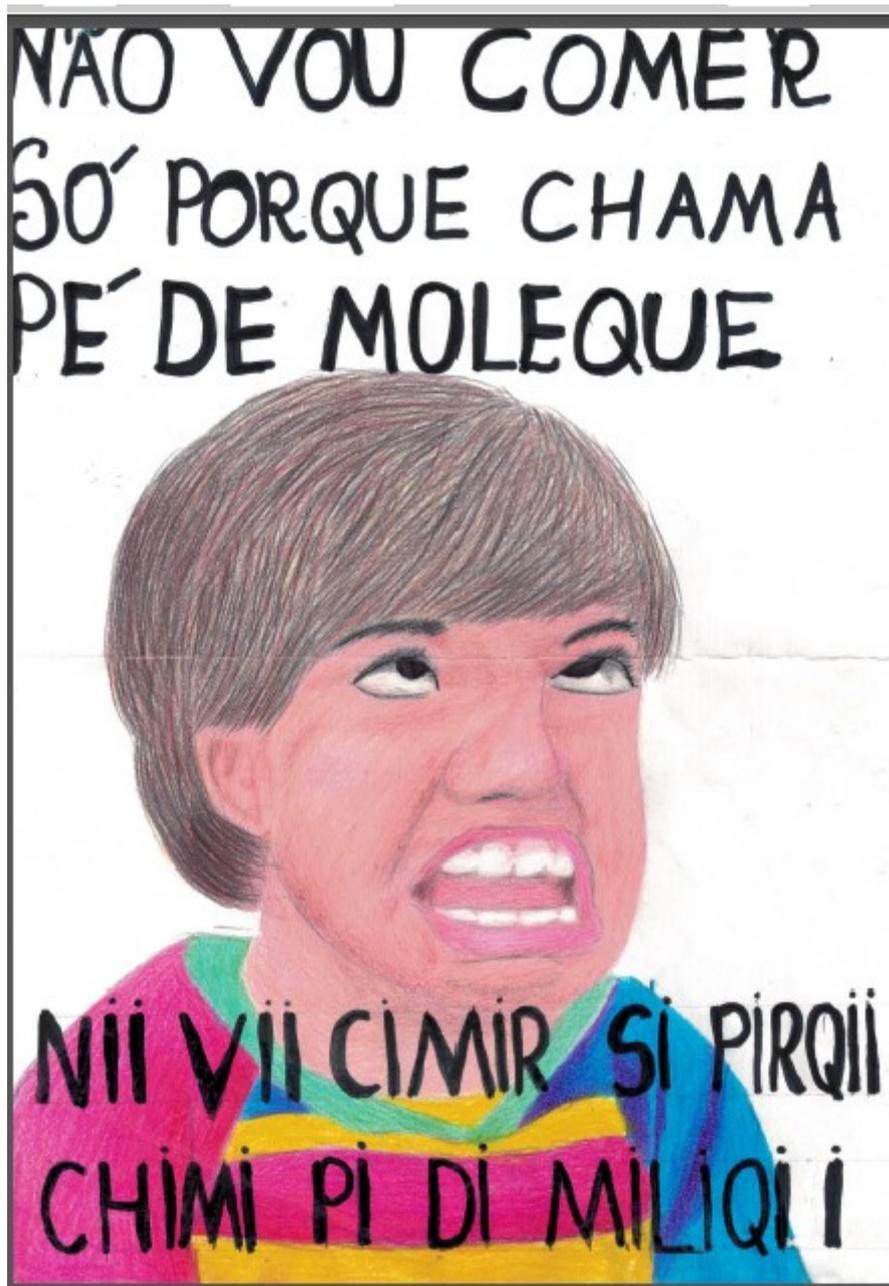
**ESTOU MEIA  
HORA ESPERANDO E**



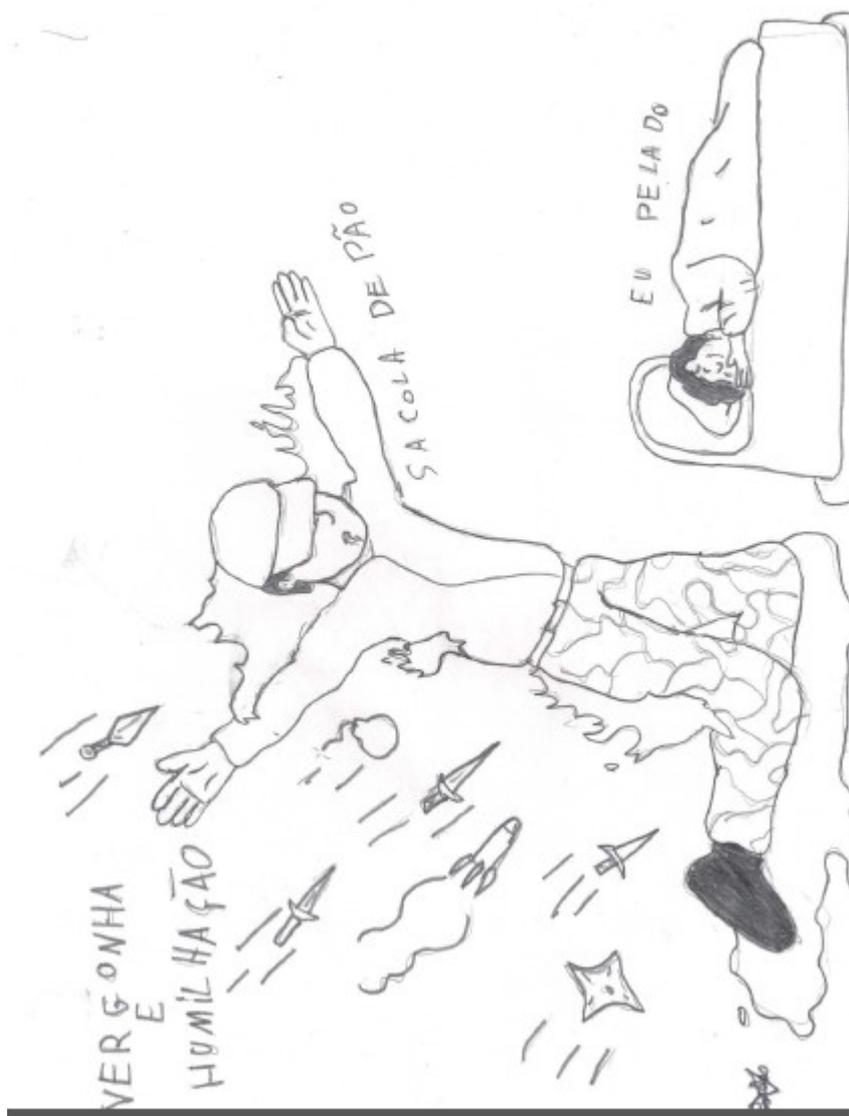
**NADA!!!**

imgflip.com

ANEXO VII – MEMES DESENHADOS

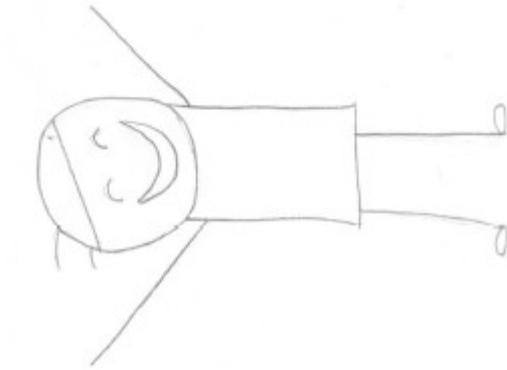




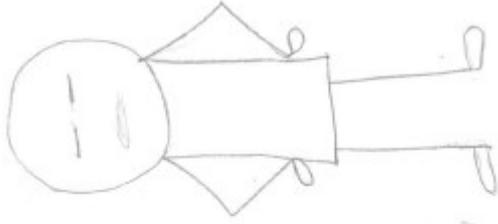




EU PENSANDO QUE IA COMER  
UMA "NEGA MALUCA".

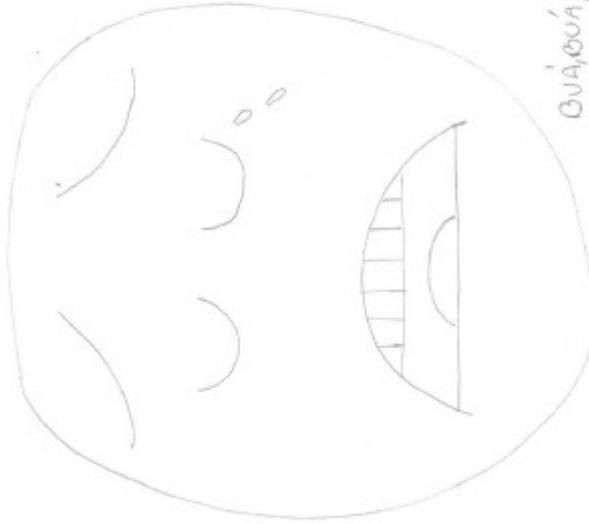


DESCOBI...QUE ERA UM BOLD.



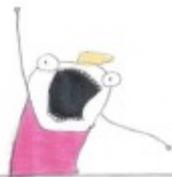
Quando riemgo,

Essa era minha reação,  
Quando alguém me  
escrevia "pé de moleque".



BUÁBUÁ, BUÁ!!!

O que somos?



Policiais



O que queremos?



Ajudar os cidadãos de Bem!



Quando queremos?



Depois do café!  
Amanhã a gente fala disso.  
Quindê! Quirimis!



Comidas com nomes estranhos



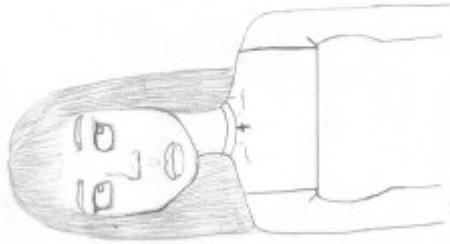
Saudade do que a gente  
não viveu ainda

Eus que sou pai  
Te dar uma bela.

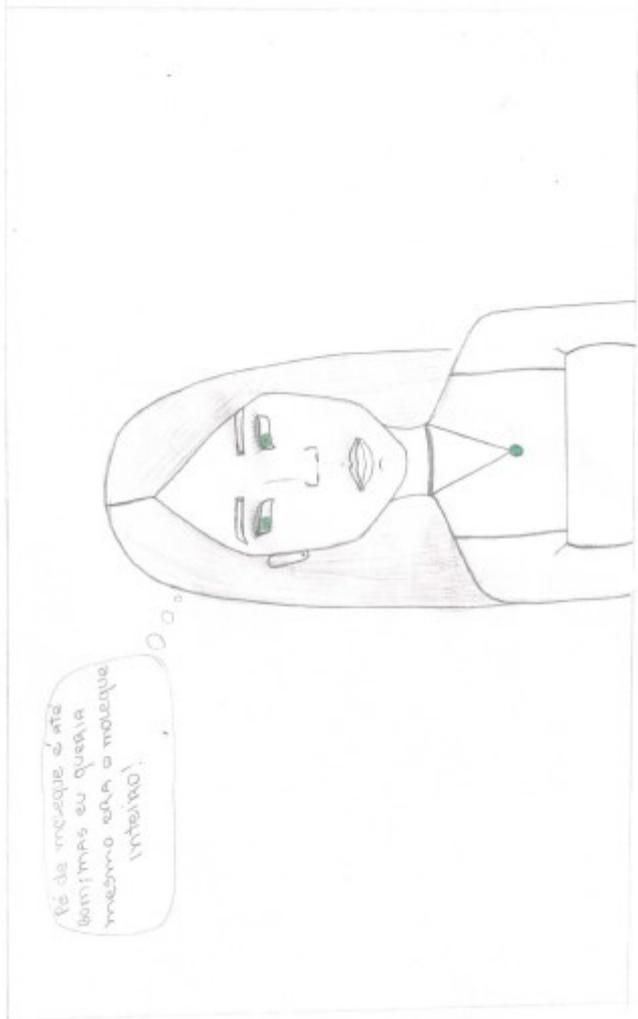
Só que não tem Wi-Fi



Perguntei minha mãe  
o que ela fez de JANTA  
e ela disse "VACA ATOLADA"



"AH, VACA ATOLADA  
É VOCÊ, MÃE!"



Se da mulher é a  
bomitas eu queria  
mesmo era o mesmo  
intelecto!

## **ANEXO VIII – DEPOIMENTO DO PROF. NEUDIMAR**

Após dois anos de trabalho com a turma, voltar a encontra-los numa sala de aula era um momento de grande alegria – porque a turma era-me bem estimada -, mas também um desafio, uma vez que o trabalho era diferenciado, com uma responsabilidade maior de despertar, mais uma vez, o gosto pela leitura.

A chegada dos alunos foi uma emoção ímpar: abraços de reencontros e surpresa com uma mesa de café carinhosamente preparada pela professora. Isso já foi suficiente para perceberem que naquelas aulas algo de muito especial estaria acontecendo.

Após o café, das falas iniciais da vice-diretora e da professora, ouvimos um convidado falando sobre leitura e leitores. Diferenciando crônica e reportagem.

No próximo momento, dividimos a turma em três grupos, sendo cada um sob as orientações da professora, do convidado e da minha. Cada grupo trabalhou com uma crônica diferente, fazendo a interpretação da mesma, caracterizando crônica e preparando uma apresentação da crônica através de uma leitura dramatizada.

Os alunos, em sua maioria, ficaram empolgados com o trabalho, esforçaram-se demais e fizeram belíssimas apresentações, pude constatar um grande aprendizado dos alunos. Uma turma muito boa de trabalhar. Já vinha realizando um trabalho de incentivo à leitura nos anos anteriores, entretanto por ser apresentado de forma diferente do usual, com certeza o interesse e o aprendizado foi visivelmente melhor.

Agradeço à professora pelo convite e aos alunos pelo grande carinho.

■ CRÔNICA

## TODOS OS NOMES

Rainer Maria Rilke escreveu, nas *Elegias de Duíno*, que “Todo anjo é terrível”. Terrível, porque imensurável, inapreensível, aterrorador. Terrível, porque, se ouvíssemos, ainda que por um breve momento, a sua voz, o murmúrio inaudito, o sussurro silente das coisas sem nome, a palavra impossível, de tão vasta, “destruir-nos-ia o próprio coração” e, por isso, pelo espanto imenso, escutamos, entre o receio e a tentação, o vento entre os corpos, o suposto vazio nos intervalos da paisagem, “a incessante mensagem que o silêncio prodiga”. Naquela manhã, o que eram todos aqueles ouvidos atentos, buscando a lembrança sutil de uma imagem qualquer, senão mensageiros que traziam, sem caber nas palavras, qualquer coisa fugidia, qualquer coisa que, fazendo morada no interior, escapava da língua e se refugiava, artilosa e sorrateiramente, no infinito particular de cada um dos universos organizados em semicírculo, dos mundos postos à minha frente?

Éramos três,

a professora, uma amiga de tempos, responsável pela sala; um professor convidado, também amigo e mestre de anos a contar, e, para tagarelar sobre leitura e literatura, eu. Os alunos chegaram, os comes e bebes chegaram, a representante da direção chegou e, depois de um agradável café, nos sentamos para conversar. Começamos pelas apresentações. Cada um respondeu se gostava ou não de ler e, em seguida, disse o seu nome – o nome que havia escolhido para si, diferente daquele dado, da palavra radical que ganhamos, ainda miúdos e recentes, para amarrar em torno dela as nossas coisas mais profundas.

Era um nome outro, colocando em paralelo a rama de sons que, até naquele momento, reunia cada um de nós, agrupando, por trás de cada sílaba, as histórias e os medos, o mito das origens, o chamado antigo dos pais ou de um vizinho já esquecido, substituindo as letras que serviam de base para um mundo de referências ainda maior, para a palavra herdada, posta, a preto e branco, sobre o nome, o nome da família, um termo ancestral – como a carga de Atlas – um lugar cheio de vultos e sombras e rostos mais ou menos conhecidos.

Estávamos todos ali, experimentando, a goles lentos, o sabor estranho daquele renascimento provisório, os olhares passeando de um rosto para o outro, em busca de uma curva que acomodasse a dessemelhança, que melhor vestisse a palavra nova no território já banal e cotidiano das coisas alheias, nas feições

do colega, daquele que, sendo outro, era o mesmo estranho familiar. Entre gargalhadas, palmas e cochichos, cada um encontrou, no íntimo, a razão por trás da escolha. Agora,

éramos muitos

e, a partir dessa jornada, seguimos para uma rápida discussão sobre as possíveis diferenças entre o discurso jornalístico e o literário. “Porque, se um texto jornalístico, por exemplo, é ortodoxo (ou se pretende ortodoxo) e ensina ortografia, um texto literário é heterodoxo e ensina heterografia”<sup>1</sup>, disse o convidado. Eu disse. Dissemos. “Então, enquanto os textos escritos na linguagem jornalística ensinam a ler e a escrever de forma correta, a literatura e os textos literários ensinam a ler e a escrever bem – e isso não é a mesma coisa. Ler bem não é, necessariamente, ler mais, tem a ver com a qualidade da leitura (do ato de ler) e não com a quantidade – isso diferencia, por exemplo, o leitor e o ledor”. A literatura te ensina a desaparecer, a desconstruir o que te prende, ela subverte as normas e brinca com as regras, trabalha o duplo sentido, a plurissignificação das palavras, as possibilidades de interpretação, os múltiplos pontos de vista, a falta de pontuação a leitura de

vagar.

“A literatura te mostra, no óbvio, o que você, até agora, não tinha visto e a crônica, se tivermos em conta os dois ‘lados’, é um gênero híbrido, porque tende, a depender do autor, mais para a linguagem jornalística ou mais para a linguagem literária”, salientou o tagarela. Nós salientamos. Eu falei. Naquela ocasião, ele disse.

Pouco depois, tivemos uma pausa. A dinâmica com grupos menores, assim que voltamos do intervalo, fez com que as pessoas emergissem maiores e mais fortes do que os uniformes e os números. Éramos dez e

éramos todos

um só coração, criaturas voltados para dentro de um círculo, rondando aquele vago – sujeitos autônomos, mas interdependentes, solidários, ainda que solitários, em nossa humanidade. A partir de uma leitura conjunta do “Homem nú”, começamos a conversar sobre tudo e deixamos as ideias livres, despidas, sem tempo que as inibisse, sem vestimenta que as encobrisse. Quanto mais falávamos e expúnhamos as nossas opiniões, mais aparente ficava a redundância de apontar alguém como uma “pessoa difícil”. Nós, por

---

<sup>1</sup> *Orthós* (ορθός), em grego, significa “reto, direito”; *Heteros* (ἕτερος), “outro, diferente”; a palavra *Dóxa* (δόξα) pode ser traduzida como “elogio, glória”, mas também como “opinião”; e “-grafia” vem de *grápho* (γράφω), ou seja, “escrever, redigir, compor”. Assim, podemos compreender a ortografia como a “escrita reta ou correta” e a ortodoxia como “opinião reta ou correta”, enquanto a heterodoxia, nesse sentido, seria a “opinião diferente” e a heterografia poderia ser entendida como a “escrita outra ou diferente”.

sermos pessoas, somos, essencialmente, difíceis, complexos, multifacetados, intensos. Todos e cada um de nós.

Tivemos, antes do fim, um instante de partilha, comentamos sobre os textos lidos, refletimos acerca de possíveis leituras e a respeito da atualidade do que estava sendo discutido. Quando tudo acabou – e nada, dessa magnitude, realmente termina, porque momentos assim escorrem para fora das horas e sobrevivem, como ilhas, na eternidade – fui caminhando para a casa. Dizem que Deus escreve certo por linhas tortas, mas prefiro acreditar que Ele cinzela melhor nos galhos curvos e que, de nó em nó, entalha o impossível. Aquela manhã inteira foi uma mensagem escrita no revés da palavra, um chamado sem voz, um lugar aberto que não cabe na língua e não sobreviveria (não sobrevive) a uma descrição – por mais longa e densa e pretenciosa que seja. A lembrança, quando recordada, é tão singela e potente que beira o assombro. Aquela manhã, em suma, com cada um de nós orbitando à sua volta, é um mensageiro, um anjo terrível, como diria Rilke. Naquele manhã, o que nasceu foi, era e continua sendo maior do que todos os nomes e o melhor talvez fosse dizer apenas

obrigado!